NA 3.ª PÁGINA: «DIÁLOGO COM UM EX-REITOR ESPANHOL»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

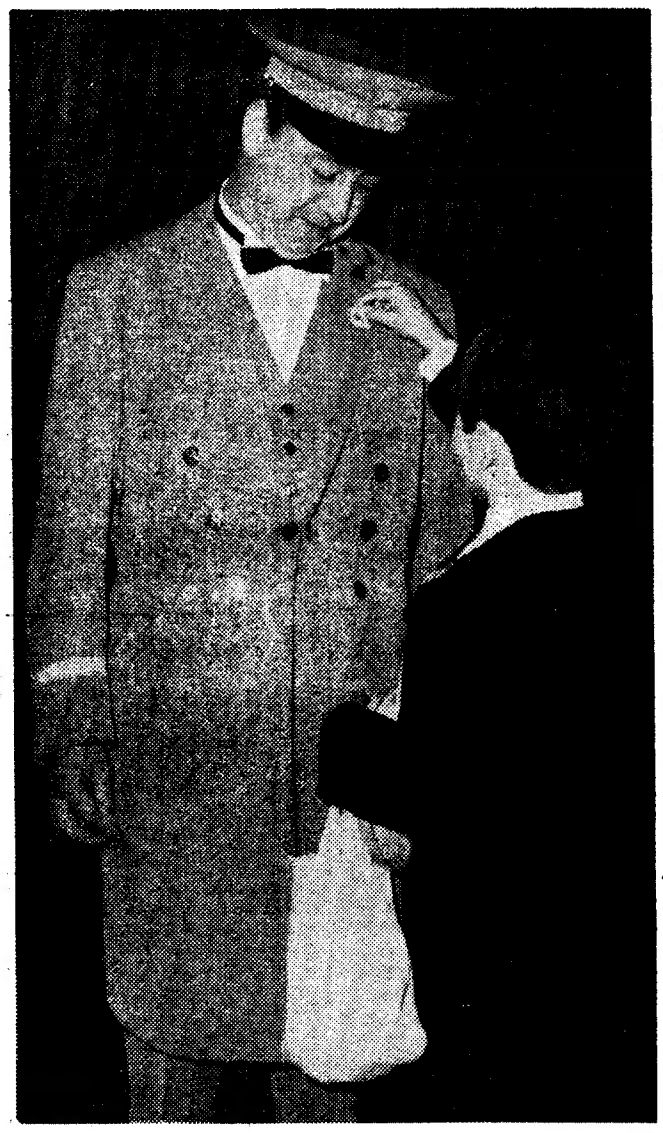
SEXTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 834 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

ESPANHA: PROBLEMAS PARA O NOVO GOVERNO

MADRID, 31 — (R.) — O novo Gabinete do generalíssimo Francisco Franco, nomeado esta semana, após uma radical remodelação governamental ,enfrenta problemas espinhosos e difíceis em várias frentes.

Para os defrontar, o Caudilho, que fará 77 anos em Dezembro, trouxe para o seu gabinete 14 novos ministros e acrescentou-lhes uma injecção de jovens tecnocratas e moderados, de pensamento europeu.



O Governo enfrenta uma grande disputa política sobre o futuro dos sindicatos oficiais, que monopolizam as relações com a classe trabalhadora. Falangistas, de camisa azul, ressentidos por verem diminuída a sua influência pelo generalíssimo Franco nos ultimos anos, tornaram-se agitados.

Nacionalistas bascos, agitando-se no Norte da Es-

(Continua na 9.ª página)

Conferência pan-europeia em 1970 — prevê Gromiko

PRAGA, 31 — (F. P.) — «As condições são propícias para a reunião de uma conferência pan-europeia no primeiro semestre de 1970», declarou hoje Andrei Gromyko, ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, falando aos jornalistas ocidentais após a assinatura do comunicado conjunto aprovado na conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros.

«As teses expostas por Willy Brandt na sua declaração governamental foram certamente evocadas na presente conferência», acrescentou o ministro.

A MENINA (SEM SAIR DE CASA) CAIU NA CISTERNA

O prédio n.º 158 da Rua do Cruzeiro é um prédio muito original: está construído sobre uma cisterna para recolha da água das chuvas, utilizada depois na lavagem de roupas e outras tarefas. Acontece que a entrada se faz pela cozinha e embora devidamente resguardado não se podem evitar certos percalços, em especial quando há crianças metidas no negócio.

Foi o que aconteceu hoje, quando a pequenina Fernanda Maria, de 6 anos, «deslizou» para dentro da cisterna. Os bombeiros, alertados pela dona da casa, acorreram imediatamente, mas não chegaram a intervir, pois, entretanto, um vizinho chamou a tarefa a si e trouxe a menina para a superfície, utilizando uma escada. Felizmente, não se passou de um grande susto.

EDUCAÇÃO SEXUAL NA TV — A B. B. C. vai transmitir, através da Televisão, uma série de lições sobre educação sexual destinada a crianças dos 8 aos 9 anos. Em princípio, o novo programa é para todas as crianças inglesas compreendidas entre aquela idade (20 mil segundo as estatísticas). No entanto, aos pais competirá decidir se seus filhos devem ou não assistir ás lições. A produtora do programa é uma ex-professora de Ciências, Margaret Sheffield, de 29 anos, que a foto mostra

O COMBATE AO CANCRO

O porteiro do Hotel Ritz deixou este menino pôr-lhe o distintivo da Liga Portuguesa contra o Cancro e meteu depois uma nota de 20 escudos no mealheiro. Este foi apenas um episódio do peditório que mais de duas mil pessoas fazem desde hoje, recolhendo fundos para a luta contra o terrível flagelo. (Ler na pág. central)

HOJE 32 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

Nixon em defesa do consumidor

WASHINGTON, 31 — (F. P.) — A angustia do consumidor médio apanhado no labirinto de um supermercado e a sua «alienação» perante a avalancha de mercadorias com que a sociedade de consumo o submerge constituem o tema da mensagem dirigida ontem pelo presidente Nixon ao Congresso.

Preocupado com a protecção dos duzentos milhões de consumidores americanos, o presidente propõe uma nova legislação que denominou «declaração dos direitos do consumidor». Esta prevê a criação de uma repartição de protecção dos consumidores no Ministério da Justiça para acelerar os processos contra as práticas comerciais irregulares e um aumento dos poderes reguladores da comissão federal do comércio.

A nova lei permitirá aos consumidores constituirem-se em grupos para reclamar nos tribunais reparações contra os danos que sofrem por parte de produtores ou de comerciantes.

Chegou, esta manhã, o navio-hospital «Gil Eannes», com vinte e três pescadores doentes a bordo. Vinte e três e mais um. Efectivamente, aquele barco trouxe também um pescador de uma traineira espanhola, ferido durante a campanha. A gravura mostra o momento em que esse pescador se despedia de dois companheiros portugueses. (Ler notícia na página central)

MARCADO PARA LISBOA
(DE 15 A 20 DE JUNHO DE 1971)
O CONGRESSO DA I. A. A.

De acordo com as conclusões do 21.º Congresso Mundial da Associação Internacional de Publicidade (I. A. A. — International Advertising Association) recentemente reunido em Tóquio, o próximo Congresso realizar-se-á em Lisboa, de 15 a 20 de Junho de 1971.

Constituída por mais de 2500 membros individuais distribuídos por cerca de 80 países, a I. A. A. é uma organização de carácter não lucrativo que em todo o mundo goza de grande prestígio contribuindo para congregar as pessoas inegradas no sector da publicidade ou interessadas nas formas de comunicação de massas relacionadas com a comercialização de bens e serviços e com a difusão de ideias — nomeadamente publicidade, relações públicas, promoção de vendas, Imprensa, meios audiovisuaisde comunicação, «marketing» em geral e estudos de mercado.

O objectivo fundamental da I. A. A. é a elevação do nível geral da publicidade e da proficiência no campo do «marketing» á escala mundial, aspirando a beneficiar todo o sector das comunicações pela cooperação com outras organizações de objectivos similares.

Note-se que, desde 1938, a I. A. A., tem sido a *unica* organização internacional devotada exclusivamente á expansão mundial da publicidade e das comunicações no campo do «marketing». Como organização, coopera no intercambio de ideias, experiência e informação entre os membros, capacitando-os a incrementar a sua competência individual.

Os anteriores congressos mundiais da I. A. A. têm constituído acontecimentos de grande projecção mundial, podendo dizer-se que se inscrevem entre as reuniões internacionais de maior relevancia, não apenas pela importancia dos temas nelas debatidos como igualmente pelo excepcional destaque das personalidades que a elas têm assistido.

Com efeito, e para nos reportarmos apenas a factos recentes, o 19.º Congresso, realizado em Londres, decorreu sob a presidência da rainha da Inglaterra; o 20.º em Berlim, teve a presidência do vice-chanceler Willy Brandt, nele tendo participado ou usado da palavra, ainda, outros membros do Governo da Alemanha Ocidental, entre os quais, o ministro da Economia, prof. Karl Schiller, bem como o prof. Kenneth Galbraith e uma valioso nucleo de investigadores; no 21.º Congresso, em Tóquio, usaram da palavra, na sessão inaugural, Sua Alteza Imperial o príncipe Hitachi e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Kuchi Aichi, tendo participado, ainda outros membros do Governo japonês.

Nestes,como nos anteriores, verifica-se, portanto, que os congressos mundiais da I. A. A. têm tido o patrocínio e a participação das mais representativas figuras da vida política, social e económica dos países onde se têm realizado.

Ao mesmo tempo, as sessões de trabalho têm sido presididas por presidentes e administradores de empresas de grande projecção mundial e por muitas das mais destacadas figuras da actividade publicitária internacional. Os diversos temas que integram os temas gerais têm estado a cargo dos maiores especialistas mundiais nas diversas matérias, desde a psiquiatria e a sociologia á economia e investigação científica. O invulgar nível das personalidades que intervêm nos trabalhos dá uma imagem expressiva das importancias dessas reuniões e do valor que em todo o mundo se lhes atribui.

Mais de 2 mil membros da I. A. A. estarão em Lisboa

A realização em Lisboa do próximo Congresso Mundial da I. A. A. — em que se espera participem mais de dois mil membros da organização — constitui assim acontecimento de grande relevância mundial e, certamente, *uma das mais importantes reuniões internacionais que se têm realizado em Portugal*. A decisão havia sido práticamente tomada quando da realização em Lisboa da 7.ª Reunião do Conselho da Europa Continental daquela organização e oficializada na reunião extraordinária do Conselho Mundial que antecedera, em Tóquio, o 21.º Congresso Mundial.

O facto de a reunião se efectuar em Portugal, quando muitos outros países a cabiçavam, mostra bem o prestígio que a publicidade portuguesa já alcançou em todo o Mundo, através das honrosas posições que tem alcançado em certames internacionais. Não será estranha, também, a circunstancia de o «chapter» português da I. A. A. ocupar já o seu 5.º lugar no Mundo e o 2.º na Europa.

Deverão salientar-se, por fim, as consequências benéficas para o nosso País, que resultam da realização em Lisboa do Congresso Mundial da I. A. A.

Em primeiro lugar, no domínio da economia e, especificamente, no do turismo, reveste-se de assinalável importancia a presença de tão elevado numero de personalidades do maior relevo nos diversos sectores da actividade económica mundial. O acontecimento não deixará de constituir um contributo apreciável para o estreitamento das relações económicas de Portugal com os países de todo o Mundo e, ao mesmo tempo, para uma promoção do nosso turismo junto de individualidades de grande influência nacional e internacional.

Do contacto com os membros da I. A. A. presentes no Congresso — entre os quais se contam os de maior competência mundial — advirão também consequências benéficas para os nossos publicitários, pela recolha e troca de ensinamentos e experiências.

DE ONTEM PARA HOJE

A PECUÁRIA NO ALÉM-MAR

Na reunião do Conselho Ultramarino efectuada ontem á tarde e que foi convocada pelo prof. Silva Cunha para se pronunciar sobre a politica de fomento pecuário, designadamente no que respeita a critérios a seguir no âmbito da administração, tomou posse o novo vogal embaixador dr. A. Franco Nogueira cuja personalidade foi enaltecida pelo comandante Peixoto Correia, vice-presidente daquela instituição. Sobre o tema da reunião disse o comandante Peixoto Correia que, no quadro das perspectivas de Angola e Moçambique, a contribuição de relevo que pode resultar do aproveitamento do Cunene — cuja primeira fase de execução é constituída pela barragem do Gove, já iniciada, e que será certamente uma valiosa obra de povoamento e fomento pecuário —, bem como do empreendimento de Cabora-Bassa, cuja respectiva barragem permitirá expandir a exploração agro-pecuária mediante a irrigação de uns 2,5 milhões de hectares de terras que marginam o rio Zambeze.

DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS

O balanço de um violento choque entre um automóvel de aluguer e uma camioneta de passageiros, ocorrido entre a Vila da Feira e Arouca, foi de dois mortos e dois feridos graves. O carro era conduzido pelo sr. Alfredo Gonçalves Pinto, de 53 anos, levando como passageiros, seu filho, Carlos Alberto Valente Gonçalves Pinto, de 16 anos, o mestre-de-obras Joaquim Ferreira Pinho, de 67 anos, e o funcionário publico Abílio Teixeira Bramão, de 69 anos. Este e o condutor morreram no choque, enquanto os outros dois entraram no Hospital de Santo António, no Porto.

MESTRE LEOPOLDO DE ALMEIDA

Constituiu significativa homenagem a entrega da comenda da Ordem de Bernardo O'Higgins, da Republica do Chile, ao estatuário Mestre Leopoldo de Almeida. A cerimónia efectuou-se, ontem, na Embaixada daquele país, tendo presidido o dr. Rafael de la Presa, representante do Chile em Portugal. Assistiram diversas personalidades, entre as quais muitos dos componentes da Liga dos Amigos do Chile, em Lisboa. O embaixador enalteceu a figura e a arte de Leopoldo de Almeida, que agradeceu muito emocionado.

RESCALDO DO FUTEBOL

No Tribunal do Calhariz foram julgados Karl Kolmer, de 24 anos, austríaco, e sua mulher, Muriel Elizabeth Ann Kolmer, de 28, inglesa, professora, ambos residentes em Cascais. Eram acusados de injúrias e agressão á autoridade, após o desafio Sporting-Arsenal. Com suspensão da pena por dois anos, foram condenados: D. Muriel Elizabeth em 120 dias de prisão, igual tempo de multa a 40$00 por dia; e o sr. Karl Kolmer em 60 dias de prisão, igual tempo de multa, também a 40$00 por dia, 500$00 de imposto de justiça a cada um e ás custas do processo.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Em Ponte de Lagos, onde residia, um automóvel colheu o pequeno Manuel Alberto da Silva Soares, de 7 anos. Gravemente ferido trouxeram-no para o Hospital de S. José. Quando lá entrou tinha morrido o pobre pequeno.

PORTO DE LISBOA

No edifício da cantina de Santos efectuou-se ontem a cerimónia da imposição de medalhas de 20 anos de bons serviços e comportamento a 35 funcionários e mais 35 estudantes empregados ou seus filhos que obtiveram médias de 14 valores ou mais. Presidiu o sr. ministro das Comunicações, estando presentes os administradores. O dr. Joyce Moniz, director das Obras Sociais e Culturais, fez uma exposição sobre a actividade dessas obras que, no seu conjunto, custaram á Administração-Geral, em 1968, 5848 contos.

«UM BOM NEGÓCIO»

O Nordeste brasileiro aberto à iniciativa dos empresários europeus

—O nosso objectivo é informar o empresário europeu do grande apoio que ele poderá receber da parte do Governo brasileiro e dos governos estaduais — disse ontem, á tarde, na Associação Industrial Portuguesa o arquitecto Paulo de Araujo Cunha, secretário de Estado da Industria e do Comércio de Pernambuco, ao falar das possibilidades que se oferecem á iniciativa estrangeira no seu país e mais particularmente no mercado potencial de 26 milhões de habitantes que é hoje o Nordeste brasileiro.

O arquitecto Araujo Cunha, chefe de uma missão económica á Europa, que compreendeu também o prof. Luís Siqueira, director-presidente dos Distritos Industriais de Pernambuco, e terminou agora em Lisboa os seus trabalhos, acrescentou para a numerosa assistência:

— *Nós estamos oferecendo um bom negócio. E bom negócio é aquele que é bom para os dois lados. Então será bom para o Brasil, porque estaremos criando riqueza e trabalho. E será um bom negócio para o empresário porque ele poderá ter bons lucros na região, dispondo de recursos naturais abundantes, de um mercado de interesse e ainda dos incentivos federais estaduais.*

Durante a conferência de Imprensa, a que estiveram presentes o eng.º Carlos Alves, presidente da A. I. P., dr. Cláudio Garcia de Souza, ministro conselheiro da Embeixada do Brasil, dr. Fernando Muller, comissário-adjunto da F. I. L., e muitos empresários portugueses, foram sublinhados os incentivos fiscais e financeiros praticados hoje no Brasil (um exemplo: as empresas estabelecidas naquele país podem deduzir, do imposto federal de renda, 50 por cento para aplicar no Nordeste ou em projectos de outras empresas ou grupos empresariais) e referido o papel da Sudene, entidade federal criada em 1959 para coordenar a política de investimentos no Nordeste e já responsável pela aprovação de 772 projectos no valor de mais de um bilião de dólares.

Abastecimento de água a várias localidades do País

Cascais vai ter ampliada a sua vasta rede de abastecimento de água, com uma nova e importante conduta de reforço — já em construção — Rio de Mula-Murches, numa extensão de quatro mil metros, em tubagem Lusalite. Em Oeiras e Paço de Arcos estão igualmente em curso trabalhos de ampliação das redes de abastecimento de água com a montagem de novas condutas que muito vão beneficiar as respectivas populações. São Romão e Bencatel, freguesias do concelho de Vila Viçosa, vão ter água ao domicilio. Por sua vez a vila de Alcandroal vai também beneficiar da construção de novas condutas de reforço ao abastecimento de água em que como nas referidas obras é utilizada a tubagem Lusalite.

O túnel do Cacém

CACÉM, 31 — Segundo informou um vereador do Município de Sintra, vai ser alargado o estreito e perigoso túnel de acesso ao Cacém de Baixo e de Cima. Quando tal melhoramento for uma realidade, ficará descongestionado o trânsito naquele local e evitar-se-ão acidentes.

O CRIME DE VISEU

VISEU, 31 — Sob a direcção do juiz dr. Marques Vidal, prosseguem as investigações e as inquirições de testemunhas e de declarantes, sobre o crime de envenenamento de que foi vítima a sr.ª D. Maria Madalena Elói Borges.

Conforme temos noticiado, o presumível culpado é o marido da vítima, sr. Horário Guilherme Borges.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO

No próximo Domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de conservação e ampliação das nossas redes.

6.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua de Santa Justa de 78 a 90 (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Cd.ª do Carmo de 48 a 62. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Sintra:** VENDA SECA; IDANHA; CASAL DA GRUTARIA. (Das 8 ás 12).

2.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** PÓVOA DE SANTA IRIA; SOBRALINHO; ALDEIA DO SOBRALINHO; ALVERCA; VERDELHA e linha A. T. entre Alhandra e Verdelha (Zona Norte). (Das 7 ás 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** ALENQUER; CHEGANÇAS; OTA (Base); OTA (Vila); ABRIGADA e linha A. T. entre Alenquer e Abrigada. (Das 7 ás 14 horas).

LICEU

CICLO PREPARATÓRIO—CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LÍNGUAS

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

- ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
- EXTERNATO MARQUES DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef 820221
- EXTERNATO ÁLVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — T. 706974

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

DIÁLOGO COM UM EX-REITOR ESPANHOL—1

A AUTONOMIA OS PROFESSORES E OS ESTUDANTES

As afirmações muito repetidas têm sobre si uma ameaça impiedosa: desgastam a capacidade de entusiasmo das pessoas, roubando-lhes o encanto saboreado na primeira descoberta, cedo convertida em desposo de batalha aparentemente inútil. Encontramos, com frequência, numerosos exemplos deste envelhecimento da linguagem e dos métodos, muito embora se reconheça que o seu enquadramento vive em estreita dependência da complexidade própria de cada tecido social. Os políticos conhecem ao vivo esta problemática: convergindo neles as linhas de força da cidade dos homens, podem aperceber-se fàcilmente das exigências de renovação postulada pelo exercício da sua própria actividade. Tal parece ser o caso de Mao Tsé Tung,

Por ADELINO AMARO DA COSTA

ao desencadear uma revolução cultural de consequências em princípio imprevisíveis, e procurando assegurar — segundo tudo leva a crer — a permanência de um ideal revolucionário nas gerações nascidas anos depois da revolução chinesa.

E a verdade é que a política, como tudo na vida, exige um esforço constante de superação, numa renúncia aturada ao papel já usado nas duas faces e que não convém sequer arquivar, destinado como está a uma implacável consumição na voragem da história. Implica-se aqui uma determinada incomodidade, um estado de tensão permanente que obriga os condutores dos Estados, ou os candidatos a essa condução, a uma atitude de vigilância pessoal, na busca de novos estilos, novas linguagens, novos métodos, de modo coerente, sem oportunismos, mas, sempre e também, por forma verdadeiramente actualizada.

Do que se trata, afinal, não é da relatividade dos valores — tão ligados se encontram eles à própria natureza e ao destino humano —, mas das fórmulas de enfrentamento da problemática social que essas, sim, são essencialmente relativas na ampla variedade dos caminhos ou das soluções susceptíveis de adopção.

No âmbito das afirmações muito repetidas estão as relativas ao chamado «conflito das gerações». Eis uma via fácil para acomodar, no contexto de um pensamento demasiado estratificado, um problema profundo que adquire hoje ressonâncias específicas. E — circunstância curiosa — o próprio fenómeno da actual agitação da juventude aparece como um poderoso índice da rotina burocrática do pensamento político e do ambiente social reinante em numerosíssimas nações deste nosso mundo.

Os estudantes universitários têm sido os principais protagonistas dessa agitação e esse é um fenómeno amplamente conhecido, pelo menos nas suas vertentes epidérmicas.

É verdade que, neste ou naquele país, manobras partidárias pretendem — o que é natural — escudar-se na espontânea inquietação estudantil ou na sua maturidade nascente e já afirmada, para delas extrair um reforço das suas próprias posições. Em outros, ou nos mesmos países, entretanto, a mesma inquietação é utilizada como cavalo de batalha de contra-ofensivas também conhecidas. Mas, para além desses aspectos, a própria existência, quase universal, dos clamores universitários é um sinal inequívoco da temperatura humana das sociedades contemporâneas.

Eliminemos os aspectos episódicos, as manifestações mais ou menos violentas e, aparentemente desconexas; eliminemos as escamas desse hoje tão falado «fascismo de esquerda»; e o resíduo que nos será oferecido proporcionar-nos-á o quadro de uma juventude que encontra muitas razões para não estar satisfeita. Perguntemo-nos, sem angústias desnecessárias, mas com coragem: que perspectivas são dadas pelas sociedades modernas à juventude intelectual do nosso tempo?

Uma conversa em Espanha

Conversei sobre estes temas, na atmosfera calma de um «hostal» da Viscaya espanhola, com Alfonso Balcells, antigo reitor da Universidade de Salamanca e, de há dois anos a esta parte, professor de Medicina na Universidade de Barcelona.

Balcells foi um homem muito falado na Imprensa do país vizinho enquanto desempenhou as suas funções de reitor e, por inerência, as de procurador das Cortes espanholas.

Adoptou um estilo independente na sua actuação parlamentar, tendo feito escola em Espanha a sua afirmação de que os membros das Cortes seriam «procuradores de silêncios, palmas e *amén*». O eco desse veredicto foi tal que, ainda recentemente, o ministro Lopez Rodó a ele se referiu indirectamente, refutando-o, em entrevista concedida para o livro «Conversaciones em Madrid» — um *best-seller* da literatura ensaística espanhola deste ano (1).

Nos seus cinquenta e tantos anos, ar grave de catedrático, espírito aberto e moderado, gargalhando com vigor um dito espirituoso, o dr. Balcells conserva as inquietações da sua juventude, quando, já na iminência da Guerra de 1936-39, combatia junto a Gil Robles nas pelejas do partidarismo republicano. Hoje, e tal como ele próprio afirma, está como o rio Guadiana: reentrou na terra, aguardando o momento de voltar à superfície da vida política.

Falei com o dr. Balcells sobre a Universidade e, mais particularmente, sobre os professores e sobre os estudantes. Pareceu-me ajustado recolher as suas opiniões acerca de temática tão actual na Espanha de hoje.

Os professores

Têm sido acusados do pecado do imobilismo os professores universitários de numerosos países do mundo. Na verdade, muitos deles manifestam frequentemente sérias dificuldades em adaptar-se a uma grande evolução institucional e sociológica, sobretudo quando já ultrapassaram determinada idade. Naturalmente, o dr. Balcells evitou, quando lhe puz esta questão, ferir o pundonor dos seus colegas de docência e disse-me:

— *Por desgraça, são bastante numerosos os professores que se mantêm*

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

NA SENDA DA TRANQUILIDADE

O CONSELHO DE MINISTROS não se esquivou a sublinhar também a serenidade com que decorreu em toda a parte o acto eleitoral de domingo passado. A sublinhar e a regozijar-se, como aliás, aqui mesmo igualmente nós o fizemos. Quer isto dizer que o povo que nós somos não é tão mau como às vezes nos julgamos ou os outros nos julgam, não havendo lugar para quem quer que seja incluir no seu vocabulário circunstancial a designação de «arruaceiros». Ninguém os viu e julgamos que ainda bem, qualquer que fosse a banda donde eles pudessem surgir.

A análise metódica dos números finalmente apurados da eleição pode conduzir a uma longa série de interpretações que se estabelecem através das relações: população do País em idade de votar/eleitores inscritos/votos expressos nas urnas/votos para a U. N. e votos para as oposições. Tudo isto pode fornecer elementos da maior utilidade para os juízos que se pretenda fazer, mesmo do ponto de vista sociológico. Mas o observador político, que desde sempre tenha tido o gosto ou a ambição de o ser, pode votar-se às suas observações mesmo sem computadores.

Os magros resultados revelados pelos números permitem que se estabeleçam no mapa do País algumas manchas correspondentes a tendências várias. Onde e porquê as principais manchas abstencionistas? Para além do abstencionismo, onde e porquê o absentismo? E o abstencionismo pode significar uma atitude, a ausência de inscrição no recenseamento daqueles que lá deveriam estar é outra coisa. E aí, parece-nos, é que se torna necessário fomentar a campanha das inscrições. Todos os sectores políticos estão interessados. O Governo, como Governo, deve estar mais que todos.

Dizemos o Governo como Governo e isto quer dizer alguma coisa. Nesse alguma coisa vai o desejo de um voto de confiança que o Governo se esforçará certamente por merecer e mal faria mostrando-se indiferente a ele. Queremos dizer que o Governo não deverá comportar-se como o Governo de um partido que apesar de tudo teima em não se considerar como tal. Queremos dizer que o Governo deve sentir-se o Governo da Nação, o Governo de todos os Portugueses e, como tal, sentir que lhe cabe promover que seja ouvida até onde o puder ser a voz de todos os Portugueses.

Os que concorreram às urnas, muitos deles, aliás, contestando as condições de salubridade do sistema eleitoral instituído, contestaram mas aceitaram o funcionamento a que se sujeitaram. Como aceitaram sem protesto o veredicto que do acto se extraiu, no que tiveram um comportamento coerente e digno. Não pode o Governo, pois, queixar-se das oposições, que, com a sua presença, não deixaram de valorizar o significado da consulta. Foi uma oposição «bem comportada» a quem o Governo deve tirar o chapéu.

Queremos com isto dizer que não deve o Governo deixar atrair-se para o pendor fácil de designar por práticas subversivas, como é de uso repetido mas desacreditado, as diligências que porventura vierem a ser tentadas para intensificar o recenseamento eleitoral. Porque intensificar quer dizer conferir-lhe autenticidade. É um acto político? Pois claro que é. Mas não é um acto político partidário, sectorial, nem contra o Governo. É um acto político de sentido nacional. Exactamente como pretendemos que seja o Governo que tem as responsabilidades de ser Governo.

O CHAPÉU DA FLOR CASTANHA

D. Maria dos Prazeres veio não se sabe de onde, ela chegou-se à loja, à empregada que por acaso era a encarregada, e disse «eu cheguei agora da província, não estou muito a par destas coisas...»

D. Maria dos Prazeres veio da província «queria um chapéu, para casamento, o que é que acha?»

Tornava a dizer que chegara da província, na véspera, viera para o casamento de um sobrinho, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, tinha lá uns chapéus em casa, mas francamente... Precisava de uma coisa que fosse com aquele vestido, enfim, ela pessoalmente não tinha grandes preocupações de beleza, nem de exagero de moda, mas como vinha da província, não queria que.

A encarregada perguntou a madama se era casada. D. Maria dos Prazeres corou como se tivesse ouvido uma obscenidade. Sorriu quando a encarregada lhe perguntou se era viuva.

— Desculpe, mas um chapéu tem de estar de acordo, não é verdade?

— Não tem importância.

D. Maria dos Prazeres foi conduzida até um chapéu com uma flor decadente em castanho, para a direita. Foi garantida de modernidade.

— Mas uma flor castanha...

Que se madama quisesse seria mostrada outros chapéus. No entanto. Castanha, a flor? Pois aí estava a modernidade. No moderno, a cor é uma invenção. Até existem flores aos quadradinhos. Para madama, que ainda era tão nova, ficava bem um toque moderno, mas não em excesso. O chapéu era de linhas clássicas, a flor é que lhe dava outra aparência. Havia uma revista que trazia tulipas castanhas. Parece que se consegue com uma injecção. Agora tudo se consegue com injecções. «Era uma rica ideia se eu te conseguisse impingir o chapéu, minha parva, quero lá saber que seja castanho ou cor-de-rosa, levas o chapelinho, ai levas que te regalas».

D. Maria dos Prazeres saiu da loja um quarto de hora depois. Parou diante da montra de espelho, mais adiante. Como ficaria ela, no dia seguinte, com o chapéu da flor castanha? O entusiasmo não era nenhum, a inquietação polvilhava-lhe de canela o arroz-doce dos gestos resignados. A verdade é que fora tudo por causa da simpatia da vendedora. Aquele sorriso, aquela tranquilidade, a lentidão apaziguadora na confusão da cidade...

O dia aproximava-se do seu termo, D. Maria dos Prazeres, que não se entendia com os autocarros, chamou um táxi. De qualquer modo, o chapéu era só para a cerimónia, depois guardava-o no armário, não pensava mais nisso. Que flor era aquela, a da injecção?

MARIO CASTRIM

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Já teve gripe este ano?

Muda o tempo, andam por aí, rejuvenescidos, os micróbios da gripe. E a doença instala-se, especialmente nos organismos mais débeis, física ou econòmicamente falando, tanto faz. Para os outros, uma gripe é (quase) um agradável pretexto para reler um livro esquecido ou conhecer as novidades do ano. De uma gripe ninguém está livre, essa é que é essa. Daí a pergunta de hoje.

● — Já, já. Muitas — *respondeu pressuroso, o sr. José Mendes Cabanas, um canalizador de 50 anos.*

— *Muitas? — admirámo-nos.*

— Sim, muitas. E olhe que não as vou curar à cama. Vou deixando o tempo passar e elas desaparecem. As minhas gripes são apanhadas e curadas fora da cama. Nem tomo remédios...

● *Por seu turno, o jovem António José Gomes Tomás, de 17 anos, padeiro, pareceu surpreendido com a pergunta. E respondeu, peremptório:*

— Não; nem agora nem nunca.

— *Mas nunca caiu à cama, doente?*

— Não, nunca! *(E foi-se embora, ainda admirado com as perguntas...)*

● *O terceiro entrevistado, sr. Vítor Manuel Gaspar Santos, de 22 anos, actualmente no serviço militar, também ainda não teve gripe este ano.*

— Mas costumo ser atacado uma ou duas vezes por ano. Todavia, não faço muito caso. Tomo uns comprimidos e pronto.

A AUTONOMIA OS PROFESSORES E OS ESTUDANTES

(Continuação da pág. anterior)

adversários («reacios» — em castelhano) de toda a mudança, por rotina, por inércia ou por excessivo apego ao tradicional. É por isso que se tem afirmado que a mudança deve originar-se e provir de fora da Universidade. Mas é possível que não se tenha salientado devidamente o fecundo potencial da responsabilidade, quer dizer da autonomia. Poder-lhe-ia falar do enorme impulso e vitalidade da «Universitat Autonoma de Barcelona», durante a sua curta existência, por volta dos anos trinta. Eu próprio fui, então, representante escolar no claustro académico e considero muito positiva a participação dos estudantes na gestão universitária. Um Conselho consultivo («patronato») englobando ex-alunos, representantes da indústria, dos colégios profissionais, etc., e outras personalidades pode contribuir para o estímulo e a fiscalização por parte da Sociedade.

A autonomia

— Isso é verdade. Suponho que em todas as universidades napoleónicas se manifesta uma apetência, pelo menos vaga, relativamente à autonomia. Existem, no entanto, algumas dificuldades para a realização, pura e simples, de um esquema autonomista. Nesse sentido seria necessário introduzir nas leis gerais que consubstanciem uma reforma institucional da Universidade alguns pontos fundamentais com o objectivo de superar aquelas dificuldades.

— *Nem mais. Precisamente em Tóquio — quando da última Conferência Internacional das Universidades —, eu declarei que, sendo partidário da autonomia, reconhecia a necessidade de se evitar a sua mera aparência que consistiria em a Universidade «se libertar» do Estado, do centralismo, para depois cair em mãos do localismo — dos interesses regionais e particulares — e das suas interferências, por meio de forças vivas, autoridades municipais e provinciais, grupos de pressão, partidos, etc. Outra aparência de autonomia consistiria em que sòmente dela se beneficiassem as pessoas dos universitários — professores ou alunos —, quer dizer os seus «direitos» e «interesses» particulares, em lugar de a entender como autonomia da instituição para o melhor serviço dos seus fins. Para obviar a estas dificuldades e as que levaria consigo uma completa independência das Universidades entre si, com o consequente divórcio da planificação geral do país, parece necessário integrar no Conselho consultivo de cada Universidade as personalidades de que há pouco lhe falei. Isto, àparte de se criar uma Conferência Permanente de reitores junto do ministro da Educação, para a coordenação de programas.*

— Compreendo o seu ponto de vista. Mas acho que as dificuldades extrínsecas da autonomia a que se referiu não são isoláveis daquilo a que se poderia chamar os males internos que podem persistir na Universidade mesmo funcionando autònomamente. Quero aludir à imensa importância que pode ter, na maior parte das Universidades, uma determinada composição dos seus órgãos de governo, a que o sr. dr., aliás, se referiu de passagem a propósito da «Universitat Autonoma de Barcelona». A presença, nesses órgãos de governo, dos mais jovens elementos da Universidade — assistentes e estudantes — parece-me um factor poderoso da dinamização universitária.

Frente aos estudantes

Mas suponho que nos desviámos um pouco do tema central da nossa conversa: professores e estudantes. Diz-se que os professores universitários são fàcilmente pressionados a agir por meio dos distúrbios... — e peço desculpa de me fazer eco desta tão pouco lisongeira afirmação junto, precisamente, de um professor. Mas queria saber como reagiram em Espanha os docentes à chamada «contestação estudantil».

— *A imensa maioria dos professores rejeita a politização da Universidade, uma vez que supõe a sua «instrumentalização» ao serviço da propaganda e das lutas políticas de partido — não da Política construtiva e comunitária — com a consequente paralisação da vida académica e a perca do sossêgo necessário ao estudo e ao trabalho criador.*

— Sim, mas qual é a atitude positiva que devem adoptar os professores e, em particular, as autoridades académicas face às exigências actuais de uma juventude pouco cómoda?

— *Devem escutá-la e atendê-la quando reclama reformas académicas — são as únicas em relação às quais os professores e as autoridades universitárias são competentes. Mas a verdade é que sempre podem orientar a juventude para que elabore e canalize melhor os seus desejos e inquietações.*

No fundo, havia expresso neste modelo de conduta a afirmação de uma necessidade urgente: a de que os professores se fizessem homens do seu tempo, que se revestissem da generosidade implicada no processo de pensar a Sociedade como um globo, fugindo ao isolamento confortável de um trabalho universitário desconectado da vida e da «polis».

ADELINO AMARO DA COSTA

(1) «Conversaciones en Madrid» é um conjunto de vinte e quatro entrevistas com outras tantas personalidades do pensamento, da política, da economia, da literatura, das artes, etc., da vida espanhola contemporânea. Da autoria de um intelectual de Barcelona, Salvador Paniker (de ascendência hindu), foi publicado, pela primeira vez em Maio passado, tendo-se sucedido as edições em ritmo apreciável. Entre os entrevistados contam-se os ministros Fraga Iribarne e Lopez Rodó, os antigos ministros Ruiz Gimenez e Ullastres, Tierno Galván, o ramancista Camilo José Cela, o cineasta Berlanga, Calvo Serer (dirigente do jornal oposicionista «Madrid»), o psiquiatra Ibor, etc., proporcionando um complexo retrato da Espanha intelectual de hoje.

«Peregrinatio ad Loca Infecta»

— 70 poemas e um epílogo de Jorge de Sena

«Em trinta e um anos de publicar poemas (e trinta e três de escrevê-los), e nos já vinte e oito de reuni-los em volumes, é esta a minha nona colectanea, organizada quando por meses vou cruzar os cinquenta anos.»

Jorge de Sena, de novo afastado do país após breve visita, como que faz sucinto balanço poético na altura de dobrar para o outro lado da Atingiu ele o ponto culminante ao deitar olhos para essa sua produção? Quem o poderá dizer, já que o cimo do planalto de um artista poucas vezes corresponde á cimeira biológica?

O poeta e erudito, ensaista e investigador, ficcionista, com umas dezenas de volumes publicados e alguns do maior êxito e em nenhum deles metendo dente a vulgaridade, mantém um ritmo de produção e uma altura que o colocam na primeira fila dos nossos poetas e dos nossos ensaístas. É dos nossos grandes poetas e os «seus exílios americanos», como ele os classifica, deram ao escritor uma descontracção e um á-vontade que só têm sido benéficos á sua obra e á nossa várzea literária portuguesa.

Em «Peregrinatio ad Loca Infecta», incluído na colecção dos Poetas de Hoje da Portugália Editora reuniu os poemas que «representam momentâneas desoidas críticas do poeta ao seio da sua visão do

JORGE DE SENA

mundo». Eles são realmente o Jorge de Sena, artista, erudito e crítico que até na sua poesia não deixa de ser o cidadão do mundo, o homem inteiro, sem quebras e sem desfalecimentos.

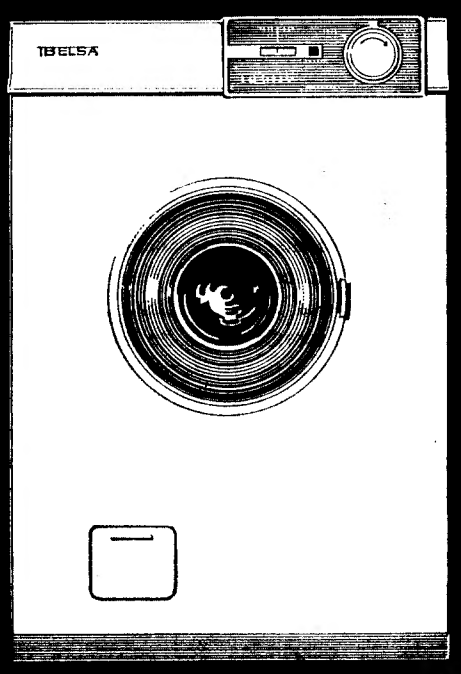
Incêndio devastador numa propriedade

ILHAVO, 31 — Os Bombeiros Voluntários desta vila acorreram á freguesia da Gafanha da Encarnação onde se manifestara incêndio numa propriedade pertencente ao sr. Julio Dinis Vidreiro, onde arderam medas de palha, sendo os prejuízos calculados em mais de 15 mil escudos.

Como o fogo tomasse maiores proporções, foram, também, pedidos socorros aos Bombeiros de Aveiro, e só ao fim de mais de duas horas, se conseguiu dominar o incêndio.

Se dá valor ao seu dinheiro compre uma IBELSA

*QUALIDADE, SINÓNIMO DE GARANTIA!



SUPER AUTOMÁTICA 5 Kg DE ROUPA SECA

detergente recomendado

DISTRIBUIDORES GERAIS

MONTEIRO & REYNOLDS, LDA.

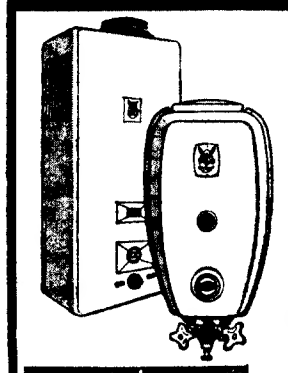
DIVISÃO ELECTRICA TELES 838170 42495

Em exposição e venda:

EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS

AV. ALMIRANTE REIS, N.º 12-A e 12-B

Vaillant



esquentador a gás

MODERNO-ATRAENTE-PRÁTICO E EFICIENTE

* modelo normal ou com acendedor automático

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO POLITEAMA

TÍTULO — «Sartana (Sartana).
REALIZAÇÃO — Frank Kramer, 1969 (Itália).
INTÉRPRETES — John Garko, Marie P. Count, Fernando Sancho, etc.

... «*Se encontrares Sartana reza pela tua morte*» explica a publicidade da fita. Eu encontrei Sartana. Agora já nada me resta, senão... esperar que rezem por mim. Eu explico como foi: mais um *western* italiano (ou ítalo-alemão, ou ítalo-espanhol, ou ítalo-alemão-espanhol, ou que quer que seja porque vem tudo a dar na mesma coisa) se estreou ontem no Politeama. Fui ver como era e já está: dei de caras com o Bartana. Vai daí ele puxa pelo revólver (que por sinal era uma espingarda) e despeja o carregador. Apanhei uma mesmo entre os olhos. Não é de estranhar: Sartana é assim («Vigoroso! Implacável! Explosivo!»). O homem era um violento. Soube-o tarde de mais. Agora o que me resta é esperar que rezem por mim. E na campa um dístico: *Aqui jaz um crítico de cinema bàrbaramente assassinado por Sartanas. Paz à sua alma.*

Se não quer encontrar Sartanas já sabe o que tem a fazer: não pactue com os sinistros conluios dos «westerns» «made in Italy»

L. A.

• NO ROMA

TÍTULO — «Noites de Outros Tempos» («Le Piacevoli Notti»).
REALIZAÇÃO — Armando Crispino e Luciano Luciguani (1968).
INTÉRPRETES — Vittorio Gassman, Gina Lollobrigida, Ugo Tognazzi, Adolfo Celi e Maria Grazia Bucella.

Vittorio Gassman, Gina Lollobrigida, Ugo Tognazzi, Adolfo Celi e Maria Grazzia Bucella protagonizam esta película de gosto revisteiro, de piada ao nível popularucho da facilidade arvorada bandeira. Dois realizadores dirigiram, três fotógrafos captaram as imagens, uma centena de actores e muitos técnicos despenderam energias nestas «Noites de Outros Tempos». Com que finalidade? Fornecer um novo produto de venda certa e assegurada. Compete ao publico votar: renovação ou continuidade?

Em suplemento: um bom documentário de Matos Silva «Por um fio», de que amanhã falaremos mais detalhadamente.

L. A.

• NO ESTÚDIO 444

TÍTULO — «Desejo Perverso» («Grazie Zia»).
REALIZAÇÃO — Salvatore Samperi.
INTÉRPRETES — Lou Castel, Lisa Gastoni.

Trata-se de um caso patológico: Alvise, filho de um rico industrial, simula que está paralítico e que tem de andar numa cadeira de rodas. A pouco e pouco, vai envolvendo no seu mundo mórbido (em que predomina a figura de Diabolik) a tia, Lea, que por ele se deixa fascinar e se apaixona. O isolamento progressivo do mundo real, a chegada para muito breve dos elementos normais da família, a crescente destruição da casa e do ambiente e o clima de jogo perverso que se vai criando, fazem deste filme insólito uma espécie de «Repulsa» a dois. Sinplesmente, onde Polanski utiliza geometria, combinação e rigor, Salvatore Samperi falha redondamente. Projecto difícil, que se equilibra em Samperi um executante mediocre, que não sabe evitar nem o ridículo, nem o absurdo. O uso de certas receitas em voga (um erotismo doentio, uma sedução pelos universos perturbados, uma valorização do jogo) não chega para criar uma obra moderna. Mas o «Desejo perverso» passará, e já se anuncia, uma curiosa dialéctica, «A Sublime Tentação»...

E. P. C.

«RI-TE, RI-TE» NO MONUMENTAL

Em 4.º mês de enchentes consecutivas, e aplaudida por mais de 250 000 espectadores, a revista da moda «Ri-te, Ri-te», continua a ser servida pelo maior elenco dos teatros de Lisboa. Vasco Morgado apresenta. Os Parodiantes de Lisboa, José Andrade, Manuel Puga e Ruy Andrade, escreveram; Carlos Dias e José Mesquita musicaram e o Teatro Monumental é a magnífica sala onde se dá a grande vitória teatral dos últimos anos.

Atrás do Reposteiro

- *Tem sentido ligeiras melhoras o actor Barroso Lopes.*
- *O actor Carlos Coelho deve ser o ensaiador do «poema» da nova revista do Variedades.*
- *Regressa dentro de dias a Lisboa a companhia de Laura Alves.*

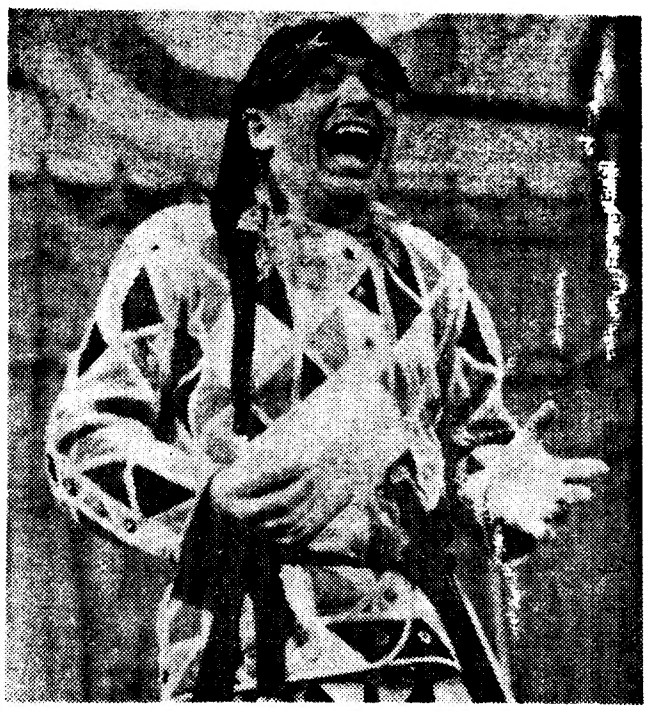
A ESTREIA DE GALA DE «A BATALHA DE INGLATERRA»

O Chefe do Estado assistiu ontem com a esposa e a filha, á estreia de gala da superprodução «A batalha de Inglaterra», de Guy Hamilton, que levou ao Cinema São Jorge vários membros do Governo, altas patentes das Forças Armadas, representantes do Corpo Diplomático e das Letras, Artes e Informação.

O espectáculo patrocinado pela Embaixada britanica e pelo nosso prezado colega «Diário de Notícias», com a colaboração especial da United Artists, produtora do filme, Rank Filmes de Portugal, sua distribuidora, e Cinema S. Jorge, reverteu a favor da Cruz Vermelha Portuguesa e dos militares da Força Aérea Portuguesa que se encontram internados, e deve ter rendido, segundo uma estimativa provisória, cerca de 150 contos.

Num dos intervalos o brigadeiro dr. Ricardo Horta, presidente da C. V. P., agradeceu particularmente ao almirante Américo Thomaz a sua presença no São Jorge e ao sr. Geoffrey Foster, administrador-delegado da Sociedade Anglo-Portuguesa de Cinemas e ao representante do «Diário de Notícias», a colaboração prestada para o êxito do espectáculo

O filme de Guy Hamilton será próximamente objecto de apreciação de um dos nossos críticos.



O actor italiano Ferruccio Soleri no papel de Arlequim, da comédia de Goldoni «Arlequim, servidor de dois amos»

«O ACTOR E A SUA TÉCNICA» — CONFERÊNCIA DE FERRUCCIO SOLERI NO AUDITÓRIO GULBENKIAN

O grande actor italiano Ferruccio Soleri, do «Piccolo Teatro di Milano», pronunciará hoje, ás 21 horas, no auditório da Fundação Calouste Gulbenkian (entrada pela Avenida de Berna), uma conferência sobre o tema «O actor e a sua técnica».

Ferruccio Soleri é hoje um dos mais reputados actores da «Commedia dell'Art», possuidor duma técnica de comediante de rara e impressionante profundidade, a par de uma cultura que se entrelaça á experiência de grande actor, pelo que a sua conferência é aguardada com o maior interesse e expectativa.

«Arlequim o amor e a fome»

Atendendo ao grande interesse didáctico do espectáculo, «Arlequim, o Amor e a Fome», que actualmente se apresenta no Teatro Maria Matos, interpretado por alguns dos actores do célebre «Piccolo Teatro di Milano», decidiu a Fundação Gulbenkian pôr gratuitamente á disposição dos estudantes de estabelecimentos de ensino de Lisboa, metade da lotação do teatro, para os espectáculos de hoje, amanhã e sábado.

3.º MÊS DE EXIBIÇÕES

A REVISTA QUE PÔS DE ACORDO O PÚBLICO E A CRÍTICA ● PRODUÇÃO DE JOSÉ MIGUEL ● UM ELENCO DE «VEDETAS» NUM ESPECTÁCULO «VEDETA»

TEATRO abc

ADULTOS ENA, JÁ FALA!

IVONE SILVA ● RIBEIRINHO ● NICOLAU BREYNER

ÓSCAR ACÚRCIO ● NATALINA JOSÉ ● CARLOS GONÇALVES

MARIA TAVARES ● CARLOS QUEIRÓS ● FERNANDA FRANCO ● LINDA SANTOS e JUANITA

FERNANDA BAPTISTA

MODERNA MONTAGEM
2 SESSÕES ÀS 20,45 E 23 HORAS

AMANHÃ ● DOMINGO
ESPECTÁCULOS ÀS 16 HORAS

DEPOIS DA SUA EXTRAORDINÁRIA INTERPRETAÇÃO EM "A SEMENTE DO DIABO"

JOHN CASSAVETES

DE NOVO EM TODO O VIGOR DO SEU NOTÁVEL TALENTO EM

GANGSTERS EM ROMA

- ROME CHICAGO STYLE -

A felicidade de um casal transformada numa orgia sangrenta!

com
John Cassavetes · Gabriele Ferzetti
Nikos Kourkoulos · Anita Sanders · Riccardo Cucciolla · Luigi Pistilli
Osvaldo Ruggeri · Guido Lollobrigida · Marisa Traversi
Carmine Bologna
Alberto De Martino · Dino De Laurentiis produção Color
- ADULTOS -
É UM FILME PARAMOUNT

HOJE estreia às 21.45 no EDEN

UM FILME SOBRE POLUIÇÃO DOS OCEANOS

No próximo dia 5, ás 18 e 15, na sala de cinema do Palácio Foz, decorre uma sessão em que será exibido o filme «Load on Top», que descreve um sistema destinado a evitar a poluição dos oceanos pela descarga no alto mar dos resíduos dos tanques dos navios petroleiros.

A sessão assiste o ministro da Marinha. Trata-se de uma iniciativa dos conselhos de administração da Cabinda Gulf Oil Company, da Companhia Portuguesa dos Petróleos BU, da Esso Standard Portuguesa, da Mobil Oil Portuguesa, da Shell Portuguesa e da Texaco Petróleos de Angola.

A exibição do filme será precedida por uma exposição do capitão-de-mar-e-guerra Joaquim Costa Carrasco, presidente da Comissão Nacional contra a Poluição do Mar, seguindo-se um «cocktail».

BANDA DA G. N. R.

A Banda da G. N. R. não realiza, amanhã, o seu habitual concerto no Quartel do Carmo.

Uma nova orquestra belga, de seis elementos, estreou-se em Inglaterra, com «Daydream/Baby, I dont mind.» — a Wallace Collection. O manager da orquestra é Jean Martin. O grupo tem sete meses de existência. O dirigente de orquestra é Sylveer Van Holmen; os outros membros são Raymond Vincent (violino), Jacques Namotte (violoncelo), Freddy Nienland (bateria), Christian Janssen (baixo) e o pianista Marc Herouet. A originalidade do conjunto consiste em combinar as interpretações clássicas com o «pop»-som. E a garantia do êxito absoluto está no profundo conhecimento técnico-musical com que a musica «pop» deste conjunto é construída. Ontem, a Wallace Collection esteve em Lisboa: no dia de folga das suas actuações no «Olympia», de Paris, veio á R. T. P. gravar um programa de 45 minutos e logo regressou a França

ÊXITO

de Elvira Velez em «Tombo no Inferno»

Joana Loreta é um personagem característico dos pequenos aglomerados populacionais. Conhece toda a gente, sabe dos seus pequenos problemas, dos defeitos de cada um, das fraquezas que, a cada momento, podem ter e explora-as em seu proveito. É um personagem que exige cuidadosa composição e para o qual se necessitava escolha, também cuidadosa, do intérprete. Elvira Velez foi a escolhida. A sua vivacidade, capacidade histriónica e noção das características da figura de Joana Loreta indicavam-na para o desempenho do papel que, aliás, poderia ter sido uma das criações de Maria Matos.

Elvira Velez conta na sua carreira êxitos notáveis que o publico jamais esquecerá. São longos anos de presença nos palcos a contactar com o publico que nunca deixou de lhe reconhecer indesmentíveis méritos. A figura de Joana Loreta parece ter sido criada para ela.

A peça de Aquilino Ribeiro em cena no Teatro Maria Matos, é dirigida por Igrejas Caeiro e interpretada por Costa Ferreira, Ruy Furtado, Lurdes Norberto, Mário Pereira, Emília Pedro, Adelaide João, Armando Venâncio, Vasconcelos Viana, José de Carvalho, Gilberto Gonçalves, Luís Machado, Ladislau Ferreira, Cremilda Gil, Elvira Velez, Hermínia Tojal, Mário Sargedas, Madalena Braga, Pedro Pinheiro, Julio Cleto, Fernando Soares, Emílio Correia e Igrejas Caeiro.

15.ª semana

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

no Cinema VOX

maiores de 21 anos

O GRANDE ESPECTÁCULO DO MOMENTO, ESTÁ NO → MARIA VITÓRIA

● A REVISTA DA GARGALHADA:

● ÀS 20.45 e 23 H

MARIEMA na «Russa Fadista»

ADULTOS — ESPERTEZA SALOIA

● O TRIUNFO DE UM GRANDE ELENCO, COM

● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA ● BARROSO ● DORA LEAL

● VITOR MENDES ● DINA MARIA

● CRISTINA CASSOLA e as atracções

● HELENA TAVARES ● «THE MELODIES»

À FRENTE DE UMA ÓPTIMA COMPANHIA

● AMANHÃ, (FERIADO) e DOMINGO, «MATINÉES» ÀS 16 HORAS

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO — TEATRO VILLARET — o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE, noite às 21.45 horas

UMA DIVERTIDÍSSIMA TRAGÉDIA AMOROSA

TEATRO INFANTIL EM SANTO AMARO

Amanhã á tarde, o Teatrinho do Tico-Tico representa, na Academia de Santo Amaro, a peça infantil em três actos «Uma velha ferrumfunfelha», com musica de Castro e Silva e direcção de Rosa Mateus. O espectáculo está integrado na programação cultural do Município especialmente dedicada ás crianças dos bairros populares e da periferia da cidade.

Sociedade Nacional de Belas Artes

As exposições dos pintores Enid Mitchell e Ricardo Gomes, patentes nas salas do rés-do-chão da Sociedade Nacional de Belas Artes, encerram-se no próximo domingo.

Teatro Maria Matos

Telef. 717017 Adultos

HOJE, às 21.45 horas

Por um valioso elenco ● LURDES NORBERTO uma grande actriz num papel de grande significado

TOMBO NO INFERNO

de AQUILINO RIBEIRO dirigida por IGREJAS CAEIRO

a Fundação Calouste Gulbenkian e o Fundo de Teatro subsidiaram

● ATÉ SÁBADO ● M/ 6 ANOS

HOJE ÀS 19 HORAS

ARLECCHINO, L'AMORE E LA FAME

com FERRUCCIO SOLERI GRAZIELA GALVANI e MARCELLO BARTOLI do Piccolo Teatro di Milano

AMANHÃ — ÚLTIMO DIA às 16 horas e às 19 horas

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30

(Maiores 6 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atracções

PALHAÇOS FAZ-TUDO

AMANHÃ

À tarde entrada gratuita às crianças até 10 anos. À noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos

SÓ HOJE, AMANHÃ E DEPOIS

A REVISTA DOS PARODIANTES DE LISBOA

COM

CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS

Um espectáculo de VASCO MORGADO em QUINTO MÊS com lugares desde 10$00

MONUMENTAL

HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

4.ª-FEIRA, ESTREIA NO SÁ DA BANDEIRA — PORTO

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

TEMPORADA DE 1969/70

IGREJA DE SÃO VICENTE DE FORA

AMANHÃ — às 16 horas

Concerto extraordinário de homenagem à memória de Olga Violante

REQUIEM de Mozart

Maestro: PIERRE SALZMANN

CORO GULBENKIAN

Solistas (do Coro): JENNIFER SMITH, soprano / LUÍSA BALETE, contralto / MANUEL LISBOA, tenor / JOSÉ AGUIAR, baixo

Entrada livre

FUNDAÇÃO GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO

Quarta-feira, dia 5 às 18.30 horas

Maestro: GIANFRANCO RIVOLI

Obras dos Hasquenoph, Saint-Saens, Stravinsky, Prokofieff

(P.ª maiores de 6 anos)

● SÓ HOJE, AMANHÃ E DEPOIS

TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37 — 5.º MÊS

VASCO MORGADO apresenta

— HOJE —

À NOITE, às 21.45 h.

(Adultos)

2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ☆ IRENE ISIDRO ☆ COSTINHA ☆ LIA GAMA ☆ MARIA HELENA ☆ LUÍSA DURÃO ☆ DAVID SILVA ☆ HELENA ISABEL ☆ BENJAMIM FALCÃO

AMANHÃ (FERIADO) E DOMINGO

2 ULTIMAS «MATINÉES» ÀS 16 H.

OS FILMES DA PRÓXIMA TEMPORADA

VI – TALMA FILMES

Entre os títulos previstos para a temporada de 1969/70 pela distribuidora *Talma Filmes*, salientamos, primeiramente, como as obras mais importantes (em hipótese)

— *As Rivais* (Les Biches), de Claude Chabrol, com Jean Louis Trintignant, Jaqueline Sassard e Stéphane Audran;

— *Bamse-Paixão Impossível* (Bamse), de Arne Mattsson, com Grynet Molvig, Bjorn Thambert e Ulla Jacobsson;

— *Divórcio á italiana* (Divorzio All' Italiana), de Pietre Germi, com Marcello Mastroiani;

— *O Casamento* (Le Mariage), de Claude Barri, com Elisabeth Wiener e Claude Berri (já estreado)

—*Bolivar, o Libertador (Simon* Bolivar), de Alessandro Blasetti, com Maximilan Schel e Rossana Schiaffino;

— *Manobras do amor* (La Ragazza del Bersagliere, de Alessandro Blasetti, com Graziella Granata e Renato Salvatori;

— *Amor bruxo* (El Amor Brujo), de Rovira-Beleta com António Gades, Rafael de Cordova e La Polaca;

Além destes, fazem ainda parte da mesma lista, os seguintes títulos:

—*Vejo tudo nu!* (Vedo Nudo), de Dino Risi, com Nino Manfredi e Sylva Koscina;

— *A verdade daquela noite* (Metti una cera a Cena), de Giuseppe Patroni Griffi, com Jean Louis Trintignant e Florinda Bolkan;

— *A mulher janonesa* (La Moglie Giapponese), de Gian Luigi Polidori, com Gastone Moschin e Mchiko Iwasaki;

—*Comandos contra comandos* (Comandos), de Armando Crispino, com Jack Kelly e Lee Van Cleef.

— *O «Santo» em acção* (The Fiction Makers), de Roy Baker, com Roger Moore e Sylvia Syms;

— *O longo dia do ódio* (This Man Can't Die), de Gian Franco Baldanello, com Guy Madison e Rik Bataglia;

— *Os ás do pedal* (Les Cracks), de Alex Joffé, com Bourvil e Robert Hirsch (já estreado);

— *Vivo para a tua morte* (A Lon Ride from Hell), de Alexa Burks, com Steve Reeves e Wayde Preston.

O «REQUIEM» DE MOZART
NUM CONCERTO (AMANHÃ)
À MEMÓRIA DE OLGA VIOLANTE

Promovido pela Fundação Gulbenkian, realiza-se amanhã, ás 16 horas, na Igreja de S. Vicente de Fora, um concerto em homenagem á memória de Olga Violante, que foi dedicada colaboradora do Serviço de Musica da Fundação e directora do Coro Gulbenkian, desde a sua criação até Maio ultimo.

Este concerto será integralmente preenchido com o «Requiem», de Mozart, obra de impressionante beleza e sublime elevação espiritual, sem duvida uma das que ocupam um lugar cimeiro na produção do genial compositor salisburguês.

Serão intérpretes o Coro e a Orquestra de Camara Gulbenkian, sob a direcção do maestro Pierre Salzmann, e ainda quatro solistas do mesmo coro: Jennifer Smith (soprano), Maria Luísa Balebe (contralto), Manuel Lisboa (tenor) e José Aguiar (baixo). A entrada é livre.

TEATRO POPULAR DE LISBOA

O Teatro Popular de Lisboa leva á cena, amanhã á noite, na Academia Recreativa da Ajuda, á Rua D. Vasco, 69, a peça em 3 actos «Juramento a longo prazo», interpretada por Maria Luísa de Sousa, Alberto Ponces, Margarida Le onor e Roberto Viana. A representação está incluída no programa cultural do Município de levar teatro aos moradores nos bairros populares e da periferia da cidade.

«GRANDE NOITE DO FADO» —16 BAIRROS JÁ INSCRITOS

No brilhante historial da «Grande Noite do Fado» ficará indelévelmene inscrita a data de 18 de Novembro do ano corrente: as maiores «estrelas» dos palcos portugueses, prestigiosas atracções internacionais de grande renome e representantes dos mais castiços e populares bairros de Lisboa, vão desfilar (certamente entre torrentes de aplausos) pelo palco sensacional do Coliseu dos Recreios.

A Casa da Imprensa continua a receber, até ao próximo dia 2, adesões dos intérpretes amadores de fado que vão competir pelos magníficos troféus em disputa. Já regularizaram a sua presença colectividades da Charneca (Clube Desportivo da Charneca), Fonte-Santa (Sporting União Fontesantense), Bica (Onze Unidos da Bica), Marvila (Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885), Benfica (Clube de F. Benfica) Bairro Alto (Lisboa Clube Rio de Janeiro), Casal Ventoso (Casalense Futebol Clube), Algés (Clube Recreativo Atlético de Algés), Anjos (Sociedade da Matinha), Rio Seco (Sporting Clube Rio Seco), Penha de França («Os Peixinhos»), Olivais (Sport Lisboa e Olivais), Poço do Bispo (Oriental Recreativo Clube), Arroios (Clube Desportivo de Arroios), Mouraria (Grupo Desportivo da Mouraria) e Madragoa (Vendedores de Jornais Futebol Clube). Outros bairros estão, igualmente, a preparar as suas delegações. A «Grande Noite do Fado» promete, portanto, justificar todo o interesse que a rodeia e fazer afluir ao Coliseu dos Recreios a multidão ávida de admirar o melhor espectáculo do ano.

CASA DO ALGARVE

No salão nobre da Casa do Algarve realiza-se, hoje, ás 19 horas, a cerimónia do descerramento do retrato do dr. Humberto José Pacheco que foi grande benemérito daquela casa regional

NO TIVOLI ÀS 18 E 30

o grupo 4

APRESENTA NOS DIAS 5, 6 E 7 NOV.
A PEÇA DE J. SAUNDERS

amanhã digo-te por música

com FERNANDO GUSMÃO, JOÃO LOURENÇO MORAIS E CASTRO, RUI MENDES E LUÍSA SALGUEIRO
Encenação de FERNANDO GUSMÃO
BILHETES À VENDA
M/ 17 ANOS
DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES

TUTTI MUNDI

ALMOCE OU JANTE a preços acessíveis num ambiente agradável, podendo apreciar os últimos MODELOS DA MODA para homem e senhora, de Roma, Londres e Paris
Ar condicionado ● Aberto até às 2 da manhã
AVENIDA DE ROMA, 48 ● Tel. 71402/4

ΨC...

então recorra ao

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Actualidade internacional

Guerra das asas no Atlântico Norte

Ao tomar, há algumas semanas, a iniciativa de denunciar unilateralmente o acordo internacional sobre as tarifas aéreas transatlanticas, a Alitalia, lançou um movimento, que dificilmente poderá deter-se e que poderia conduzir a uma verdadeira guerra dos preços.

A conferência tarifária, reunida em Lausana, desde 14 de Outubro, conseguirá «pôr um remendo» a um sistema, que há 25 anos, vinha permitindo manter a concorrência entre companhias aéreas, a um nível razoável, favorecendo, ao mesmo tempo, um rápido desenvolvimento do transporte aéreo internacional?

A 25.ª assembleia mundial das companhias, que terminou agora em Amsterdam, augura mal do futuro financeiro do sector. A certeira estocada dada em 1968 ao crescimento do transporte aéreo internacional é, talvez, puramente acidental. No entanto, bastou para mostrar a fragilidade das companhias, cujos lucros têm vindo a descer continuamente nestes ultimos anos. A inflacção actual explica, por um lado, esta baixa de lucros. Mas a fé na perenidade do ritmo de crescimento teve também o seu papel. Foi ela que levou as companhias a endividarem-se consideràvelmente para comprarem mais aviões cada vez mais caros e cada vez mais difíceis de encher.

Esta plétora de meios, que o director-geral da I. A.T.A. considera um «perigo real», pode vir a ser ainda gravemente acrescida com a próxima entrega dos aviões de grande capacidade. A situação de sobre-equipamento está, sem duvida — pelo menos em parte —, na origem da recente iniciativa da companhia italiana, aliás, imitada pela maioria dos concorrentes. Esta espécie de «marcha em frente» geral, fundada na esperança de que as baixas de tarifas atrairão mais passageiros, compensando, assim, as perdas de receitas, é um jogo arriscado. Podemos, na verdade, perguntar se a taxa de crescimento do transporte aéreo não tenderá a aproximar-se, pouco a pouco, da da economia mundial.

Além disso, as baixas de tarifas previstas não reflectem verdadeiros progressos de produtividade. As companhias ainda têm muito a fazer neste plano. Será justificável na nossa época que os passageiros sejam vigiados, «apaparicados», acompanhados passo a passo, por tantas hospedeiras? As formalidades cerimoniosas e os excessos de luxo dos aeroportos ou das agências comerciais deviam ser reduzidos ou suprimidos. A situação financeira das companhias ficaria assim saneada e os encargos que incumbem aos estados seriam aliviados. Talvez se tornasse então possível aplicar todos os esforços ao conforto que mais interessa aos passageiros: o dos aviões.

Mas, para as companhias como para os estados, o transporte aéreo continua a ser — a despeito ou por causa do seu carácter internacional — uma questão de prestígio e um estandarte dos nacionalismos. O facto de a maioria das companhias — privadas ou nacionais — ostentarem na sua firma social o nome do país a que pertencem (**Air Maroc, Air France, Pan American, Swissair**, etc.) é um índice suficientemente eloquente. Muitas ligações derivam de uma só razão: do desejo que as nações têm de ver flutuar o seu pavilhão sob céus estrangeiros. A rede da **Air France** — «a maior do mundo» — não é um exemplo entre tantos?

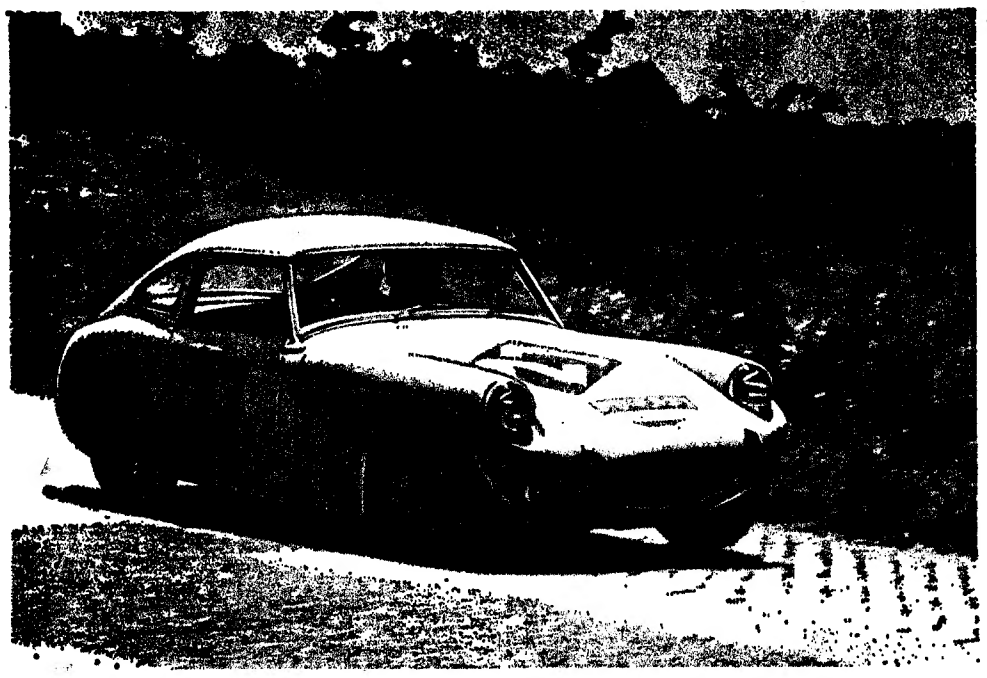
A época heróica terminou. O transporte aéreo deve agora rever todas as considerações de prestígio e de luxo com que continua a preocupar-se, para se tornar um meio de transporte acessível a todos, uma actividade rentável, capaz de suportar todos os encargos directos ou indirectos que impõe á colectividade. As dificuldades actuais deviam ajudar as companhias e os estados a persuadirem-se da necessidade de certas modificações. Aí está um tema de meditação para uma próxima conferência mundial.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

O GENERAL VIAUX MARAMBO, que chefiou uma tentativa de golpe militar no Chile. O presidente Eduardo Frei, apoiado pelas Forças Armadas, assumiu rápidamente o domínio da situação e Viaux Marambo foi preso. O general, presentemente a ser julgado, afirmou que o golpe se dirigia contra o comando supremo do Exército e não contra o Governo

KONI

O temperamento de um triunfador



o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 01 56

MINI-ELEIÇÃO NA GRÃ-BRETANHA

CONFIRMOU-SE A VIRAGEM PARA OS CONSERVADORES

LONDRES, 31 — (R.) — O Partdo Trabalhista, que está no poder, manteve quatro lugares no Parlamento ao serem conhecidos a noite passada resultados da mini-eleição geral na Grã-Bretanha, a despeito de uma viragem a favor do Partido Conservador, da oposição.

Os trabalhistas mantiveram por pouco dois lugares em círculos eleitorais de Londres, em Paddington e Islington, ganharam mais confortàvelmente no distrito de Gorbabs, em Glasgow, um baluarte do Labour desde o começo do século e obtiveram uma vitória por estreita margem no distrito mineiro de Newcastle - Under - Lyme, em Inglaterra.

Em Swindon, uma cidade ferroviária no Sul de Inglaterra, os conservadores ganharam pela margem reduzida de 477 votos, após duas novas contagens.

A viragem para os conservadores ía desde 7,8 por cento em Gorbals a 11,4 por cento em Paddington, o suficiente para dar ao partido da oposição uma maioria de mais de 100 lugares no Parlamento se se mantivesse a tendência registada nas eleições secundárias.

Embora a actuação dos trabalhistas fosse melhor do que as perspectivas que lhe são atribuídas nas sondagens á opinião pública, os resultados aumentaram as esperanças dos conservadores de ganharem a eleição geral, que se espera se realize no próximo ano.

O proeminente corrector de apostas William Hill dá agora aos conservadores uma vantagem de 2 a 1 para ganharem uma eleição em todo o país, comparado com a vantagem de 5 a 4 que oferecia antes da noite passada.

POSIÇÃO DOS PARTIDOS

LONDRES, 31 — (R.) — Após a mini-eleição de ontem, era a seguinte a situação dos partidos na Câmara dos Comuns:

Trabalhista	**344**	**lugares**
Conservador	**261**	»
Liberal	**13**	»
Trabalhista Republicano	**1**	»
Nacionalista Galês	**1**	»
Nacionalista Escocês	**1**	»
Conservador Independente	**1**	»
Trabalhista Independente	**1**	»
Unidade Independente (Devlin)	**1**	»
O presidente e dois vice-presid., sem voto	**3**	»
Lugares Vagos	**3**	
Total da maioria governamental	**64**	»

Novo ataque ao Líbano a partir da Síria

BEIRUTE, 31 — (F. P.) — Elementos armados voltaram, ontem, a atacar o Líbano a partir de território sírio, anunciou um informador militar libanês.

Depois de terem bombardeado a base aérea de Koleyate, no Norte do país, e uma posição militar em Ayha, os elementos armados atacaram a aldeia de Rachaya-El-Wadi. Quarenta obuses de 120 mm caíram sobre a aldeia, destruindo cinco habitações e três veículos militares.

Cinco elementos foram mortos, dois feridos e cinco feitos prisioneiros, indicou finalmente o informador.

ALLON REIVINDICA O SINAI PARA ISRAEL

TEL-AVIV, 31 — (R.) — O vice-primeiro-ministro, Yigal Allon, afirmou a noite passada que Israel deve continuar a estabelecer «kibbutzim» em áreas estratégicamente importantes.

Yigal Allon disse ainda a um grupo de dirigentes sionistas da Grã-Bretanha: «Temos tanto direito ao Sinai como os egipcios».

Interrogado pelos visitantes como justificava Israel o estabelecimento de «kibbutzim» no Sinai, Allon respondeu: «Quanto mais «kibbutzim» forem estabelecidas em áreas estratégicamente importantes, maior será a nossa capacidade de criar fronteiras seguras no futuro».

O ministro declarou também que Israel se deve abster de desenhar mapas detalhados, mas indicou que ao não estabelecer «kibbutzim» Israel estava, na verdade, a «desenhar um mapa mínimo».

E isso acontecia «a despeito do Governo ter resolvido não tomar qualquer decisão sobre fronteiras seguras, assunto a ser estabelecido numa conferência de paz», concluiu.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

MANIFESTAÇÃO DE ESTUDANTES EM MONTREAL

MONTREAL, 31 — (F. P.) — Estudantes fizeram ontem uma manifestação nas ruas de Montreal protestando contra o projecto governamental de política linguística. Hoje há outra manifestação em frente do Parlamento. Registaram-se outras manifestações pelos mesmos motivos nas principais cidades do Quebec.

A «Frente do Quebec Francês» opõe-se ao projecto considerando-o contrário «ás verdadeiras aspirações do Quebec».

LÍBIA: Pedida a liquidação da base militar de Wheelus

TRIPOLI, 31 — (F. P.) — A Líbia pediu oficialmente aos Estados Unidos a liquidação da base militar de Wheelus — anuncia a agência de informação Médio Oriente.

Foi numa nota entregue pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Saleh Boussir, ao embaixador dos E. U. A. em Tripoli que a Líbia pediu oficialmente a liquidação da base de Wheelus.

A entrevista do ministro Líbio com o embaixador durou duas horas, nela tendo sido abordadas as relações americano-líbias em geral. Segundo a agência egípcia, Saleh Boussir teria declarado que «essas relações desenvolver-se-ão, e tornar-se-ão mais sólidas uma vez desembaraçadas da presença das bases militares».

Proposto na ONU o emprego da força contra a Rodésia

NAÇÕES UNIDAS, (Nova York), 31 — (R.) — Um grupo de 26 países afro-asiáticos apresentou uma proposta de moção perante a comissão de curadorias da O.N.U. pedindo á Grã-Bretanha para tomar todas as medidas eficazes — incluindo o emprego da força — para acabar com o regime minoritário branco da Rodésia.

A moção que consta de 16 parágrafos(reafirma o direito inalienável do povo de Zimbabwe á liberdade e á independência e a legitimidade da sua luta para conseguir esse direito em conformidade com moções da O.N.U. Além disso, declara ilegais todas as medidas tomadas pelo regime minoritário racista para privar o povo de Zimbabwe dos seus direitos legítimos e para introduzir a sua politica de «apartheid» na Rodésia do Sul.

Condena também a intervenção de Forças Armadas sul-africanas na Rodésia do Sul, o que constitui um acto de agressão contra o povo e a integridade territorial de Zimbabwe e pede ao Reino Unido para assegurar a expulsão imediata de todas as forças sul-africanas da Rodésia.

A moção condena ainda as politicas dos governos da Africa do Sul e de Portugal e de outros que continuam a manter relações políticas económicas, militares e outras, com o regime minoritário racista ilegal da Rodésia do Sul em contravenção das resoluções relevantes da O. N. U. e violando, desse modo, as suas obrigações nos termos da carta.

No capítulo 13, a proposta reafirma a sua convicção de que as sanções não acabarão com o regime minoritário racista ilegal da Rodésia do Sul a não ser que sejam compreensivas, mandatórias, eficazmente fiscalizadas e cumpridas, especialmente pela Africa do Sul e Portugal.

Conferência árabe de alto nível

CAIRO, 31 — (R.) — Realizar-se-á no próximo mês de Dezembro uma conferência de alto nível árabe a que assistirão o Egipto, a Líbia e o Sudão, anunciou hoje o jornal oficioso «Al Ahram».

ESPANHA: A entrada no Euromercado é um dos objectivos do novo Governo

(Continuação da 1.ª página)

panha a favor de um Estado separado, constituem outra dor de cabeça. As severas penas de cadeia que lhes são aplicadas por tribunais militares têm chocado muitos liberais.

No campo económico, a necessidade de a Espanha entrar para o Mercado Comum Europeu, principiando como membro associado, tornou-se mais aguda. Nas relações externas, o Governo chegou a um impasse azedo na sua campanha para a recuperação da colónia rochosa britanica de Gibraltar.

Além desses problemas, a Espanha tem de estar preparada para a sua transição para uma era após Franco. O Caudilho nomeou em Julho passado o príncipe Juan Carlos para ser o seu sucessor eventual como futuro rei de Espanha, mas o país tem, até agora, manifestado pouco entusiasmo por essa medida.

OPUS DEI

O novo Gabinete inicia a sua vida com uma vantagem importante, comparado com o Governo anterior, segundo afirmaram fontes autorizadas. Desfruta de uma melhor possibilidade de trabalhar em associação como uma equipa e de evitar as divisões internas, que tendiam cada vez mais a desmembrar o Governo.

A selecção da equipa é geralmente interpretada como uma vitória para o vice-presidente almirante Luis Carrero Blanco e o seu íntimo colaborador Laureano Lopez Rodo, ministro da Planificação Económica, o mais proeminente da meia duzia de membros do Gabinete que conservaram os seus cargos.

Lopez Rodo é membro da Associação Internacional Laica Católica Romana Opus Dei, mas considera isso como sua questão religiosa particular e afirma que nada tem a ver com a sua politica.

Três altos funcionários do departamento de Planificação Económica de Lopez Rodo tornaram-se ministros do Gabinete em consequência da remodelação.

Desses apenas Vicente Mortes, o novo ministro da Urbanização, é seu correligionário na Opus Dei. Outro do trio, Tomas Allende Garcia-Baxter, o novo ministro da Agricultura, é um falangista.

MODERNIZAR A ECONOMIA

Lopez Bravo, de 45 anos, cuja elegância e o êxito como ministro da Indústria o tornaram no «rapaz encantador» do Governo anterior, sobraçou a pasta dos Negócios Estrangeiros, substituindo Fernando Maria Castiella.

Espera-se que concentre as suas diligências em fazer entrar a Espanha para o Mercado Comum Europeu e que procurará estabelecer melhores relações com os Estados Unidos. Lopez Bravo, á semelhança de Lopez Rodo, é um tecnocrata, que se preocupa ao máximo em modernizar a economia espanhola. É, também, membro da Opus Dei.

Na sua aproximação da Europa, Lopez Bravo terá um aliado competente no novo ministro das Finanças, Alberto Monreal Luque, um proeminente economista. Com 43 anos, e sendo o membro mais jovem do novo Gabinete, Monreal Luque é colaborador de Federico Silva Muñoz, um democrata cristão das direitas, que mantém a sua pasta das Obras Públicas.

O Governo continua a ser uma coligação das forças que apoiam o regime de Franco, e inclui vários falangistas e militares, assim como tecnocratas.

FALANGISTAS DISSIDENTES

Dois novos ministros ocupam os cargos de José Soli, um falangista afastado, após conservar durante 12 anos um posto dualista como ministro do Gabinete encarregado tanto do Movimento Nacional do Generalíssimo Franco, a Falange — ainda a única organização politica autorizada em Espanha — como ministro dos Sindicatos de Trabalhadores.

O professor Torquato Fernandez Miranda, de 53 anos, um falangista, tornou-se secretário-geral do Movimento Nacional, em teoria aberto a todos os partidários do «status-quo» politico, mas ainda dominado, na prática, pelos falangistas.

A Polícia empregou, esta semana, os seus bastões para dispersar falangistas dissidentes, que se manifestavam no centro de Madrid contra a decisão do caudilho de restaurar a Monarquia. Contudo, falangistas proeminentes contribuíram para a aprovação quase unânime do príncipe Juan Carlos pelas Cortes (Parlamento) de Madrid e o problema poderá não ser tão sério como parece.

Enrique Garcia de Ramal, de 55 anos, uma figura pouco conhecida, tornou-se ministro do Gabinete encarregado dos Sindicatos dos trabalhadores, e enfrenta uma tempestade politica por causa da proposta de lei do Governo para os reconhecer.

A lei, muitíssimo criticada e que aguarda a aprovação das Cortes, dissipou as esperanças de liberais que esperavam que os sindicatos se tornariam mais livres de fiscalização do Governo.

O novo ministro do Interior, Tomás Garicano Goni, de 59 anos, um advogado militar que grangeou reputação pela sua flexibilidade e tacto como governador civil da cidade, potencialmente difícil, de Barcelona, terá uma tarefa espinhosa.

Responsável pela Polícia e Segurança Nacional, Goni deve decidir que enérgica politica deverá seguir para preservar a ordem pública, manter em respeito os nacionalistas bascos e em suprimir quaisquer futuras perturbações entre estudantes e a classe trabalhadora.

Manuel Fraga Iribarne, de 46 anos, o enérgico e ambicioso ministro da Informação e Turismo durante os ultimos sete anos, perdeu, também, o seu cargo. Foi substituído por Alfredo Sanchez Bella, de 53 anos, que, em tempos, ganhou a vida como jornalista, e que assimilou muitas ideias sobre o desenvolvimento do Turismo durante o longo período em que foi embaixador espanhol em Roma.

Quinta do Freixial

Muito bem situada, composta de magnífica moradia de r/chão e 1.º andar com grande salão, sala de jantar, cozinha, 2 casas de banho, 3 quartos, etc.

Área de 1.600 m2, poço com motor eléctrico, casa de arrecadação, pinhal, eucaliptal, árvores de fruto, vinha, etc. Preço 580 contos.

MOSTRA E TRATA

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5 - 328232/3 - 561756

Portugal — North Continent Conference (Northbound)

As Linhas da «Portugal — North Continent Conference (Northbound)» informam os interessados que decidiram aumentar as taxas de frete de Portugal para os portos da zona abrangida pelos portos de Antuérpia a Hamburgo, a partir de 2 de Fevereiro de 1970.

Mais informam que as novas taxas serão indicadas, a pedido, no decurso do mês de Novembro de 1969.

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO

A CINCO DIAS DA ESTREIA DO SEU FILME

ANTÓNIO CALVÁRIO:

FICAREI ARRUINADO

SE O MEU FILME NÃO AGRADAR

— Empreguei todo o meu dinheiro neste filme: porque gosto de fazer cinema e porque acredito no negócio industrial desse mesmo cinema.

Disse-nos António Calvário, a cinco dias da estreia (no Odéon) do primeiro filme de que é produtor: «O Diabo era outro». Recorda-se que o popular cançonetista já actuara em seis películas: «Uma Hora de Amor» (com Madalena Iglésias), «Rapazes de Táxis» (ao lado de Tony de Matos), «Férias em Portugal» (Dalida e um punhado de «estrelas» internacionais em celulóide que não chegou a ser exibido), «Sarilho de Fraldas» (novamente com Madalena Iglésias) e «O amor desceu de pára-quedas» (onde Paula Ribas era a primeira figura feminina).

— Desta vez contratei Milu. Está esplêndida: bonita, elegante e atrevida. Foi uma companheira ideal.

Opinião que António Calvário não torna extensiva a todos quantos consigo trabalharam:

— Lançaram-me numa fogueira e obrigaram-me a gastar três mil contos, prolongando por um ano o trabalho que poderia ter sido feito apenas em três meses. Mas, enfim! Sempre foi uma experiência valiosa. E cara. Que deu para peneirar os verdadeiros amigos...

Continua:

— Na minha próxima produção a equipa de trabalho será muito alterada. Porque, se «O Diabo era outro» não redunda em bom êxito comercial, fico com um tremendo problema comercial para resolver. De tal modo grave que posso ficar arruinado...

António Calvário, porém, não é a imagem do desalento:

— Irei a África, logo que se complete no Continente o circuito de exibição. E vou reaparecer no teatro, na próxima revista do Variedades. Durante cerca de um ano trabalhei de manhã á noite. E estou sem dinheiro: todo o meu capital é o filme que produzi.

Num desabafo:

— Estou no Cinema como poderia ter entrado noutro qualquer ramo industrial: em «boites», em discos, em restaurante-típico. Mas, faço-o com seriedade, embora dentro de um espírito meramente comercial, sempre procurando ir ao encontro das preferências das grandes plateias.

«O Diabo era outro» — prossegue Calvário — *abalou-me o sistema nervoso. Foi muito dispendioso, meteu muitos artistas, imensos figurantes. O meu próximo filme será do estilo de «A Piscina». E mais tarde* (sorri, irónico) *vou produzir um argumento de minha autoria: «Os grandes falsos amigos»...*

«O Diabo era outro» é uma realização de Constantino Esteves com diálogos de Manuel Vieira, cenários e figurinos de Mário Alberto e Velez Lima, coreografia de Paulo José e Tato, assistência de Teixeira da Fonseca e Noémia Malveira, fotografia de João Moreira com som de Heliodoro Pires e Luís Barão. As canções pertencem a João Nobre, Pedro Jordão e Pedro Gonçalves, tendo arranjos musicais de Thilo Krassman.

Na ficha interpretativa, além de Calvário e Milu, outros nomes: Hermínia Silva, Alves da Costa, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Leonor Poeira, Luís Cerqueira, o conjunto «Los Comodines», Adelina Campos, Julieta Castelo, Nicolau Breyner, Juan Carlos Soutullo, Cunha Marques, Jaqueline Nauroy, Sérgio Farkas, Adelaide João, Carlos Radine, Alberto Ramos, Alvaro Rosa, Fernando Ruas, Teresa Esteves Mize, Helder Carlos, Correia da Silva, João Manuel e a jovem Isabel Correia Ribeiro, segunda classificada no concurso «Princesa das Teen-Agers», organizado pelo «Diário de Lisboa».

Milú e António Calvário numa cena de «O Diabo era outro»

COM VINTE E TRÊS FERIDOS A BORDO CHEGOU HOJE A LISBOA O NAVIO-HOSPITAL «GIL-EANNES»

• Excepcionalmente pobre a captura do bacalhau à linha

— Foi excepcionalmente pobre a campanha á linha deste ano — disse-nos, a bordo do navio hospital «Gil Eannes», que esta manhã regressou a Lisboa vindo dos bancos da Terra Nova, o capelão de bordo, rev. António Justino Magalhães.

O «Gil Eannes», devido ao nevoeiro, atracou ao Cais da Matinha com cerca de uma hora de atraso. Muitos familiares aguardavam os pescadores doentes que vinham a bordo: vinte e três.

São eles: Domingos Flores de Sousa, Laurindo Gonçalves Pereira, João Maria Lopes dos Santos, Henrique Eugénio Rocha, Vicente Maio Cruz, Francisco de Jesus Braga, José Maria dos Santos Neves, Manuel Santiago Costa, Carlos Manuel Ramos Oliveira, Miguel Sabino Lameiro, Carlos Vareta da Silva, Manuel Augusto dos S. Cartaxo, Joaquim Augusto Santos Lopes, António Moreira Canhola, Manuel Pedro Maltês, Luís Candido Razoilo Cristiano, João Guedes Moreira, Ruben Sarabando Rola, Manuel Gonçalves Novo, Manuel Rosa Calvinho, Manuel da Silva Ferreira, Carlos Matias Marques e José Garcia Junior. Além destes pescadores portugueses, o «Gil Eannes» trouxe ainda um pescador (ferido) de uma traineira espanhola, Jaime Garcia Peña.

— Este ano não houve acidentes mortais — disseram-nos a bordo.

Uma coisa, porém, entristece bastante os pescadores que acabam agora de terminar a campanha de pesca á linha: «o peixe fugiu», «não se pesca nada», «outras técnicas tiraram todo o peixe, até o bacalhau pequenino».

Segundo o chefe dos Serviços de Assistência, capitão-de-fragata António Santos Gaspar, «foi uma campanha árdua e difícil». O navio deslocou-se três vezes á Groenlandia para assistir navios de linha e arrastões e fazer um carregamento de isco congelado. Também se deslocou três vezes a North Sidney, Nova Escócia, para carregamento de isco destinado a navios de linha. Navegaram-se cerca de 17 mil milhas para prestar assistência a todos os navios, quer de arrasto, quer de linha.

A assistência médica prestada pelo «Gil Eannes» pode ser assim resumida: doentes observados — 1123; internados — 139; tratamentos, pensos e injecções — 1936; extracções e obturações dentárias — 385; e intervenções de pequena cirurgia — 20.

Consta que cinco pescadores ficaram a residir no Canadá.

TREINO DA TRIPULAÇÃO DA APOLO-12 — Os cosmonautas da Apolo-12 têm sido submetidos nos ultimos dias a intensivo treino em vista ao lançamento da cápsula marcado para o dia 14. Na foto, Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean verificam alguns dos instrumentos de bordo da cabina que os levará até á Lua

Festas em Cacilhas

Decorrem, amanhã, em Cacilhas, as tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Do programa constam: ás 9 horas, missa; ás 12, missa solene, e ás 13, procissão com os andores do Sagrado Coração de Jesus, do Senhor dos Navegantes, de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Conta Intantil
BANCO DO ALENTEJO

PRATAS EM 2.ª MÃO
GRANDE VARIEDADE
— BONS PREÇOS —
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253 — Tel. 32 45 64

GALERIA REAL
RESTAURANTE — SALÃO DE CHÁ — BAR
SERVIÇO DE BANQUETES
S. PEDRO DE SINTRA
REABRE AMANHÃ DIA 1 DE NOVEMBRO
Telefone 98 1661 (3 linhas) NOVA GERÊNCIA

O DR. MANUEL ELEITO PRES DA CORPORA DOS ESPECTA

O conselho da Corporação dos Espectáculos elegeu os seus corpos gerentes para o quadriénio de 1969-1973, tendo sido escolhido para presidente o sr. dr. Manuel Teles. Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, o novo presidente da Corporação desempenhava, há quatro anos, o cargo de presidente da União de Grémios de Espectáculos e fora, anteriormente, presidente do Grémio Nacional das Empresas Teatrais. Desde o ano passado que o dr. Manuel Teles preside á União Internacional das Associações Exibidoras de Filmes, organismo com sede em Paris e que engloba as associações de empresários de cinemas de quase todos os países europeus. Nos últimos anos, o novo presidente da Corporação tem desenvolvido uma profícua actividade em prol dos espectáculos no nosso País, pondo ao serviço daquele sector o seu já comprovado saber, um dinamismo apreciável e uma criteriosa busca de soluções para os problemas que afligem as empresas teatrais e cinematográficas portuguesas, sem esquecer, como convém, os interesses do público que servem.

Após a eleição do dr. Manuel Teles, foram escolhidos os dois secretários do conselho da Corporação, escolha que recaiu nos srs. drs. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira e Hermínio Ferreira Nunes, em representação, respectivamente, dos organismos patronal e sindical. Procedeu-se a seguir á eleição dos vogais da direcção, tendo sido escolhidos como efectivos os srs. Augusto de Lima Mayer e dr. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira, em representação das entidades patronais, Alberto Ghira e Jorge Brum do Canto, em representação dos profissionais. Como vogais suplentes foram eleitos, em representação das empresas, o sr. Manuel Martins e, em representação dos profissionais, o sr. Hermínio Ferreira Nunes. Seguiu-se a eleição dos repre-

Em três

O prof. Robert C. Smith, de nacionalidade americana, foi agraciado com o grande oficialato da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

///

O dr. José de Albuquerque de Almeida Ribeiro foi exonerado, a seu pedido, do car-

UEL TELES ESIDENTE RAÇÃO CTÁCULOS

entantes das empresas e dos rofissionais, nos conselhos as Secções, com os resultaos seguintes:

Primeira Secção (Teatro, Música e Dança): Representantes das empresas — Dr. rtur Campos Figueira de ouveia, Giuseppe Bastos, António Manuel Couto Viana Vasco Morgado; *Representantes dos profissionais* — ção António de Almeida, r. Álvaro Vieira Botão, Samwell Diniz e Mário do Carmo ueirós.

Segunda Secção (Cinema): Representantes das Empresas — dr. José Maria Mesquita e Carmo, Pedro Martins ernandes, Francisco Corda de Matos Junior e Álvaro Piteira Azeda. *Representantes dos Profissionais* — Manuel Ruas, Carlos Alberto Borges da Silva Arcos, Assis Pacheco e prof. Lourenço Varela Cid

Terceira Secção (Diversões Públicas): Representantes das Empresas — Manuel dos Santos, José Firminio Henriques e Alexandre Campos Costa. *Representantes dos Profissionais* — Virgílio Madeira, António da Costa Correia e Leão António de Almeida.

Na continuação dos trabalhos foram eleitos os vogais da Junta Disciplinar:

Primeira Secção: dr. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira, pelas empresas, e Alberto Ghira, pelos profissionais.

Segunda Secção: Jorge Galveias Rodrigues, pelas empresas, e Carlos Rodrigues de Almeida Loureiro, pelos profissionais.

Terceira Secção: Manuel Martins, pelas empresas, e José Alberto Mendes Leal, pelos profissionais.

Como vogais suplentes para as três secções da referida Junta, foram eleitos, Máximo Pinto e Verlindo Faria Correia.

Finalmente, foram eleitos representantes na Câmara Corporativa, pelas entidades patronais, o sr. dr. José Maria Mesquita e Carmo presidente cessante da Corporação, e, pelos profissionais, Samwell Diniz, Jorge Brum do Canto e Leão António de Almeida. Por inerência ao respectivo cargo, terá também assento na Câmara Corporativa o presidente da Corporação, dr. Manuel Teles.

DR MANUEL TELES

Reeleito o presidente da Corporação do Comércio

O Conselho da Corporação do Comércio acaba de escolher os corpos directivos para o triénio 1969-1970, reelegendo nomeadamente o presidente, sr. Manuel Alberto Andrade e Sousa.

Foram eleitos para a direcção as seguintes individualidades: srs. Emílio de Azevedo Campos (representante do Grémio Nacional dos Comerciantes de Artigos de Óptica), dr. Alberto Sena da Silva (Grémio dos Armazenistas de Mercearia), dr. Bernardo Mendes de Almeida, Conde de Carla (Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul), Hugo Mascarenhas (Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes), Mário Luís Queirós (Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Caixeiros) e Armando Gouveia Pinto (Sindicato Nacional dos Cobradores do Distrito de Lisboa).

Como procuradores á Camara Corporativa foram designados os srs. Álvaro Braga Vieira (Grémio dos Exportadores de Conservas de Peixe), Francisco Pereira da Fonseca (Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos), dr. Alberto Sena da Silva, dr. Bernardo Mendes de Almeida, Fernando Pereira da Silva (Federação dos Grémios do Comércio do Distrito de Santarém), Carlos Mendes (Federação dos Grémios do Comércio do Distrito de Aveiro), eng.º Manuel Alves da Silva (Grémio das Confeitarias, Pastelarias e Leitarias), dr. Álvaro Vieira Botão (Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes), dr. João Henrique Dias (Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório), Hugo Mascarenhas (Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes), Manuel Mineiro Pessoa e Mário Luís Queirós (Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Caixeiros), José Rodrigues (Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório), Armando Gouveia Pinto e Afonso de Oliveira Rêgo (Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Caixeiros).

Foram também eleitos os secretários do Conselho da Corporação, membros dos Conselhos das Secções e vogais da Junta Disciplinar.

SÃO INAUGURADAS EM DEZEMBRO AS NOVAS INSTALAÇÕES DO CENTRO ANTI-CANCEROSO DE COIMBRA

COIMBRA, 31. — Encontram-se em vias de conclusão as instalações do Centro Anti-Canceroso de Coimbra, do Instituto Português de Oncologia. Os serviços do Centro há muito que estão a funcionar, em condições precárias, em prédios alugados.

Os representantes dos órgãos da Informação foram convidados para uma visita ás novas instalações onde foram recebidos pelos profs. Luís Raposo e Ibérico Nogueira, estando também presentes os drs. Cortês Vaz, Barbosa Ribeiro e Rocha Alves.

O prof. Ibérico Nogueira começou por apontar as deficientes condições em que o Centro tem trabalhado, por falta de verba necessária para contratar pessoal e adquirir material, panorama que se modificou graças á ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian e, agora, em virtude de um subsídio do Governo. Aquele clínico afirmou, depois, que a finalidade da reunião era «dar contas, publicamente, do que se tem passado com o Centro, promovendo uma visita para que se julgue onde têm sido empregadas as verbas recebidas e dar a conhecer o que vai ser a acção no futuro»

Focando o primeiro aspecto, o prof. Ibérico Nogueira estabeleceu vários paralelos entre o que tem sido a vida do Centro e o que vai agora ser. Depois das importantes obras realizadas e do estabelecimento de secções para tratamentos por meio de bombas de cobalto (uma das quais já se encontra montada), referiu-se á ajuda dada pela Fundação Calouste Gulbenkian, á acção do eng.º Costa Alemão («acção verdadeiramente generosa, pois a ele se deve a execução de tão importantes obras e da aquisição de bastante material») e, também, á ajuda da Direcção-Geral de Saúde, bem como á importante contribuição do povo, que dispensa sempre generoso acolhimento aos peditórios.

Com o novo quadro concedido pelo Governo, contam-se agora, com 23 médicos (havia apenas 10), 7 preparadores, 5 auxiliares, 27 ajudantes, 2 enfermeiros de 1.ª classe, 3 de 2.ª, 22 criadas e 10 empregadas auxiliares.

«Com este pessoal, podem ser tratados, nas novas instalações, diáriamente, cerca de 60 doentes e, com a aquisição de uma bomba de cobalto, cujas instalações se encontram prontas, o numero de doentes tratados passará para 120 diários» — sublinhou o prof Ibérico Nogueira, que agradeceu todo o auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Governo, da Liga Portuguesa contra o Cancro e do sr. eng.º Costa Alemão e teve palavras de muita simpatia para a sr.ª D. Ricardina de Moura, esposa do chefe do distrito, que todos os anos desenvolve grande actividade nos peditórios, não deixando também de agradecer a generosa contribuição do publico, que permitiu em grande parte a concretização da obra, e ao Lions Clube, que ofereceu material para uma enfermaria.

Interrogado se o Centro Anti-Canceroso tinha desenvolvido alguma campanha, aquele clínico respondeu que não era possível iniciar uma campanha, especialmente sobre o diagnóstico precoce, sem se ter lugar para internar esses doentes Agora que o Centro dispõe das instalações necessárias — afirmou — essa campanha vai realizar-se, das capitais de distrito até ás mais simples aldeias.

A terminar, o prof. Ibérico Nogueira anunciou que a inauguração das novas instalações está marcada para o dia 29 de Dezembro e lançou um apelo a toda a população para que, no próximo peditório, a realizar amanhã e no domingo, contribua, «pois a obra bem merece a sua ajuda».

No final, os jornalistas visitaram demoradamente as novas instalações, que incluem camaras de bomba de cobalto, raios X convencional, enfermarias para aplicação de rádio, enfermarias, refeitórios, salas de estar, lares para doentes e enfermeiras, cozinha, lavandaria etc.

Duas mil pessoas recolhem fundos para o combate ao cancro

Mais de duas mil pessoas, entre as quais muitas senhoras, «ocuparam» a cidade logo cedo, pela manhã, colocando-se em locais-chave e em posições estratégicas e «assaltaram» os transeuntes, apontando-lhes mealheiros amarelos ao peito. O objectivo é a recolha de fundos para as importantes guerras que silenciosamente se travam no nosso País: a luta contra o cancro.

A «operação» prolonga-se até domingo próximo.

A responsabilidade desta ofensiva fica a dever-se á Liga Portuguesa Contra o Cancro, que cuidadosamente preparou o seu gigantesco peditório nacional, planificando a actuação na cidade, que dividiu em 60 zonas, pelas quais distribuiu numa rede de malha miúda mais de duas mil pessoas recrutadas para o efeito.

Oito mesas, dominadas por esposas de ministros, senhoras de embaixadores e outras figuras proeminentes da portuguesa «high-life», foram colocadas em locais que centralizavam a recolha de fundos. São os seguintes os locais das mesas: na Secretaria de Estado da Informação e Turismo, na Companhia de Seguros Império, no C. Santos, no Hotel Ritz, na Guérin, no Hotel Tivoli, na Estação do Rossio e na Avenida Fontes Pereira de Melo.

As pessoas que hoje contribuiram já para a Liga Portuguesa Contra o Cancro podem ficar a saber que o seu dinheiro é aplicado no tratamento de muitos doentes vítimas do terrível flagelo, através de assistência domiciliária, recolha de sangue, estágio de médicos em centros especializados, enfim, quase tudo o que é feito a favor da luta contra o cancro e que se deve, afinal, quase totalmente á generosidade da população portuguesa.

ENCONTRO BRANDT-SCHEEL — O chanceler Willy Brandt e o ministro dos Negócios Estrangeiros do novo Governo alemão, Walter Scheel, em conversa a «duo». Scheel defende, como Willy Brandt, uma política de paz europeia flexivel e uma ampliação do Mercado Comum Europeu. Walter Scheel, de 50 anos, foi ministro da Cooperação Económica de 1961 a 1966 e percorreu todos os continentes, havendo quem afirme que conhece a Ásia e a África melhor do que a Republica Federal da Alemanha. Entretanto, Willy Brandt chegou hoje a Berlim-Oeste, para uma curta visita, apesar dos protestos da Alemanha Oriental

ês linhas

o de secretário do Secretáo de Estado do Orçamento.

///

O doutor André Gonçalves ereira foi nomeado professor de Direito Internacional ublico do Instituto de Altos Estudos Militares.

///

Foi promovido a 1.ª classe o quadro da Direcção-Geral os Edifícios e Monumentos acionais o arquitecto José Almeida Segurado.

///

Vindo da Guiné, chegou oje a Lisboa o cabo fuzieiro José Lopes Rossa, reidente em Idanha-a-Nova, que foi contemplado om o «Prémio M.N.F.» da peração Saudade.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Nas CALDAS DA RAINHA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Estabelecimento de Pedro Franco.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TELEVISORES
MARCAS CONCEITUADAS
C/ GARANTIA
49 cm c/UHF 3.450$
59 » » 3.950$
+ o seu T.V. usado
QUANTIDADE LIMITADA
M. L. FERREIRA
R. D. ESTEFÂNIA, 48 A (JUNTO AO LARGO)

Mulher agredida por três homens

O servente de pedreiro Fernando da Silva Ferreira, de 33 anos, solteiro, natural de Lisboa e residente numa barraca, no Casal Ramiro, á Estrada das Laranjeiras; Arminho dos Anjos Ribeiro, de 31 anos, tambem solteiro e servente de pedreiro, morador na barraca n.º 6, igualmente á Estrada das Laranjeiras e António Rodrigues Sequeira, de 24 anos, também servente de pedreiro e solteiro morador na Rua Portugal Durão, 5, ao Rego, foram detidos pela P. S. P. da 18.ª esquadra (Campo Grande), em virtude de, durante a noite, terem arrombado a porta e entrado numa barraca, situada nas traseiras da Rua da Cruz Vermelha, onde reside Maria de Jesus Fernandes, de 25 anos, solteira, doméstica.

Uma vez no interior da residência, e ainda segundo o registo policial da ocorrência, agrediram a Maria de Jesus causando-lhe ferimentos dos quais ela não quis, porém, receber tratamento.

Nocividade dos ciclamatos

Da Direcção-Geral de Saúde recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota:

«Os jornais trouxeram a público a notícia de que os ciclamatos podem produzir tumores malignos.

Verificou-se este facto em experiências realizadas em animais de laboratório, que ingeriram, durante muito tempo, fortes doses de ciclamatos. Esta circunstância determinou a proibição, em alguns países, do seu uso em alimentos, o que, aliás, já se verifica em Portugal desde 1959, quanto a refrigerantes, e desde 1967, quanto a qualquer alimento.

Esta proibição não foi extensiva aos ciclamatos como medicamento, quando usados sob prescrição médica.

A Direcção-Geral de Saúde está atenta á evolução do problema, que se está agitando nos meios científicos internacionais.»

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria José Trigoso Fêo e Torres Mouga Rodrigues

Faleceu a sr.ª D. Maria José Trigoso Fêo e Torres Mouga Rodrigues, de 69 anos, natural de Carvalhal (Bombarral), que era casada com o juiz dr. José do Nascimento Mouga Rodrigues e mãe da sr.ª D. Maria Emília de Jesus Trigoso Torres Mouga Rodrigues Borges de Sousa e do sr. dr. José Paulo Fêo Rodrigues.

O funeral realiza-se amanhã, ás 9 e 30, da Basílica da Estrela para jazigo, no cemitério do Senhor Jesus do Carvalhal.

†

D. Isabel Remus Trigueiros de Martel

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Condessa de Castelo Branco, D. Maria João Martel de Penha-Garcia, marido e filhos, D. Agustina Capella Remus, e mais família, participam o falecimento de sua querida filha, irmã, cunhada, tia, neta e parente, e que será rezada missa por sua alma, no próximo sábado, dia 1 de Novembro, pelas 13 horas, na Igreja de Santa Isabel.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar recebeu, em audiência, os srs. general de brigada Teixeira Coimbra, do Brasil; o deputado dr. Manuel Martins da Cruz; o subsecretário para os Assuntos Africanos do Departamento de Estado de Washington, Moore; e o sr. J. A. Kruger, director-geral dos Caminhos-de-Ferro da África do Sul.

O prof. Silva Cunha recebeu também o dr. Lino Neto, provedor da Misericórdia de Lisboa, que recentemente se deslocou a Macau, onde presidiu ás cerimónias comemorativas do IV centenário da Santa Casa da Misericórdia daquela província.

Ministro de Estado

A convite do Governo da República da África do Sul, desloca-se brevemente áquele país o ministro de Estado eng.º Vaz Pinto.

QUINZE MINUTOS DE PARAGEM NA REDE DO METROPOLITANO

A rede do Metropolitano esteve imobilizada, esta manhã, durante cerca de um quarto de hora, mais ou menos entre as 9 e 20 e as 9 e 35. O facto provocou, como é natural, transtornos a inumeras pessoas, algumas das quais a essa hora se dirigiam aos seus empregos.

Ao procurarem apurar as causas da imobilização do «metro», os repórteres do «Diário de Lisboa» tiveram a opor-se-lhes uma funcionária das bilheteiras da estação do Rossio, que, patenteando descabida arrogância e evidente falta de compreensão pela nossa missão, depois de inquirir a «que Imprensa» pertenciamos (e esclarecida de que se tratava do «Diário de Lisboa»), nos impediu a entrada na gare, dizendo:

— *«Vocês» não têm o direito de se meter nos assuntos da Companhia.*

O chefe da mesma estação dir-nos-ia, depois, que, efectivamente, a Companhia não prevê a existência da Imprensa com a sua missão de utilidade publica, ao contrário do que acontece com todas as outras empresas de transportes, pois «nada está escrito» quanto á entrada de jornalistas nas gares.

Por meio de um telefonema, conseguimos saber, depois, que a imobilização da rede se devera a uma avaria numa agulha da estação da Rotunda.

DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

O secretário de Estado do Tesouro, dr. Costa André, estará esta noite, ás 22 horas na R. T. P. para proferir uma pequena alocução alusiva ao Dia Mundial da Poupança que hoje se celebra e tem por objectivo chamar a atenção do publico para este elemento fundamental da vida económica dos povos.

O Governo português pretendeu, assim, participar nas comemorações que são iniciativa do Instituto Internacional da Poupança, esperando-se que, em anos futuros, sejam elaborados programas mais amplos.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	520$	—
Consolidado 3%	—	545$	548$
Consolidado 3 /2%	—	632$	635$
Centenários 4%	—	1.495$	1.500$
Obrigs Tesouro 5%	1.002$	1.00 $	—
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 2.ª Série C.	840$	830$	850$
Externo 3.ª Série	—	765$	—
Externo 3.ª Série C.	—	870$	880$
Cautelas 3.ª Série	160$	150$	170$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	460$	490$
A P I 5% 56	—	935$	950$
A P I 5% 58	—	935$	—
C. P. 4 /2% 65	870$	—	875$
C. P. 5 /2% 67	990$	990$	995$
C. U F 6%	998$	997$	999$
C. U F 6% 68	—	1.003$	1.010$
Gás Elect 4% 48	800$	790$	—
Gás Elect 4 /2% 51	—	830$	890$
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	890$
Gás Elect 5% 59	890$	880$	890$
Gás Elect 5% 62	—	930$	940$
Gás Elect 5% 63	—	915$	930$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	1.020$
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	—	830$
H E Cávado 6%	—	1.007$	—
H E Douro 5%	815$	815$	—
H E Douro 6%	1.012$	1.012$	1.013$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	845$
H E Zêzere 5% 57	—	—	845$
Lisnave 6%	—	1.020$	1.030$
Metropolitano 4%	900$	890$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.003$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	—	840$
Nitratos 5%	—	795$	800$
Nitratos 5% 60	—	—	780$
Petroquímica 5%	860$	850$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	940$	935$	945$
Sacor 5% 60	—	—	900$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	845$	850$
T A P 4%	—	—	960$
Termoelect Port. 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$5	—
U E P 4%	—	86$	—
U E P 4 /2%	—	90$	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	855$
U E P 5% 63	—	860$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.670$	1.665$	1.680$
Alentejo	905$	900$	910$
Angola	3.250$	3.200$	3.250$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.900$	3.900$	3.920$
E Santo	19.500$	19.300$	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p	—	—	—
L. & Açores p.	7.050$	7.050$	7.070$
L. & Açores n	—	—	—
P. Atlântico p.	6.650$	6.650$	6.670$
Portugal n	3.300$	3.250$	3.350$
Portugal p	—	—	4.400$
Totta Aliança	6.300$	6.250$	—
Ultramarino n.	2.975$	2.975$	2.980$
Ultramarino p	3.315$	3.315$	3.325$
Seguros			
Alentejo	76$	75$	76$
Douro	—	1.400$	—
Mundial	710$	705$	710$
Sagres	—	1.500$	1.600$
Tranquilidade	—	50.000$	60.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	925$	950$
Ag Cassequel	890$	887$	892$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	300$	325$
Boror	—	—	—
Buzi	89$	88$5	89$
Cabinda	—	241$	245$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.035$	2.030$	2.045$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Principe	—	850$	1.000$
Moçambique	193$	192$	194$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p.	460$	455$	465$
Zambézia	94$	93$5	—
Angolano	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.850$	—
Cim Leiria	4.300$	4.200$	4.300$
Cim Tejo	—	6.200$	—
Col Navegação	1.560$	1.520$	1.570$
C U F	1.475$	1.475$	1.500$
Ind Allança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	3.950$
Petroquímica	2.300$	—	2.300$
Port e Colónias	1.540$	—	1.540$
Port Celulose	—	4.650$	—
Port Pesca	1.250$	1.250$	1.300$
Port Tabacos	791$	790$	791$
Sacor	—	4.800$	5.000$
Siderurgia Nac	1.750$	—	—
Socel	3.000$	2.990$	—
Tabacos de Portugal	1.580$	1.570$	1.600$
Tabaqueiro	8.750$	8.750$	8.790$
U F Azoto	890$	885$	895$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	—
Aguas Lisboa 34	—	430$	435$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	—	1.730$
Gás Electr	429$5	429$5	430$
H E Alto Alentejo	158$5	158$	—
H E Cávado	—	1.290$	1.295$
H E Douro	1.245$	1.245$	1.248$
H E Norte Portugal	—	315$	325$
H E S. Estrela	—	1.600$	750$
H E Zêzere	—	1.290$	1.300$
Nac Electricidade	1.270$	1.270$	1.275$
Termoeléctr Port.	1.250$	1.250$	1.252$
U E P	—	—	200$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	199$	205$
F I D E S.	—	124$1	127$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	24/10	30/10	31/10
GERAL	142,8	144,7	**144,7**
METRÓPOL	137,2	139,0	**139,2**
ULTRAM.	184,2	186,2	**184,7**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 a 2		
— Rands de 5 a 20	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 a 000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$85	8$15
Inglaterra — Libra	68$50	70$50
Itália — Lira	$04,45	$04,67
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíça — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirham	4$60	5$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabe.	307$00	322$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$30	38$80

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

CURSO DE ENCARREGADOS PARA A INDÚSTRIA DE TIJOLOS E DE TELHAS

Com uma sessão de demonstração de ensaios de tijolos e de telhas efectuados na Divisão de Ceramica e Plásticos do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, terminou esta manhã o I Curso de Encarregados para a industria de tijolos e telhas, promovido pelo Centro Técnico da Industria de Ceramica, em colaboração com o L. N. E. C. e o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

Este curso foi constituído por palestras de esclarecimento com vista á maior valorização profissional dos encarregados e contramestres da industria da ceramica. A ultima lição foi proferida pelo chefe de Divisão do L. N. E. C., eng.º Abel Simões, que falou sobre a apreciação da qualidade de tijolos e de telhas.

Os participantes reuniram-se depois num almoço a que presidiu o eng.º J. Ferry Borges, subdirector do Laboratório.

Furtou uma carteira com oito contos mas foi logo apanhado

Foi preso pela P. S. P. da 3.ª esquadra (Bairro Alto), Vasco Gomes Jardim, de 41 anos, casado, natural de S. Martinho, Funchal, e sem residência certa nem profissão. A detenção verificou-se em S. Pedro de Alcântara e foi motivada pelo facto daquele ter furtado, na Rua Diário de Notícias, uma carteira com oito mil escudos e documentos a António Maria da Silva. O detido observara que o lesado tinha consigo bastante dinheiro quando o mesmo pagava uma viagem que fizera de táxi.

Ao ser preso, o Vasco Gomes Jardim tinha a carteira ainda em seu poder, com a aludida importância que veio a ser devolvida ao seu proprietário.

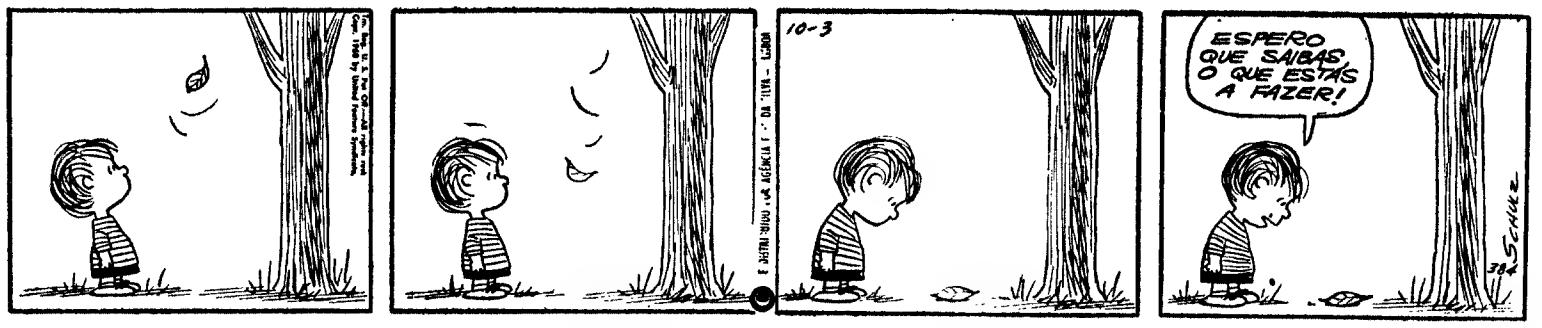
Um descarrilamento em Pinhal Novo

PINHAL NOVO, 31 — A circulação na linha férrea esteve aqui interrompida, durante onze horas e meia, das 7 e 30 ás 19 de ontem, devido a um descarrilamento verificado junto da estação local, com a máquina Diesel n.º 304 que andava em manobras na linha de triagem. A máquina foi arrastada até á estrada que atravessa as linhas do Sul e do Sado, onde ficou afocinhada. Afortunadamente, não havia transito na altura.

POR 4,60
diários, leve para casa
1 FRIGORIFICO c/ congelador a toda a largura
+1 FOGÃO 2 bicos e forno
+1 PANELA de pressão
pagando em 24 meses
condições vantajosas
marcas consagradas
ASTRO TÉCNICA
RUA DOS ANJOS, 71-B
AV. ANT. AUGUSTO DE ASPIAR, 59-B - TEL 561531
LISBOA-1

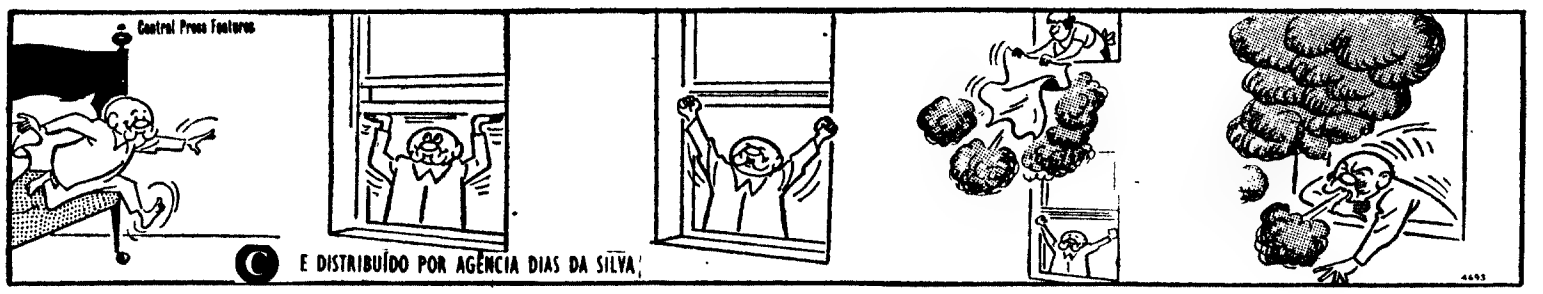
PRÉDIO
LUMIAR — ISENTO 4 ANOS
Grande volume, construção em cimento armado, hab. de 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall. Alugado com rendas de 1.100$00. Rendimento, 456.000$00. Preço 7.200.000$00, facilita-se parte a juro baixo.
MOSTRA E TRATA
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5 - 328232/3 - 561756

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

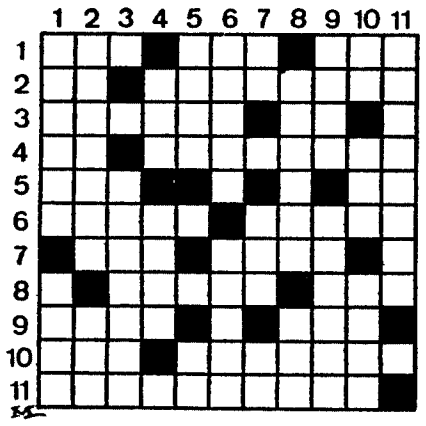
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5344

HORIZONTAIS: 1 — Casa. Com falta. Textualmente. 2 — Interjeição que exprime alívio. Português. 3 — Descendentes. Graceja. 4 — Prefixo de privação. Gatafunho. 5 — Ofereces. Figura. 6 — Advertência. Aumentava. 7 — Acolá. Oração. 8 — Engordurem. Dueto 9 — Árduo. Parceiro. 10 — Prefixo que designa «vinho». Pronunciou com som modificado pelo nariz. 11 — Pequenas aberturas.

VERTICAIS: 1 — Rabanada. Rio da Alemanha, afluente do Fulda. 2 — Aperfeiçoava. Liga. 3 — Antigo povo do País de Gales. 4 — A ele. Campa. 5 — Transpiração. Escalvado. 6 — Catafalcos. Incide. 7 — Nota musical. Preposição. Símbolo químico do escândio. 8 — Brilha muito. Progenitor. 9 — Partes. Peça do sino. 10 — Prefixo de negação. Pende. Bois selvagens. 11 — Estado da América do Norte que tem Denver por capital.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5343

HORIZONTAIS: 1 — Topei Tapar. 2 — Ad Lacerem. 3 — Pés. Aros. 4 — Época. Duo. 5 — Osco ONDE. 6 — Boa. Inda. Si. 7 — Aldeaga. Coa. 8 — NÃO. Co. HÁ. 9 — Ápira Couse. 10 — Are Postei. 11 — Proíbem. Ais.

VERTICAIS: 1 — Taprobana 2 — Ode. Solapar. 3 — Secadoiro. 4 — EL. Pó REI. 5 — Ia. O Iaca. 6 — Cacongo Pé 7 — Te. Anda Com. 8 — Ara. Dá. Hás. 9 — PERDE. Couta. 10 — Amou Só Sei 11 — Sociáveis

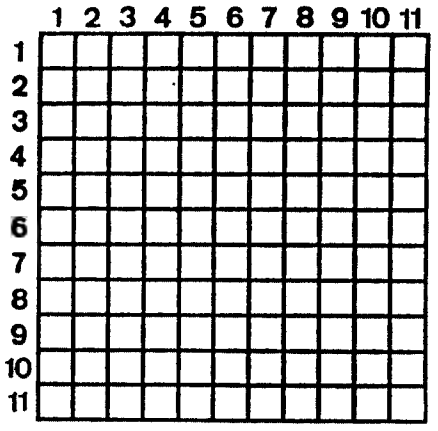
(**Provérbio** ONDE NÃO HÁ EL REI O PERDE).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9187

HORIZONTAIS: 1 — Dera prestígio a. 2 — Folecera. 3 — Artigo definido. Vi. Nota musical. Pronome reflexo. 4 — Rio de Portugal. Princípio. Distrito da India Portuguesa. 5 — Harmonisa. Rio da Russia. 6 — Eliminava. 7 — Homem de baixa estatura. Peixe escômbrida do Algarve. 8 — Nome de vários papas. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Procede. 9 — Preposição e artigo definido. Nota musical. Pertences. Prefixo de privação. 10 — Desvairadas. 11 — Aves pernaltas.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Argentina. Sofo. 2 — Um dos pontos cardeais. Ninho. 3 — Preposição. Espécie de andorinha. Átomo (abrev.). 4 — Nome de um astro. Escudeiro. Trocar. 5 — Grupo de três. Tempo do verbo ser. 6 — Caminhar. Fêmeas do boi. Antes de Cristo. 7 — Indiferença. Secura. 8 — Cólera. Nome de fruto. Vai para fora. 9 — Em partes iguais. Reconhecida. Senhor. 10 — Ecoo. Dá alarme. 11 — Lugar onde há muita areia. Menor quantidade.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9186

HORIZONTAIS: 1 — Maura. Crava. 2 — Átrio. Vivam. 3 — Sido. Muri. 4 — Ori. Dea. Sam. 5 — Aarão Frase. 6 — Asaro 7 — Grele. Olavo. 8 — Aer. Sês Rir. 9 — Sari Mará 10 — Tiara. Marat. 11 — Assoa Alise

VERTICAIS: 1 — Masca. Gasta 2 — Atira. Reais. 3 — Urdir. Erras. 4 — Rio. Aal. Iró. 5 — Ao Doses. Aa. 6 — Dê. Em 7 — CV. Afros. Má 8 — Rim Roi. Mal. 9 — Avisa Arari. 10 — Varas Viras. 11 — Amime Orate

Ciclo de Sociologia da Informação

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, inicia-se, no próximo dia 4 de Novembro, o ciclo de lições sobre «Sociologia da Informação», regido pelo dr. José Blanc de Portugal.

Este ciclo, integrado no Curso de Formação Artística, constitui uma novidade, abordando-se, ele, pela primeira vez e de forma acessível, a teoria da informação e os vários aspecots da comunicação, quer em função dos canais utilizados, quer dos seus conteudos, desde os científicos e tecnológicos até aos de natureza estética ou artística, a que se dará o devido realce.

As lições deste novo ciclo terão lugar ás terças-feiras, ás 18 e 30, aceitando a Sociedade Nacional de Belas-Artes inscrições em regime de frequência livre.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 31 de Outubro de 1939 publicava:

«**ROMA — Deu-se uma importante recomposição ministerial, que afecta quase todas as pastas, com excepção da dos Negócios Estrangeiros, ocupada por Ciano. Storace abandona, a seu pedido, o cargo de secretário-geral do Partido Fascista, pelo qual tinha também assento no Governo. E Hore Muti substitui Storace, que é nomeado chefe do Estado-Maior da Milícia. Dino Alfieri, que até agora sobraçava a pasta da Cultura Popular, sai do Gabinete e vai ocupar um lugar de embaixador, numa capital que ainda não foi designada. Além destes, saem do Governo os seguintes ministros: Lantini, ministro das Corporações; Guarneri, do Intercâmbio e Divisas; Benni, das Comunicações; Gigli, das Obras Publicas; general Pariani, subsecretário da Guerra; general Valle, subsecretário da Aeronáutica; e Medici del Vascello, subsecretário da Presidência do Conselho. (...) A recomposição ministerial em Itáli assume, neste momento uma importância que nos parece desnecessário pôr em relevo. (...) O conde Ciano, conhecido também como partidário do entendimento com a Alemanha, permanece no Governo. Tudo indica, porém, que a política externa da Itália passe a ser, de novo, directamente dirigida pelo Duce ou, pelo menos, inspirada e orientada por ele.»**

O VOO DAS AVES

AVEIRO, 31 — Ao caçar na ria de Aveiro, o sr. Vítor Antunes da Silva, residente na Rua Eng.º Oudinot 46-A, 1.º-Esq., nesta cidade, abateu um «maçarico», portador de anilha em que se lê: «Vogeltrekstation — Arnhem — Holland — 4.045.505»

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINOS
«MOÇAMBIQUE»*	9 de Novembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia
«QUELIMANE»*	21 de Novembro	Directo A: Lobito, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.

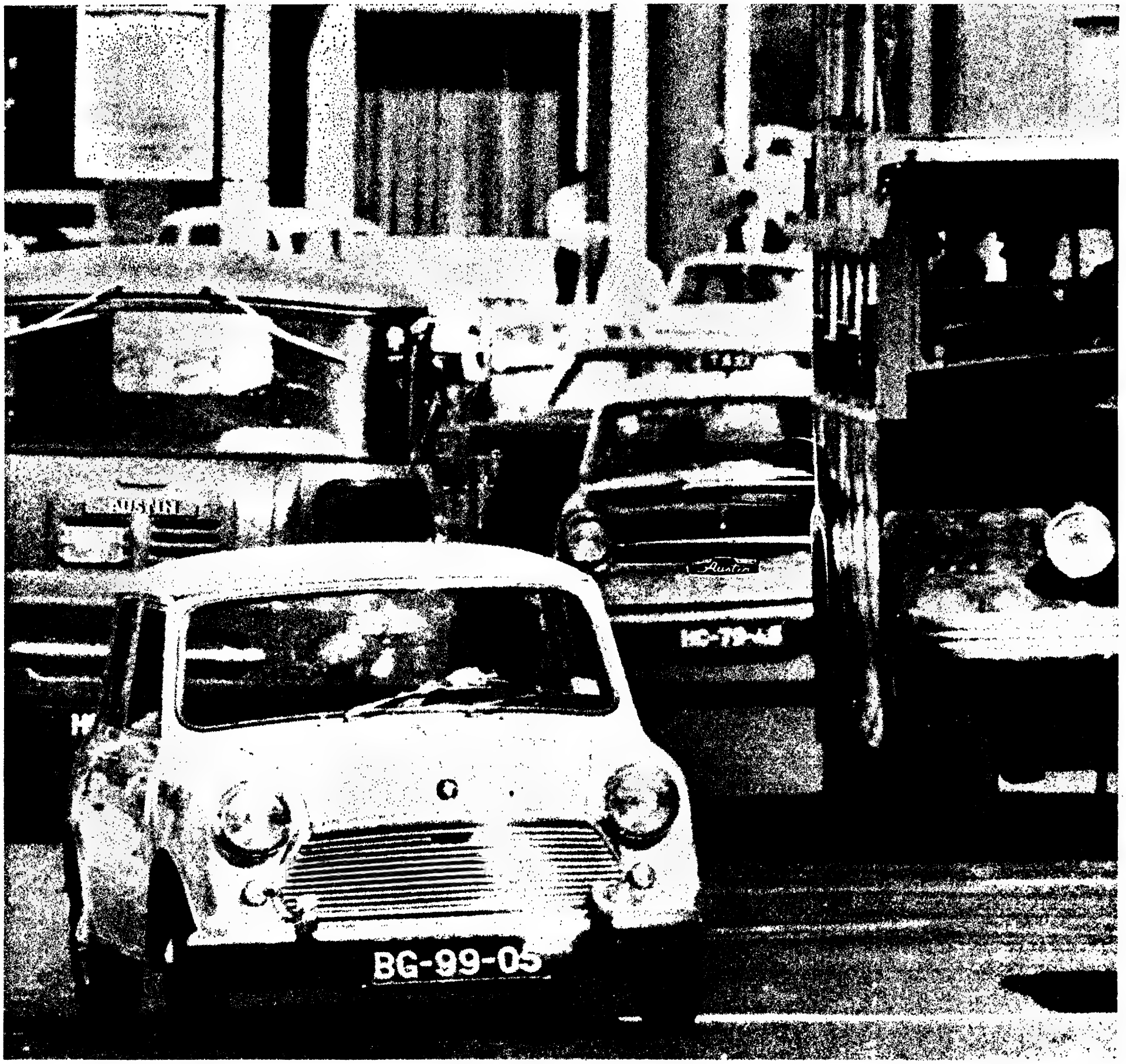
* Com escala prévia por Leixões.

LISBOA: Rua do Comércio, 85 — Telef. 32 30 21 — Reserva de Passagens: 3 47 64 - 36 91 72

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef.: 2 24 38

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas



O CARRO QUE VENCEU A BATALHA DO TRÂNSITO CONGESTIONADO

AUSTIN mini 1000 MK II

50 ANOS AUSTIN

69am05

DIST. GERAIS: J.J.GONÇALVES SUCRS.S.A.R.L. LISBOA • PORTO • EVORA
BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

«STANDS» EM LISBOA: — R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 — AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A — R. TOMÁS RIBEIRO, N.º 50-A

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

A brigada especial: Jogo escondido

Um jovem rico e taciturno, uma moça á deriva, um negro rebelde — eis um trio do qual se deve esperar uma atitude de oposição á lei e á ordem... Mas Pete, Julie e Linc são, na realidade, dos mais curiosos agentes jamais utilizados por uma força policial. Eles podem chegar onde outros polícias não chegam, pois conhecem bem a linguagem da juventude do seu meio. Foram eles «A Brigada Especial» («The Mod Squad»), interpretada por Michael Cole, Clarence Williams e Peggy Lipton. O filme desta noite, a exibir pelas 22 e 30, intitula-se «Jogo Escondido». Nela «A Brigada Especial» desmascara uma quadrilha de delinquentes juvenis...

CARTAZ TV

Pelas 20 e 15, Jorge Alves apresenta a rubrica «Cartaz TV», com imagens seleccionadas dos programas que desfilarão pelos televisores durante a próxima semana.

«Com música isto vai...» ou Jorge Alves (o apresentador de «Cartaz TV») resolveu-se a ingressar nos quadros minguados dos nossos executantes.

II PROGRAMA

«O homem de fato claro»

Na emissão de hoje do 2.º Programa surgirá, pelas 22 e 10, aproximadamente, a rubrica «Noite de Cinema» que apresenta o filme de longa metragem «O homem de fato claro» realizado por Alexandre Rackendrick e interpretado por «Sir» Alec Guiness, Jean Greenwood, Cecil Parker, Play Roger e MacDougall.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Coral Phidelius de Torres Novas; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira; 18.05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19: Cartaz dos Espectáculo; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 27.º episódio do folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Ana Maria Xavier e Alcindo de Carvalho; 22 e 50: Musica ligeira; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do Mundo — Musica de Sin-Kiang; 16 e 07: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de Câmara, 18: Musica portuguesa; 18 e 50: O Regem Coeli — motete (Victória) — Coro dos Padres do Espírito Santo, de Chevilly, sob a direcção de Lucien Deiss; 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Obras de Scriabine, para piano; 20 e 30: Musica de Câmara; 21: Parte de um concerto pela orquestra sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Charles Bruck; 22 e 42: Musica de piano; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa; 22 e 45: Áreas ciganas (Sarasate); 23: Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

Rádio Universidade — Às 19 e 10: Abertura, 19 e 15: Musica ligeira; 19 e 30: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Momento ABC; 20 e 12: Europa musical; 20 e 30 ás 00: «Quadrante 2-9-0» 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo, 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM: 22 e 02: Programa á Gô-Gô. 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioramo; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada, 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioramo; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

canal da crítica

DA INGENUIDADE À IGNORÂNCIA COM PASSAGEM PELAS HIPÉRBOLES

João de Araújo Correia não pode considerar-se, dentro do panorama literário português, dos escritores mais infelizes: homenageado pela Sociedade Portuguesa de Escritores; premiado pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo com o «Prémio Nacional de Novelística; falado (e mais de uma vez) na Televisão Portuguesa — o autor de «Folhas de Xisto» tem um palmarés não direi de todo invejável — mas não muito comum numa aldeia literária como a nossa.

Escolhido para a rubrica «Entrevista do mês» — eis aí mais um elemento importante para o seu «curriculum». Impressão duradoira e favorável não ficará na memória dos telespectadores. Mas isso é outra história e a culpa não pertencera totalmente à Televisão Portuguesa.

É lamentável que um escritor como Araujo Correia possua, em relação aos problemas do seu ofício, noções da escolaridade mais elementar, informação cultural de tal modo confusa.

Não sei qual a vantagem em manter com escritores tão desinteressados da seriedade das questões estes diálogos de surdos. Documentos vivos, estas presenças fugidias devem sobretudo dirigir-se á verdade dos escritores e não ás suas aparências, á sua ciência e não á sua ignorância. A verdade de Araujo Correia está no povo que ele conhece como escritor e como médico e não nas subtilezas do realismo em cujo turbilhão se enreda e se perde. De como o povo transita da realidade para o real, de que processos usa Araujo Correia na sua alquimia literária, eis que nada nos foi dito. A superficialidade das questões levou-o a flagelar as «igrejinhas» e tertúlias, quando o principal seria puxar-lhe, pela memória, falar-lhe da sessão, há anos, na Casa da Imprensa aí onde destruídas foram, em redor do seu nome, as tais tertúlias e «igrejinhas».

Que nos fica desta entrevista? Um amontoado de palavras ora ingénuas, ora pobres, ora simplesmente... palavras.

Prémios? Detesta-os. Mas recebeu o prémio da Secretária de Estado de Informação e Turismo. Porquê? Ouçamo-lo:

— Foi para mim uma surpresa. Avesso a prémios, não concorri ao galardão. Surpreendido pela homenagem, pensei em recusá-lo. Mas não pude. Fora-me concedido por unanimidade e por um juri digno do meu respeito e por confrades dignos da minha estima. Como sou incapaz de magoar a mão que me acaricia, aceitei o galardão — palavra que detesto, faz-me lembrar penas de pavão...

«Devo dizer que se aceitei o prémio, aceitarei o dinheiro que lhe competir. Esse dinheiro não me queimará porque não é dinheiro de ninguém, é dinheiro de nós todos, é dinheiro da Nação. Como português que se orgulha de ser, haverá quem tenha defendido com mais calor do que eu a língua portuguesa?»

Ouçamo-lo igualmente discretear sobre as relações entre as funções de médico e de escritor:

«Sempre me fez espécie que os escritores médicos sejam com facilidade maiores escritores do que os escritores não médicos. Se bem pensar, concluo que é indispensável ao escritor ser médico, ter profundos conhecimentos de medicina, para ser escritor razoável. Suponho isto ás vezes nas minhas cogitações porque nunca acontece que o escritor, sendo médico, cinque em problemas médicos e o escritor não médico que se vê forçado, muitas vezes, a tratar problemas médicos, horroriza o leitor médico pelos seus dislates.»

Esta... ingenuidade adaptava-se não á crítica, mas ao desfrute, dado que em certas situações nada mais será possível ou aconselhável. Dispenso-me desta arma-em-legítima-defesa por amor á recordação de algumas páginas de Araujo Correia. Em atenção a uma realidade, esquecerei esta sombra que é quase uma ficção.

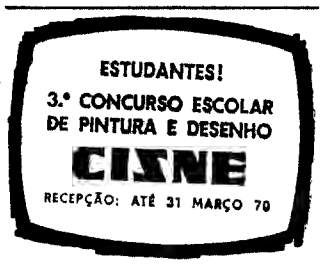
Como esquecerei aquela sua outra afirmação de que é mais fácil escrever romances do que contos. Como esquecerei aquela «a minha obra é universal». Como esquecerei aquela noção do «homem sempre igual no tempo e no espaço». Como esquecerei o realismo definido como «o amor á verosimilhança». Esquecerei isso e muito mais na convicção de que João Araujo Correia não tem culpa.

Mário Dias Ramos foi um entrevistador que lutou, em vão, nas duas frentes: a sua própria confusão e a confusão de Araujo Correia. Vislumbrou-se uma preocupação de pôr a casa em ordem. Acabou por não poder movimentar-se no sotão sem remédio.

A apresentação do escritor constituiu, por sua vez, uma lástima mal cerzida de lugares-comuns escritos sobre o joelho. «João de Araujo Correia é um ficcionista de garra para quem a natureza humana não tem segredos nem mistério...»

Luís Forjaz Trigueiros, ensaista muito conhecido e lido em Pernambuco, segundo informações que a Televisão Portuguesa já nos proporcionou, enrodilhou-se em hipérboles que elevam João Araujo Correia á categoria de Deus. Que nos valha, se ainda pode.

MÁRIO CASTRIM

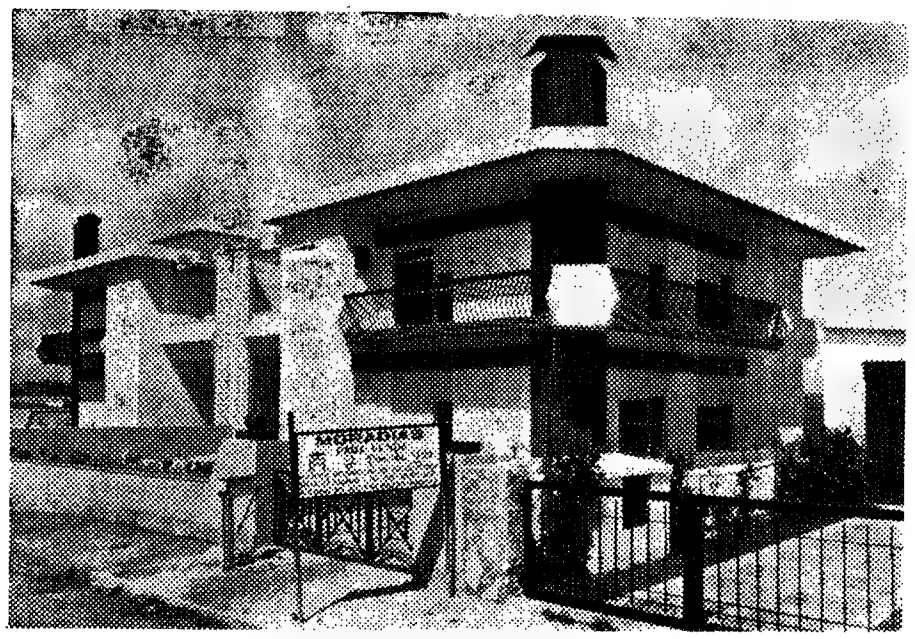


AMANHÃ — **I Programa** — 1.º Período — Às 12 e 30: Abertura e Missa do Dia de Todos os Santos; 13 e 10: Fecho **2.º Período** — 15 e 01: Telejornal; 15 e 10: Nós, as Mulheres; 15 e 35: Momento de decoração; 16: Programa Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 50: Movimento e Saude; 17 e 05: Estudio sem marcação; 17 e 55: Tele-desporto; 18 e 25: Notícia do Espectáculo; 18 e 55: Nos Bastidores da Aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil «Os Vigilantes da Floresta»; 20 e 15:... E a Vida Continua..., por Teodoro Marques da Silva; 20 e 25: TV Mundo «Ecce Homo»; 22 e 30: Telejornal; 22 e 35: Folhetim «Os Companheiros do Baco»; 23 e 05: Riso e Ritmo; 0 e 25: Marcha do Mundo; 0 e 30: Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: «Ladrão, precisa-se»; 23 e 25: Fecho.

CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO
MELHOR QUALIDADE
MAIOR EXACTIDAO
MAIOR PERFEIÇAO
MAIOR BELEZA
CAUNY
O relógio suiço para toda a vida
O relógio Cauny vale muito mais do que custa

ESPECIALMENTE PARA SI...
...QUE TEM UM GOSTO REQUINTADO



construímos, em Paço de Arcos, elegantes moradias com acabamentos de luxo

O r/c compõe-se de:

átrio, hall, sala de jantar, sala de estar, biblioteca, sala de engomados, despensa, quarto, I. S. da criada e zona de lavagem de roupa.

No 1.º andar:

suite, 3 quartos, casa de banho, quarto de recreio, ampla varanda e solário. No espaço envolvente da moradia, cuidadosamente tratado, está localizado o abrigo de viaturas.

Facilita-se parte do pagamento.

Faça uma visita a estas moradias, na Rua José Ferrão Castelo Branco, e das suas amplas varandas desfrute as magníficas vistas que elas lhe oferecem. Se não for esta a solução do seu desejo, consulte-nos, porque possuímos terrenos em Cascais, com vista de mar e serra, onde podemos construir ao vosso inteiro gosto.

Apartamentos Mobilados em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa
Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA: RUA CONDE REDONDO, 53-4.º, ESQ. — TELEF. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: RUA D. MARIA I, 30 — TELEF. 95 20 21/22
REBOLEIRA: AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — TELEF. 93 36 70

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

Em Toronto, o Boavista bateu por 3-1 o Hellas, com golos de Moura (2) e Celso.

No domingo, o Boavista defronta o First Portuguese.

BILHAR

Resultados da jornada a contar para o Campeonato de Lisboa de primeira categoria (3 tabelas»: Cardoso Pereira, 60-83-3 Manuel Rosádo, 53-83-3; Julio Barbedo, 60--92 4-José Soares dos Santos, 48-925; Angelo Alves, 60-111--4 Rui de Melo, 60-111-4.

ANDEBOL

Encontros do Regional da segunda divisão e respectivos desfechos: Boa Hora-Oriental, 16 13; C. Piedade-Madre de Deus, 16-11; e Vendedores--Casa Pia, 28-13.

BASQUETEBOL

Em Lourenço Marques, o Sporting Clube de Portugal foi vencido pelo Desportivo local, num embate de fraca categoria técnica. Resultado: 39-32.

Ginástica em Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, — A União Desportiva Vilafranquense contratou os professores D. Ligia Inácio e João Carapinha, para dirigirem as suas classes de ginástica, garantindo assim aos filhos dos seus associados e a quantos se interessam pela modalidade, a possibilidade de frequentar as diversas aulas na época de 1969/70.

As inscrições encontram-se abertas na sede daquela colectividade e podem ser feitas todos os dias uteis das 21 ás 23 horas.

Sábado desportivo

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 4.ª jornada: Técnico-Passos Manuel, Almada-Belenenses e Benfica C. N. O. A., em 1.ª categoria, no pavilhão do Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de juniores: P. Manuel (B)--C. Ourique, Atlético-A. Amadora e Sporting (B)-Benfica, no pavilhão de Campo de Ourique, ás 16 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de juvenis: P. Manuel (A)--Sporting, Encarnação-Benfica e Parede-A. Amadora, no pavilhão da Ajuda, a partir das 17 e 30.

ATLETISMO — Torneio «Primeiro Passo», em Alvalade, ás 9 horas (1.ª jornada).

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 5.ª jornada: Técnico-Moscavide e Carnide-Cruz--Quebradense, ás 21 e 30; UniversitárioLiberdade e Lisgás Oriental, ás 22 e 30 — todos no pavilhão da Ajuda.

CICLISMO — Campeonatos regionais de velocidade de várias categorias, na pista da Malveira, a partir das 9 horas.

FUTEBOL — Campeonato de Reservas (1.ª Divisão) da A. F. L.: Benfica-Belenenses, no estádio de «Pina Manique», ás 15 e 30 horas.

— Campeonato de Reservas da A. F. Setubal, Seixal-Amora, Lusol Montijo, Sesimbra-Trafaria, C. U. F.-Barreirense e V Setubal-C. Piedade, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

— Campeonato da F. N. A. T., 3.ª jornada, em vários campos.

GOLFE — Torneio da Taça «Visconde de Soveral», em pares-mistos, 1.ª volta, no campo do Estoril.

PESCA DESPORTIVA — 1.º Concurso de Outuno, inter-clubes, na Valla de Salvaterra de Magos.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 9 – 9.ª época

Brados do Alentejo — 112 11X 1X2 XXX1; Cavalgada do Ritmo — 2X2 X12 X22 1X2X; Comércio de Portimão — 212 211 112 1121; Correio dos Açores — 211 221 X22 1XX1; Correio do Vouga — 111 112 112 1111; Defesa de Espinho — 11X XX1 2X2 112X; Diário dos Açores — X1X 222 112 112X; Diário do Minho — X12 11X X12 1121; O Distrito de Setúbal — 21X 1X1 X12 1121; Eco do Funchal — 1X2 212 1X2 1111; Ecos do Desporto — 11X XX1 X12 X1X1; Estação Emissora do C. A. A. (NR) — X11 X21 112 1X2X; Estrela da Manhã — 111 2X1 212 122X; Eu Sei Tudo — 211 222 X12 X211; Folha do Domingo — 1X1 2X1 2X2 1221; Gazeta do Sul — 212 XX1 212 11X1; Imagens Piedenses — 112 11X 1X2 XXX1; Jornal de Santo Tirso — 112 1X2 1X2 1X11; Jornal Beira Baixa — 112 211 12X 1X12; Jornal da Lixa—111 211 2X1 1121; Jornal de Sintra — 211 11X 212 1X21; Notícias de Beja — 21X 1X1 212 1221; Notícias de Chaves — X11 22X 11X 1221.

Notícias de Guimarães — XX2 X21 21X 11X1; Povo Algarvio — 111 X22 212 1121; Rádio Altitude — X11 1X1 212 1121; Reconquista — 111 111 11X 2122; Renovação — 111 111 112 1121; Republica— 21X X12 222 1121; O Templário — 211 111 111 1112; A Voz Desportiva — 211 212 21X 1121; Voz de Lamego — 211 221 112 1X12; A Voz de Palmela—2X1 111 211 1X2X; A Voz — X1X 211 212 1121; Rádio Placard (ENR) — 21X 121 12X 1121; Rádio Placard (RCP) — 212 111 X12 1121; Rádio Placard (R. C. P. de Lisboa)—X12 X21 11X 11X1; Rádio Ribatejo — 11X 1X2 212 1221; Rádio Sports — 111 111 112 1111; Repórter do Dia — 211 1X1 212 1121; Repórter do Dia (Angola) — X12 1X2 212 1111; Resenha Desportiva — 212 211 122 1112; Só-Rádio — 22X 111 12X 2111; Sorriso da Hora do Almoço — 211 XXX 11X 2XXX; Sporting — 21X 21X 122 1X2X; O Telégrafo — X12 112 212 1211; Terra Alta — X12 111 211 1X12.

Auto Rádio — 211 111 XX2 1121; Almanaque — X11 21X 121 X211; Boletim Desportivo do R. P. — 11X 121 11X 1111; Boletim Desportivo (T. A.) — 11X X11 112 2121; Cantinho Ricardo Lemos — X12 2XX X12 1111; Centro Desportivo — 2X2 2X1 222 1121; A Comarca de Arganil — X11 1X2 X12 1221; O Comércio de Guimarães — X12 221 X21 1X21; O Comércio do Porto — 21X XX1 X12 1111; O Comércio de Leixões (DTUP) — X12 211 22X 122X; O Comércio de Leixões (Desp.)—11X 21X 2X2 1X21; Correio de Coimbra — 11X 221 212 2211; De Tudo Um Pouco — 211 121 X12 11X1; Às 10 Espere por Nós — X1X 122 1X2 X21X; Diário de Coimbra—212 1X2 2X2 1121; Ecos de Cacia — 11X 122 212 1X12; Emisora Of. da Guiné Portuguesa (TD) — X11 211 12X 2121; Dos Fracos não Reza a História — 11X 112 11X 2211; Ideal Rádio — 21X X1X X12 1111; Jornal da Beira — X1X 2X2 2X2 11X1; Jornal do Sul (AD) — 21X 211 X12 122X; Jornal do Sul (TL) — 211 XX1 X22 1X22; A Lição do Menino Quim — 21X 11X 1X2 1112; Linhas de Elvas — 111 112 212 1121; Litoral — 21X 221 11X 122X.

Maria da Fonte (Desp) — 111 11X 222 122X; Maria da Fonte (VP) — X12 1X1 112 1222; Momento do Totobola — 211 1X1 2X2 11X1; No Mundo do Desporto (RCA) — X12 111 2X2 1X21; Musica e Desporto — 21X 2X1 112 1111; Notícias do Douro (Desp) — 1X1 XX2 2XX 1X21; Notícias d'Évora (VJT) — X11 2X1 X12 1X21; Notícias d'Évora (VD) — 11X 21X 2X2 12X1; Notícias de Felgueiras (SD) — X1X X21 121 1221; Notícias de Felgueiras (TOT) — 111 11X 112 111X; Notícias de Penacova (Totof.) — 11X 121 211 1121; Notícias de Penacova (Totop) — 111 121 X11 1X21; Novidades — X11 X12 212 11X1; Passatempo — 11X 11X 2X2 1X11; Penalti — 111 112 222 111X; Prog. Electro Mecanico — 111 111 111 1111; Prog. da Manhã — 111 111 111 1111; Prog. Sem Nome — 1XX 211 1X2 111X; A Rabeca — X1X X21 212 12XX; Rádio Clube do Norte — 211 X12 1X1 12X1; A Voz do Domingo — 211 111 11X 1111; A Voz dos Ridículos — 112 11X 122 2211; Palpite — 11X X2X 1X2 111X; Peça Que Não Maça — 211 1XX X12 X111; Diário de Lisboa — 21X X21 212 11X1;

Notícias da Beira — 211 X2X 122 X1X1; Notícias — 112 1XX 212 XX11; Notícias — 112 1XX 212 XX11; Diário — 211 X21 22X 11X1; Jornal Desportivo — 2XX 1X2 222 1X11; Noticiário Desportivo — 111 22X 2X1 1X11; Onda Desportiva 111 112 11X 1111; Onda da Manhã — 11X 112 X21 X121; Domingo Alegre — 21X 121 112 1XX1; Roteiro Sonoro — 1X2 111 XX2 1121; Relato F. Português — 2X1 111 212 1111; Relato F. Ronga — 11X X11 2X1 1121; Bondiazinho — X1X 111 222 11X2; Cidade 69 — 122 1XX 21X 2222; Vamos Jogar no Totobola — 11X X12 2X2 XX11; Brado Africano — 2X1 XX2 212 1X11; Diário — 21X 121 X1X 11X1; Comércio — 21X 2X1 112 X1X2; A Nossa Chave — 21X 212 212 111X; Apostolado — 211 1X2 212 1211; O Lobito — XXX 111 112 1X11; Notícias do Totobola — X12 X2X 212 111X; Mundo Desportivo — 211 11X X12 1111; Notícias da Amadora — X11 11X 222 1111; O Jornal de Felgueiras — 211 21X 21X 1211;

O Comércio de Gondmar — 2XX X11 212 12X1; O Comércio de Gaia — 2XX X11 212 12X1; Correio do Douro — 211 X12 2X2 1112; Norte Desportivo — 2X1 X21 X22 111X; Flor do Tamega — 211 221 212 1122; Vamos á Bruxa (Adesivo) — X12 12X 212 1112; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 212 122 2X2 1112; Colina Sagrada— 12X 211 2X1 222X; Jornal de Notícias — 11X 1X1 212 1X21; A Ordem — 211 11X 1X2 1111.

(a) Açores (Desportivo)— 112 121 22X 1X21; A Ilha (Desportiva) — 11X 12X 21X 122X; Onda (Desportiva) — X1X 2X2 12X 1X21;

RESUMO
CONCURSO N.º 9

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Suiça-Portugal	48	31	55	4	3	5
2.	G. Vicente-Chaves	115	16	3	10	1	1
3.	S. P. Cova-Avintes	54	49	31	5	4	3
4.	Guarda-Feirense	66	31	37	6	3	3
5.	Marialvas-Valecamb.	65	34	35	6	3	3
6.	Caldas-Casa Pia	71	30	33	6	3	3
7.	Alcanena-Estoril	47	24	63	4	2	6
8.	U. Montemor-Almada	78	29	27	8	2	2
9.	Silves-Olhanense	16	25	93	1	2	9
10.	Sp. Luanda-Dinizes	112	12	10	10	1	1
11.	Ara-Caala	72	32	30	6	3	3
12.	Textafrica-Ferr. L. M.	53	24	57	5	2	5
13.	Desportivo-F. Beira	95	23	16	9	2	1

E o prognóstico lógico será: 211 111 212 1121

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

OS JOGOS DO TORNEIO DE JUNIORES DA U. E. F. A.

Na reunião dos delegados dos países concorrentes ao 1.º Grupo da fase de qualificação do Torneio Internacional de Juniores da U.E.F.A que ontem se efectuou em Paris ficou estabelecido o respectivo calendário de jogos e que é o seguinte:

França-Portugal, em Paris a 22 ou 25 de Janeiro; Portugal-Espanha, em Lisboa ou Porto em 5 de Fevereiro, Portugal-França, em Lisboa ou Porto, em 21 de Fevereiro; Espanha-Portugal, em cidade a designar, em 5 de Março; Espanha-França, em cidade a designar, em 12 de Março e França-Espanha, numa cidade do sul, a designar em 16 de Abril.

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, 1.ª Divisão, reservas: Técnico-Passos Manuel, Almada-Belenenses e Benfica-C. N. O. C. A., no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra: Benfica-Belenenses, Ateneu-Internacional e Algés-Atlético, no pavilhão da Ajuda, a partir das 21 horas

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato nacional da 1.ª Divisão, metropolitano: Zona Norte — Valongo-Termas e Carvalhos-F. C. Porto, a partir das 21 e 30. Zona Sul — C. U. F.-Rossiense e Paço de Arcos-Oeiras, no pavilhão dos Desportos, a partir das 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Taça Imprensa, em senhoras, 2.ª eliminatória.

DIAMANTINO

O «ONZE» DA F. P. F. NA SUÍÇA

Diamantino e Tomé: estreias (prováveis) na selecção

Selecção nacional de futebol já na Suíça, para onde partiu, esta manhã. Vai a turma portuguesa disputar, como se sabe — desafio para só cumprir calendário, já que a hipótese México ficou perdida muitos meses antes da deslocação a Bucareste. Jogo de prestigio, sòmente — se é que questões desta ordem ainda têm cabimento no actual futebol, todo virado para a competição e para os pontos.

Ontem, á tarde, em Alvalade, o seleccionador e Juca orientaram uma ultima sessão de conjunto — que acabou por quase não o ser, dado, que, naturalmente, os homens convocados, do Sporting, não o fizeram, sendo, até, Nelson (a contas com uma entorse) afastado definitivamente. Desta forma, cá fora, estiveram a ver, Damas, Pedro Gomes, Hilário, Gonçalves, Peres e Mário. Tudo isto levou a formar uma equipa de quase recurso — talvez com um ataque definitivo para Berna. A formação foi a seguinte: Armando; Conceição, Humberto, Rui Rodrigues e Toni; Rolando e Tomé; Simões, Eusébio, Guerreiro e Diamantino.

Como «adversário», a reserva do Sporting, que apresentou uma novidade: equipou-se com as camisolas que o Arsenal deixou em Alvalade, como recordação.

Apontamentos? Certa alegria geral e muita descontracção e evidência (natural) nos «possíveis», neste caso Armando, Rui Rodrigues, Tomé, Guerreiro e Diamantino.

A selecção marcou cinco golos, e a reserva um só. Sessão debaixo de sol, numa despedida do «Mundial», em que o clima, pelo menos, está a ajudar... Já não é mau...

A comitiva partiu hoje, ás 8 horas, e tem a seguinte constituição: dr. Caldeira Leite, Manuel Silva Pereira, Afonso Lacerda, Germano Óscar, dr. José Maria Antunes, Juca, dr. Silva Rocha, Manuel Marques e 15 jogadores: Damas, Armando, Conceição, Pedro Gomes, Rui Rodrigues, Humberto, Hilário, Rolando, Gonçalves, Peres, Guerreiro, Simões, Eusébio, Mário e Dimantino.

ANDEBOL

A FEDERAÇÃO NOMEOU O PROF. ÂNGELO PINTADO SEU SECRETÁRIO TÉCNICO

Desde há muito que se projectava, no âmbito federativo do nosso andebol, nomear um secretário técnico, que pudesse chamar a si toda a estruturação técnica da modalidade, de colaboração com o respectivo Conselho Técnico.

Tão acertada decisão foi agora tornada realidade com a nomeação para aquele novo cargo do prof. Ângelo Pintado, conhecido jogador «internacional» benfiquista, diplomado pelo I. N. E. F.

Desta nomeação foi agora dado o devido conhecimento ao Conselho Técnico, que reunirá na próxima semana com o prof. Ângelo Pintado, para estruturação do plano da preparação da equipa para os jogos com a Itália, Alemanha e para a «Taça Latina».

O encontro com os italianos, em Turim, não está ainda definitivamente assente, aproveitando Álvaro Garrido, presidente da Federação, a sua deslocação a Madrid, para o Congresso da «Taça Latina», a realizar amanhã na capital espanhola, para se avistar com o representante da Federação italiana, a fim de concluir as negociações para a possível deslocação.

O jogo com a Alemanha, no Porto, está já assente e a confirmação das equipas presentes na «Taça Latina» e data definitiva da sua disputa em Lisboa, serão assuntos a ficar decididos no citado Congresso.

AGOSTINHO E MIRANDA PARTIRAM

Rumo a Bergamo, onde, no domingo, disputarão o tradicional «Troféu Borachi», partiram, esta manhã, os ciclistas do Sporting Joaquim Agostinho e Leonel Miranda, que afirmaram:

— *É uma prova difícil, disputada por excelentes ciclistas.*

«*No entanto* (disse Agostinho) *eu e o Miranda, apesar de estarmos sòzinhos, tentaremos obter o melhor rendimento possível. Vamos a ver... Fisicamente sinto-me em excelente momento*».

Por sua vez, Leonel Miranda declarou que se encontrava em boa «forma» e completamente recuperado de uma gripe teimosa, que durante largos dias lhe roubou faculdades.

JUCA: treinador da Académica

Julio Cernadas Pereira (Juca) será, a partir da próxima segunda-feira o novo treinador da Académica.

Desvinculado do compromisso que o ligava á Federação de Futebol, Juca será agora o «responsável» pela equipa dos estudantes confirmando-se assim os rumores que já algum tempo circulavam nos meios afectos aos escolares.

Entretanto o contrato com Francisco Andrade foi já rescindido amigávelmente.

Otto Glória e Schwartz seguiram para Inglaterra

Em missão de «espionagem» partiram esta manhã para Londres os treinadores do F. C. Porto e do Benfica, Elek Schwartz e Otto Glória. Em Inglaterra aqueles técnicos observarão as equipas do Newcastle e do Celtic que, dentro de dias, defrontarão aqueles dois clubes portugueses.

Calços para travões
Discos para Embraiagem

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

AUTOMOBILISMO

VOLANTES FORA DE SÉRIE

Na ultima semana ocupámo-nos de um acessório muito em voga: as jantes especiais construídas em liga livre. E, uma vez que enveredámos pelo caminho dos acessórios especiais, continuaremos hoje com uma apreciação de outra «peça» muito difundida: os volantes «fora de série».

Nascidos para os automóveis fora de série, de competição ou de grande luxo, os volantes de aço ou aluminio com o aro recoberto de madeira finamente preparada e polida constituiam um equipamento obrigatório tanto do automóvel de corrida de qualquer nacionalidade como da carroçaria fora de série, dos carroçadores de renome mundial como Farina, Ghia, Vignale, Touring, Saoutchik, etc.

Na competição, alguns

Por BANDEIRA DE LIMA

pilotos que pretendiam ainda um «agarrar» mais firme, revestiam-nos com uma camada de fio de linho. A vantagem de um volante que é mais difícil de escapar das mãos durante uma manobra de recurso, juntamente com a deformabilidade tão conveniente em caso de acidente havia conferido aquele acessório as honras de equipar o género de automóveis que atrás referimos. E por que não os outros? — pode perguntar-se. Bem, o preço torna-o pouco acessível á montagem em grande série, e tanto os estilistas da produção de série como os computadores que fornecem respostas depois de alimentados por inquéritos directos ou indirectos não os consideraram como componente a adoptar.

Entretanto, nos ultimos três ou quatro anos, os luxuosos volantes de madeira começaram a ser lentamente destronados por outros, de aro almofadado a espuma de borracha e forrados a napa, uns, a cabedal os outros de maior preço. Talvez devam pouco á beleza, mas emparelham fácilmente com a maior parte dos forros e estofos que equipam os carros de grande série. E, de qualquer forma, os volantes de madeira não têm hoje o requinte dos acabamentos dos modelos de há meia duzia de anos.

Os actuais volantes de aro almofadado oferecem vantagens reais: são ainda mais eficazes, quanto a segurança, do que os de madeira, oferecem a mesma deformabilidade, são mais cómodos para as mãos, mais difíceis de «escapar» em manobra de emergência e em nenhuma circunstância, excepto ao nivel de competição — e nem sempre —, requerem o uso de luvas.

Tudo isto é natural dadas as especiais características do novo tipo de construção, aliás uma espécie de ovo de Colombo. Mas um novo factor viria a intervir favorávelmente no uso desses volantes fora de série: é que as suas dimensões diminuiram sensivelmente em relação aos volantes montados em série. Há pouco tempo ainda, um volante de 15 polegadas era aplicado sómente em carros de características de certo modo excepcionais de direcção e de suspensão, pelo menos em relação á produção de grande série: era difícil manter os automóveis «a direito» sem que isso implicasse num esforço de atenção por parte do condutor. Hoje, volantes de 14 polegadas não são vulgares mas são montados já em certa «quantidad . Aparelhos de direcção e suspensões, mesmo em grande série, são já perfeitamente capazes de permitir governar o automóvel com um volante de pequenas dimensões. E o obstáculo existe apenas e eventualmente nos condutores e na sua relativa capacidade de adaptação. Com um volante pequeno as manobras são apreciàvelmente mais rápidas. Quando o volante é realmente pequeno (10 ou 11") o movimento dos braços práticamente não conta. Isso dá ao condutor uma capacidade de defesa em relação ao inesperado para a qual não conhecemos paralelo.

Mas requer um período de adaptação. Lembramo-nos de quando pela primeira vez, há anos, guiámos um carro equipado com um volante realmente pequeno. Possuíamos então um Lancia de Grande Turismo, comprido e com um volante que mais parecia uma roda de leme. E passámos a guiar com certa frequência um Imp. curtissimo em relação áquilo a que estávamos habituados e equipado com um volante almofadado de 11 polegadas. E, durante mais de 1000 quilómetros não fomos capazes de levar o automóvel naturalmente a direito. Qualquer pequeno movimento do volante a que o Lancia não era sensível metia o Imp numa curva pronunciada.

Mas, uma vez adaptados, não quisemos outra coisa. A nossa opinião mantém-se ainda hoje. E nunca mais tivemos outro tipo de volantes em carros nossos. No Alfa usamos um de 13 polegadas. Outro, mais pequeno, exige muito esforço na manobra de cidade.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

NO LUMIAR — 3 boas div., assoalh., excelente panorama, preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ameixoeira, 47. TRATA: LOURENÇO & FREIRE COSTA, LDA. Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Telefs 32040/428143

ANDARES

VENDE SE magnífico andar em Lisboa junto de todos os transportes c/4 amplas casas assoalh., coz., desp. e 2 casas de banho prontos a habitar e a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104, 2.º Tels. 536111 / 2 / 3, Lisboa.

Contacto

(H. NUNES)

PUBLICIDADE

Telef. 847260

ANDARES

Na Baixa — óptimas casas desde 370 contos. Rua dos Lagares, 20-22. Vendas a cargo de Lourenço & Freire Costa, Limitada, telefones: 328143-320840.

PREDIOS. ANDARES. MORADIAS. TERRENOS.

não compre sem consultar a PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio 69

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algés, revestido a Evinel, composto de 8 inq. c/ 3 casas assoalhadas a render 145.800$00. P.: 2 400 000$00.

Trata: F. Fernandes & Costa, Lda,. Av. Almirante Reis, 104, 2.º, Telef. 536111-2-3.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs 325487 e 370618 (junto à P. da Figueira)

CASAS para alugar

Procure-nos. Ex.mos escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos quaisquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSTINVICTA, Rua do Ouro, 292, 1 — Telefs: 30259-34758

Na LAGOA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Central

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97

Rua Arco a S. Mamede, 18 2.º-F (ao Rato)

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO.

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.

SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO

T. 560713

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2 — TELEF 53 61 11/2/3

ÁLVARO NUNES

Agência de Compra e Venda de propriedades

Empréstimos com garantia hipotecária

Autorizado oficialmente

Escritório: LARGO DO CHAFARIZ, 16-2.
Telef. 21393 — FUNCHAL

BEDFORD KHL

COM CABINA DE LUXO
9 000 KGS DE CARGA ÚTIL
COMPRIMENTO MÁXIMO DE CAIXA 6 *METROS*
NOVO MOTOR "BEDFORD" DE INJECÇÃO DIRECTA COM 143 BHP.

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 5 81 11
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

CONCURSO

Para os devidos efeitos se comunica que, durante vinte dias, se encontra aberto concurso para o preenchimento da vaga de

ENFERMEIRA - PARTEIRA

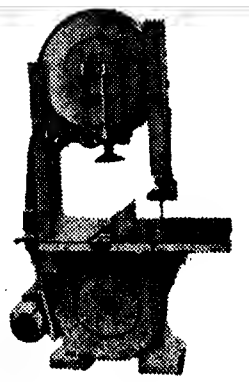
existente no quadro do pessoal de enfermagem do Posto Clínico desta Caixa em Coruche.

As interessadas poderão dirigir-se aos Serviços Centrais da Caixa, em Santarém, onde serão prestados os esclarecimentos que necessitarem.

Santarém, 21 de Outubro de 1969.

A DIRECÇÃO

«MIDA»



SERRA DE FITA
Mod. SF-70-80-90

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA A INDUSTRIA DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5

Filial em Lisboa
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef 44147)

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef. 448446.

Vauxhall Viva S. L. 90, 1968; Fiat 850, 1967; M. G. 1100, 1966; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Opel Rekord 1700 de 2 portas, 1965; Fiat 600-D, 1963; Taunus 17-M Super P. 3, 1962; Opel Kapitan de Luxe, 1961. Fac. troca e pag. MARCELO Av. João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis. Furgonetas utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita à nossa casa Garage Boa Viagem, Ld.ª Rua Sampaio e Pina, n.º 56/60, Lisboa Telef. 683737.

Stand Patrício

Tem sempre um automóvel para si

Av de Berna, 48-A

Telef 76 42 34

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. Sta Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

Rua do Ouro, 202 LISBOA

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de encetar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na:

Av Almirante Reis, 172-A

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

FIRMAS CONSTRUTORAS DA BARRAGEM DE

CABORA-BASSA

MOÇAMBIQUE

PROCURAM:

MÉDICO

COM EXPERIÊNCIA EM OBRAS SIMILARES

Enviar resposta com «curriculum vitae» para:

C. C. I. — Av. da Liberdade, 244, 6.º

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — GANGSTERS EM ROMA — E D E N

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 21.45 ESTREIA
(Veja anúncio especial)
John Cassavetes em
GANGSTERS EM ROMA

Às 15.15 e 18.30 (M. 12 anos)
(COLOR.)
OLHOS VERDES LOIRA E PERIGOSA
c/ Kim Novak

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50596
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
O filme que obteve
2 PRÉMIOS DA ACADEMIA
com PETER O'TOOLE
e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p.r.) e 21.30
EM GRANDE ÊXITO:
Um sensacional filme
de acção explosiva
SARTANA, REZA PELA TUA MORTE
Sangrentas aventuras com uma nova fera humana do Far West
Pariscope Eastmancolor

CONDES
(Adultos) Tel 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
Nathalie Delon e Renaud Verley
O amor e o sexo. Uma mulher e um jovem!
A LIÇÃO PARTICULAR
com Robert Hossein
VERSÃO INTEGRAL

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 h.
COMEÇOU EM NÁPOLES
A ASSINATURA DO CRIME

LIDO
Praça D João I — AMADORA
Às 21.30 h. (M. 12 anos)
DUELO NO PACÍFICO
Um filme que toda a crítica classificou de excepcional

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
às 21.30
Em continuação de estreia
Um espectáculo ímpar
em 70 m/m
KRAGATOA — A LESTE DE JAVA

Às 15.15 (M. 12 anos)
Última exibição
O INCÊNDIO DE MOSCOVO — A VITÓRIA
3.º e último episódio de «Guerra e Paz»

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
Um tema altamente ousado!
DESEJO PERVERSO
c/ Lisa Gastoni e Lou Castel

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) As 15 e 21 h.
O BASTARDO
HARPER
DETECTIVE PRIVADO

RESTELO
(M 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
O DIABO À SOLTA
c/ Yves Montand, Maria Schell

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
UM PERIGO EM CADA CURVA
c/ Dean Martin, Elke Sommer

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30 h.
Um filme de
John Frankenheimer
Alan Bates, Dirk Bogarde e Elizabeth Hartman em
O HOMEM DE KIEV
(METROCOLOR)

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
EM 12.ª SEMANA
A obra fundamental de
Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

SÃO LUIZ
(M 12 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Franscope — Color
4.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

ALVALADE
(M 12 anos) Tel 763080
As 15.45 e 21.45
Franscope — Color
4.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ena, já fala» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Oração e dois verdugos de Arrabal» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 15: «Amor ás riscas» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Espertezo Saloio» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos)

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Cavaleiro vagabundo» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Case contigo por alegria» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Marisol e o toureiro» (12 anos)
OLIMPIA — Às 21: «O Gladiador de Messalina» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «As cartas do escorpião» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A cabeça do cliente» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O Jardim da Tortura» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Uma nova cara no Inferno» (17 anos).
CINEARTE — «Missão em Teerão» (12 anos).
JARDIM — Às 21 h: «Bonecas de carne» (17 anos).
B. V. LOURES — Às 21 e 30: «O pequeno banhista» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Os vingadores» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Um perigo em cada curva» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Sheriff precisa-se» (12 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: Variedades (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Rocco e seus irmãos» (17 anos)

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Testemunha suspeita» (17 anos)

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
15.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

MONUMENTAL
(Adultos) Tel 555131
As 21.30
OS LOUCOS DO AMOR
c/ Jack Lemmon e Catherine Deneuve
No programa: RIBATEJO EM FESTA — Real de Francisco Saafeld

QUINZENA OBRAS-PRIMAS
Hoje — Adultos — 18.30 h.
JOHNNY GUITAR
de Nicholas Ray
com Joan Crawford e Sterling Hayden
Dia 3 (M 12 anos)
LADRÕES DE BICICLETAS

AVIS
(M 12 anos Tel 47163
As 21.45
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com Gianni Morandi e Laura Efrikian

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel 54153
HOJE, ás 15, 18.15 e 21.30
Continua a apresentar-se o monumental filme
A BATALHA DE INGLATERRA
c/ Laurence Olivier, Michael Redgrave, Trevor Howard, Curt Jurgens, Christopher Plummer e Susannah York

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
Elas, os maridos e os rivais numa história de pecadilhos!
NOITES DE OUTROS TEMPOS
c/ Vitorio Gassman e Gina Lollobrigida
Technicolor — Techniscope

ODEON
(Adultos) Tel 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EXTRAORDINÁRIO EXITO
com o vibrante filme policial
PERRY GRANT AGENTE DE FERRO
com Peter Holden e Marilu Tolo
Temerárias aventuras de um agente secreto num mundo explosivo

LIZ
(M. 12 anos. Tel 18560
As 21 h
CHARLY
UMA PISTOLA PARA RINGO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 7 (633288) ✲ Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av da Igreja, 18-A (712070) ✲ Gasparinho, R Dr Gama Barros, 54-A (700465) ✲ Ideal Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✲ Paris R Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (710131)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (637020).
ANJOS — Colonial, R Forno do Tijolo, 40 (84 122) ✲ São José, R dos Anjos 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nobel, R Actor Vale, 53 (842 52)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr Atrânio Peixoto, 2-B (724941) ✲ Onilda, Av João XXI, 3-A (726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Mirando, C. Pequeno, 356-B-C (770776) ✲ Sagres, Av Luís Bivar, 69-71 (47213) ✲ Cordeiro, Av Duque de Ávila, 32 C (43495) ✲ Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✲ Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44158)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ziro, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, á Rua Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (32121) ✲ Unifa, R. da Vitória, 21 (323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) ✲ Sousa, Est. Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) ✲ Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R General Taborda, 17 (680304).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — Paivas & Parente, R. de St. Antônio á Estrela, 96-98 (665196) ✲ S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661010).
GRAÇA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est do Desvio, lote 12-C (790704).
MARVILA — Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (381612).
MOURARIA — Tavares, R da Palma, 194 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade Vilo Cabral (ex-Rua B, 4 (Lote 43 zona poente (310026) ✲ São Paulo — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Mascavide) (Tel 3 0711)
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708).
PICHELEIRA — Marluz, Calç do Picheleiro, 40 B C (70703 e 728395)
REGO — Pates & Mota, Rua do Beneficência, 91 (773728)
RESTELO — Tanara — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo — próximo dos Moinhos). Telefone: 61 8 4
S. BENTO — Silva Santos, R da Esc Politécnica, 82-A (660280). ✲ São Bento, R dos Paiais de S Bento, 73 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R D Domingos Jardo, 28-A (843439) ✲ Martins, Lda., R Fernão de Magalhães, 33 (849448).
MOSCAVIDE — Varela, Av Moscavide 44 (251520)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nita — Av Comb G Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova, Rua Benardim Ribeiro, 7-A (242839.
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R João Teixeira Simões, 8 (2430058
PAREDE — Brandão — Av da Republica, 77-C (Tel 2471054).
ESTORIL — S. João — Estrada Nacional, 8 (Tel 261 86)
ESTORIL — Lopes — R Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 2800781) A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-A (Telef 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos; — Rua Elias Garcia, 185 (Tel 930072); Clabel — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551); S. Jorge — R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Damaia, P Alexandre de Gusmão, 9-A (970523)
QUELUZ — André, Av Elias Garcia, 151 (950043) ✲ Queluz, Av Miguel Bombarda, 123-A (951841).
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (29400034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (9804561
SINTRA — Marrazes — Largo Rainha D Amélia, 20 (T 980058)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (933920).
COLARES — Colares Abreia (Tel. 299098)

● Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro, L António dos Santos Jorge 5 Tel. (234100)
ALHOS VEDROS — Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (224250.
ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão 49 (Tel. 270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional 221-B 224141)
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 16 (Telefone 2273035)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro 18 (270254)
MOITA — União Moitense, Av. Dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Diogo, R Almirante Candido dos Reis 4. 230032).
SESIMBRA — Leão Azeitazar (Tel 22947)
SETUBAL — Rosado Pinto, P do Bocage (22484) ✲ Nova, R General Gomes Freire (22052).
SEIXAL — Soromenho, Rua Pavia Coelho 38 (22 856?

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 538821 ✲ Gazcidla idem e feriados. 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Entermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 ✲ 771169 ✲ Transfusões, soros ✲ oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
António
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

TARANTELA
RESTAURANTE ✲ SNACK-BAR
L D Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA
e COELHO À CAÇADOR
E LANCHES DE CASAMENTO

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

RESTAURANTE BAR
LA PAIX
Pratos do Dia para Amanhã
Pescada no Forno á La Paix
e
Cosido á Portuguesa
Av. S. João de Deus, 41-H
(Esq. Av. Roma)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Os governos devem facilitar a concentração das pequenas indústrias têxteis

—afirmou-se no Congresso da IFCATI

PORTO, 31 — Depois de uma jornada que levou os congressistas a conhecer as belezas naturais do Minho, voltaram a reunir-se ontem, no Palácio da Bolsa, algumas das mais destacadas personalidades científicas, técnicas e do mundo dos negócios dos têxteis.

Na sessão da manhã orientada pelo sr. Matteo Leger, da Itália, foram versados os «Aspectos do mercado dos produtos têxteis — vestuário e outros objectivos», pelo sr. R. S. Lematly dos E. U. A., presidente da Bluebell Inc., seguindo-se animado debate.

Antes de almoço os congressistas foram obsequiados com uma visita a umas caves de vinho do Porto.

Na sessão da tarde, que foi presidida pelo sr. Charles Uyttenhove, da Bélgica, foram abordados os «Novos desenvolvimentos nas indústrias têxteis mundiais». O sr. W. Limemann apresentou um importante trabalho, intitulado «Consequências do aumento da intensidade de capital na indústria algodoeira». Começou por abordar o tema «O conceito de aumento de intensidade de capital». Servindo-se de estudos de contabilidade nacional, definiu esse conceito através da comparação com investimentos por pessoa, em qualquer outra indústria. Exemplificando, referiu que, actualmente, na Alemanha, aquele investimento é de 30 mil marcos por operário, enquanto na generalidade das indústrias é de 20 mil. Mas, — acrescentou, — um outro aspecto havia a considerar na definição: o facto de, até hoje e desde 1950, os investimentos terem mais que duplicado, enquanto que nas outras indústrias esse aumento foi só de 2/3 do valor do imobilizado. Sublinhou, ainda, que as estatísticas disponíveis não satisfazem totalmente, pois não referem qual a parte da maquinaria reintegrada, assim como «esquecem» o importante aumento do capital investido em «stocks». Referiu, depois, que, segundo estudos da O. C. D. E., o capital investido por operário, nos E. U. A., subiu de 20 mil dólares, em 1958, para 60 mil ou 80 mil em 1963, donde se poderá concluir que seja presentemente de 100 mil dólares, em novas e modernas fábricas de fiação e tecelagem.

O sr. W. Limemann citou, em seguida, alguns números, salientando que, de um modo geral, nas mais modernas fiações automatizadas ou em tecelagens avançadas, o investimento é da ordem de 2 mil contos por operário, e que nos acabamentos poderá ascender a cerca de dois mil e quinhentos contos.

E prosseguiu: «Por outro lado, o uso crescente de fibras sintéticas, mais caras do que o algodão, também obrigou a maiores investimentos na matéria-prima. Mas há, ainda, a acrescentar a tudo isto — que já não é pouco — os novos acabamentos, ditados pela moda, e que requerem novas máquinas para os executar e, também, uma certa inclinação moderna para as malhas e, em muitos casos, uma evolução para os *não-tecidos*. Assim, parece que devem ser feitos esforços no sentido de evitar subemprego por pessoas e capitais através de planificações de produção alicerçadas em *long-terms marketing* e promoção de vendas».

Depois de outras considerações do maior interesse, o orador terminou por defender o fenómeno da concentração das pequenas unidades, recomendando aos Governos que facilitem tais operações, dada a importancia da industria têxtil no Mundo.

A seguir, o sr. M. Ludwig apresentou «O relatório das actividades da IFCATI» durante o ano transacto, limitando os seus comentários a alguns aspectos mais importantes. A concluir, recordou os seus 17 anos de serviço na IFCATI, mostrando-se, na hora da sua despedida, com a maior confiança no futuro da Federação Internacional do Algodão.

Esta noite, no Pátio das Nações, no Palácio da Bolsa, com um banquete oficial, é encerrado o Congresso.

De vez em quando

Um professor de engenharia tornou agora público um relatório no qual «profetiza» as maravilhas e misérias (também as haverá) que enquadrarão a vida humana nos próximos cinquenta anos. De quanto diz, importa registar que o técnico-cientista afirma, que não se atenuarão, nesse espaço de tempo, as diferenças hoje existentes entre nações ricas e nações pobres. E justifica: «Não acredito que os países industrializados estejam dispostos a baixar os seus padrões de vida a um ponto capaz de influenciar a situação nos países subdesenvolvidos». E pronto, lá se vai por água abaixo a esperança que acalentava de, quando chegasse a minha hora, ir fazer tijolo de bom nível técnico, para uma sociedade altamente industrializada.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE— Máxima: Alvalade; 24°,5; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, °,6

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 11°; Penhas Douradas, 13°; Coimbra, 13°; Portalegre, 16°; Lisboa, 15°; Faro 7°, Funchal, 20°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 16°,5; na água do mar: 17°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco do quadrante leste.

Amanhã
Nascer às 08 e 04
Ocaso às 18 e 37

Dia 2 ... Dia 24

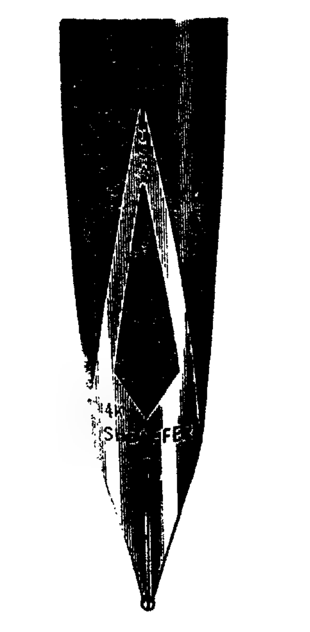
MARES:

PREIA-MAR: Dia 31 — 7 e 50 (3,5 m), 20 e 26 (3,2 m). Dia 1 — 8 e 43 (3,3 m); 21 e 28 (3,1 m). Dia 2 — 9 e 46 (3,2 m); 22 e 37; (3 m).
BAIXA-MAR: Dia 31 — 0 e 54 (1,7 m); 13 e 33; (1,7 m). Dia 1 — 11 e 43 (1,9 m); 14 e 32 (0,9 m). Dia 2 — 2 e 43 (2 m); 15 e 50 (2 m).

ALMOÇO NO ROYAL BRITISH CLUB

Figuras proeminentes da finança reuniram-se hoje no Royal British Club num almoço em que foi convidado de honra o dr. Alexandre Ferreira Pinto Basto, estando presentes os drs Alberto Franco Nogueira e Gonçalo Correia de Oliveira, antigos membros do Governo.

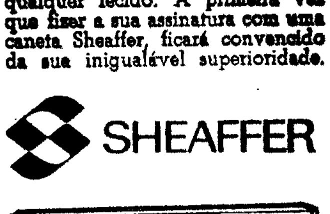
O dr. Alexandre F. Pinto Basto é vice-presidente do Conselho de Administração do Banco Totta Aliança. O almoço foi promovido pela Câmara do Comércio Luso-Britânica.



Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.° — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

NEVOEIRO EM LISBOA

Uma densa cortina de nevoeiro envolveu, durante as primeiras horas da manhã de hoje, a zona ribeirinha da cidade, mas, ao contrário do que em circunstâncias semelhantes acontece, não afectou o tráfego no Aeroporto da Portela.

No Tejo, as carreiras de cacilheiros e de «ferry-boats» foram parcialmente interrompidas, entre as 8 e as 11 horas, período em que apenas navegaram as raras unidades equipadas com radar. As carreiras só foram restabelecidas ás 11 horas, tendo-se registado, entretanto, grande perturbação, especialmente em Cacilhas.

A cerração provocou, entretanto, diante do Cais do Sodré, uma ligeira colisão entre uma lancha da Marinha de Guerra e o navio-tanque «Bandim», mas o acidente não teve, felizmente, consequências de maior.

VINHA A LISBOA CONSULTAR UM MÉDICO E MORREU NA ESTRADA

LEIRIA, 31 — O trabalhador sr. António Soares, de 60 anos, casado, pai de três filhos menores, morreu hoje quando pedalava na estrada da Figueira da Foz, perto de Gândara dos Olivais, ao ser colhido por um carro conduzido por um caixeiro viajante (MR-43-57, sr. José Pinto Cardoso, de 31 anos, casado e residente em Amarante)

O ciclista, que morreu pouco depois do acidente, dirigia-se á estação de Leiria a fim de tomar um comboio para Lisboa onde pretendia consultar um médico sobre uma doença que há tempo o afectava. Era natural de Chãs, Regueira de Pontes, onde residia.

Motociclista colhido mortalmente

LEIRIA, 31 — Quando o sr. José Ribeiro Gaio, de 45 anos, casado, encarregado de obras de construção civil, residente em Marinheiros, Leiria, conduzia a sua motorizada na estrada de Carangueijeira, Memória, ao passar no sítio de Cova do Candal foi embater num automóvel conduzido pelo sr. Luís Avelino da Silva, de 30 anos, viajante, morador na Av. Heróis de Angola, Leiria.

A vítima ainda foi transportada para o hospital de Leiria, chegando, no entanto, ali sem vida.

Os governadores civis anunciaram estarem eleitos deputados os candidatos apresentados pela U. N.

Como noticiámos e de acordo com a lei, reuniram-se ontem, nos governos civis do Continente e Ilhas Adjacentes, as assembleias de apuramento geral de votos da eleição para deputados á Assembleia Nacional.

Concluídos os trabalhos de verificação das actas de apuramento das assembleias de voto, os governadores civis anunciaram terem sido eleitos deputados os candidatos propostos pela U. N., sendo afixados os respectivos editais, com os numeros definitivos.

As respectivas actas vão ser remetidas á Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 22

apresenta amanhã, dia 1 e todos os dias excepto às 2.as-feiras pelas 22 h.

A Dança da Morte

interpretação excepcional de
Carmen Dolores
Álvaro Benamor
Augusto Figueiredo

MARCAÇÕES, T 677299 d. 18.30 h.
Maiores 17 anos
Subsidiado pelo Fundo de Teatro

REFORMA LUTERANA

A Igreja Evangélica Luterana Portuguesa vai comemorar, amanhã, o 452.º, aniversário da Reforma que foi obra do dr. Martinho Lutero. Assim, no templo daquela Igreja, á Rua dos Navegantes, 24, realizar-se-á um culto especial, ás 16 horas, sendo orador o rev. Paulo Kute Jung. A entrada é livre.

LISBOA SEVILHA·MALAGA LISBOA·SEVILHA·MALAGA·LISBOA·SEVILHA·MALAGA·LISBOA·SEVILHA·MALAGA LISBOA·SEVILHA·MALAGA·

Temos o prazer de informar V. Ex.as que a partir do próximo dia 1 de NOVEMBRO inauguramos a nova linha LISBOA SEVILHA, com ligação imediata para MALAGA cujos respectivos horários mencionamos a seguir:

2.as, 4.as e 6.as
Voo IB 076
LISBOA....Partida às 20,15 h.
SEVILHA...Chegada às 21,00 h.

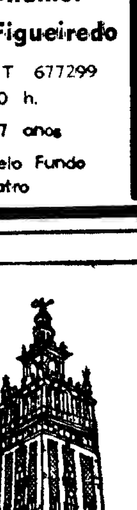
Voo IB 122
SEVILHA...Partida às 21,45 h.
MALAGA...Chegada às 22,15 h.

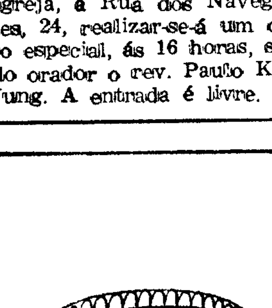
2.as, 4.as e 6.as
Voo IB 075
MALAGA...Partida às 17,25 h.
SEVILHA...Chegada às 17,55 h.

Voo IB 12
SEVILHA...Partida às 18,40 h.
LISBOA....Chegada às 19,25 h.

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS
ou os nossos escritórios para qualquer informação sobre reservas ou emissão de bilhetes:
RESERVAS:
Rua Barata Salgueiro, 28-6.º • Telef. 53 95 71
BALCÃO
Avenida da Liberdade, 107 • Telef. 56 20 18
PORTO · Telef. 2 99 93

IBERIA
Linhas Aéreas Internacionais de Espanha





SEVILHA MALAGA
onde só o avião recebe mais atenções que V.

O novo chanceler Willy Brandt

A oferta de uma face

JOÃO GOMES

O novo chanceler alemão, Willy Brandt, voltou definitivamente a página da guerra fria...

Willy Brandt voltou definitivamente a página da guerra fria. Mas foi apenas um voltar de página, o enterrar de uma época, a aceitação de um facto por de mais evidente. Mas tem de se esperar ainda o tempo de construção e das relações francas e límpidas ao nível de toda a Europa.

O novo chanceler alemão reconheceu a existência de facto da República Democrática Alemã (não à luz e com as prerrogativas derivadas do direito internacional) e aceitou dialogar com o Governo de Pankow. Manifestou ainda a decisão de assinar o tratado de não proliferação das armas atómicas e de renunciar à doutrina Hallstein, isto é, à ruptura de relações com os países que reconhecessem a Alemanha Oriental.

Se tivermos presente que o «caso alemão» foi elemento central nas relações entre os Estados Unidos e a União Soviética e se recordarmos que a maior acusação feita por Moscovo aos «militaristas» da Alemanha Ocidental era o desejo de vingança e o regresso ao belicismo todo-poderoso, a reviravolta na política externa de Bonn representa um passo de gigante. As palavras proferidas por Brejnev e Gomulka em Berlim-Leste (durante as comemorações do aniversário da R. D. A.) deixam supor o relativo optimismo com que encaram as futuras relações com o Governo Brandt-Scheel. Mas seria ousado e irrealista admitir que apesar das concessões feitas por Brandt se entrou no caminho que conduzirá à solução do problema alemão e consequentemente à normalização e estabilidade da vida europeia.

Não se pode negar coragem e inteligência ao novo chanceler. Seria errado não aceitar que ofereceu uma face para o arrancar de um espinho que faz sangrar ainda o orgulho e os sentimentos de muitos alemães ocidentais. Mas por que ofereceu apenas uma das faces? Por uma questão de ordem táctica? E quais serão as suas intenções profundas? Até onde pretende efectivamente chegar? Nesta interrogação parece estar o nó, o elemento crucial do problema.

O cadáver de Adenauer terá estremecido ao simples anúncio do novo itinerário. Ele que baseou toda a sua política em ditames de força e de sujeição do bloco comunista não poderá compreender os princípios que determinaram a política de Willy Brandt. Ele que admitia a realização dos seus objectivos (que identificava com os ideais e os interesses do Ocidente) se necessário pelo recurso à guerra não poderia compreender a renúncia espontânea do seu sucessor às armas nucleares, o único dispositivo militar que poderia neutralizar um hipotético ataque à República Federal Alemã

Quando se pensa na política «à beira do abismo» praticada por John Foster Dulles (na esteira apontada por Adenauer), quando se recorda a diplomacia da resposta taco-a-taco de que o Muro de Berlim é porventura o símbolo mais impressionante, não se pode

(Continua na página 12)

MESA REDONDA

O INTRODUTOR EM PORTUGAL DO PARTO SEM DOR

Pedro Monjardino

JOSÉ CUTILEIRO

Por quem não o tenha conhecido pessoalmente, Pedro Monjardino será sobretudo recordado como o introdutor em Portugal do parto sem dor. Nas suas formas puras e adulteradas o método é hoje tão corrente que é fácil esquecer que a sua introdução levantou problemas potencialmente tão complicados como a pílula ou o celibato dos sacerdotes. A batalha foi ganha quando Pio XII por fim o declarou compatível com os ensinamentos da igreja. Existia no consultório de Pedro Monjardino uma carta emoldurada em que Lamaze, pioneiro do método em França, lhe contava da sua alegria ao saber da decisão papal, pelo que ela viria facilitar o trabalho daqueles que, em países católicos, lutavam contra os preconceitos então correntes do conhecimento comum e do conhecimento médico tradicionais.

Para além de um método obstétrico, o parto sem dor é também uma opção moral, ou parte de um conjunto de opções morais, que implica uma atitude humanista perante o sofrimento. Embora isto não esteja claramente expresso na mente de muitas das mulheres que por ele optam, e embora os seus benefícios tenham sido manipulados por obstetras que se recusariam a aceitar as premissas psicofisiológicas e éticas de que ele lógicamente decorre (e o atacaram mesmo de entrada, tendo sido, literalmente, mais papistas que o próprio papa), o facto do método se ter difundido em Portugal, constituiu uma não pequena vitória sobre o obscurantismo de uma sociedade ignorante, preconceituosa e tacanha.

Pedro Monjardino, com a colaboração de Seabra Dinis e de alguns médicos e enfermeiras mais jovens, foi o principal artífice dessa vitória, pondo na luta, como punha em tudo, as suas extraordinárias capacidades de trabalho e de entusiasmo. Sendo médico na Lisboa de hoje, a vitória reflectiu-se, ao curto prazo que terminou abruptamente com a sua morte, numa prática privada extremamente bem sucedida. A longo prazo garante-lhe lugar em qualquer futura história da medicina portuguesa. Tal como o conheci, não creio que tenha pensado muito neste segundo aspecto. Primeiro porque uma capacidade exacerbada de autocrítica, o impedia de ter uma visão justa de si próprio, segundo porque a sua vida, das grandes causas aos pequenos pormenores, decorria intensamente na acção, isto é, no presente.

Essa intensidade de vida é um dos traços que ficará na memória daqueles que o conheceram. Para os que o conheceram melhor, para os seus amigos, muitas outras coisas ficarão, vividas certamente para cada um. Eu fui um desses amigos e testemunhei, de muito perto e durante muitos anos, muitos momentos da sua vida, dos mais banais aos mais importantes que acontecem na vida de um homem. Agora que o nosso convívio foi brutalmente interrompido e a morte colocou entre nós a sua distancia, a imagem do homem surge inteira e acabada. Essa imagem é, para mim, uma recordação privada e de muitos aspectos dela não falarei aqui. Há coisas que pertencem a cada um e ao seu pudor, e que não sofrem ser ditas, escritas e muito menos impressas. Há outros aspectos porém, mais livres emocionalmente, do que de privado teve a nossa relação, que creio dever recordar a um publico que o não conheceu, ou o conheceu superficialmente, por serem, de certa maneira, exemplares.

A vida de Pedro Monjardino ilustra melhor que nenhuma outra que me tenha sido dado conhecer, o conflito básico entre dois sistemas de valores morais: o sistema de valores de uma sociedade tradicional, hierárquica, autoritária e paternalista e o sistema de valores de uma sociedade ideal, igualitária e de que todos os membros fossem livres e responsáveis. Quando digo que a vida de Pedro Monjardino ilustra este conflito *melhor*, quero dizer que não só ele o sentiu intensamente, como intensamente procurou um compromisso que lhe permitisse viver em paz consigo próprio. Como qualquer compromisso implicava uma incoerência e como a incoerência entre os dois sistemas era a base do conflito não creio que tenha jamais encontrado essa paz e morreu, como viveu durante os anos em que o co-

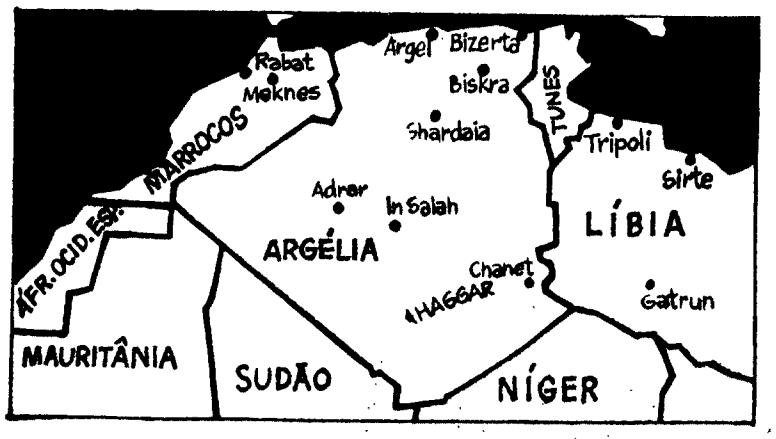
(Continua na página 11)

PEDRO MONJARDINO — um lugar na história da medicina portuguesa

ASSIM VAI O MUNDO

Saara espanhol

«A Mauritânia considera que o Saara espanhol faz parte integrante do seu território nacional, mas respeita as regras do jogo internacional. Aceitamos a resolução da O. U. U. que impõe um referendo. Os interessados são, em primeiro lugar, os habitantes do Saara a que se chama espanhol e, pelo nosso lado, estamos convencidos de que neste referendo, se for organizado em condições normais e honestas as populações manifestarão o desejo de se integrarem na Mauritânia independente»—declarou numa conferência de Imprensa Hamdi Uld Muknas, ministro dos Negócios Estrangeiros da Mauritânia, que representou o seu país na última Assembleia Geral das Nações Unidas.



Expansão

Para resolver os seus problemas de expansão económica a Bretanha apelou para um especialista italiano, Grabiel Pescatore, que contribuiu para tirar o sul da Itália do subdesenvolvimento. Pescatore é presidente da «Cassa per il Mezzogiorno», instituição fundada em 1950 e exemplo conseguido do papel impulsionador que podem desempenhar os organismos parapublicos na industrialização das regiões pouco favorecidas.

Conclusão

«Poucos de nós estão ainda persuadidos, sobretudo diante da taxa de crescimento japonesa, de uma eficácia **económica** claramente superior á do socialismo, **em países desenvolvidos.** Este não pode pois permanecer atraente senão propondo um ideal de vida mais válido que o da selva capitalista, uma sociedade politicamente mais justa» — conclui René Dumont na sua obra recente «Développement et socialismes.»

Iluminação

Iluminação, após o festival de Bethel, em Agosto passado, que reuniu 400 000 jovens, de um chefe de Polícia que aí esteve de serviço: «Descobri que não há nenhuma correlação entre um rosto bem barbeado e a moralidade, entre os cabelos compridos e a imoralidade».

Lobbies

O recomeço da ajuda militar norte-americana ao Peru e a substituição do embaixador em Lima, John Wesley, parece significar que o *lobby* do Pentágono (interesse: a segurança do hemisfério) é hoje mais influente que os *lobbies* dos armadores americanos e da International Petroleum Company (interesses, respectivamente: o não alargamento das águas territoriais peruanas e castigo exemplar aos Governos que nacionalizam sem indem-

Standing

Um recente congresso da Unesco mostrou os perigos de esgotamento, de destruição e de poluição dos recursos de uma limitada biosfera, aconselhando-nos á prudência demográfica e demonstrando-nos a impossibilidade de se generalizar o «etandig» norte-americano.

Eloquência

A eloquência dos numeros: parte dos países chamados do «Terceiro Mundo» no comércio mundial em 1960 — 31,3 por cento; em 1963 — 20,8 por cento; 1967 — 18,5 por cento.

Explosão

A China frenou a sua explosão demográfica: a taxa de crescimento da população chinesa teria baixado de 2,3 por cento a 2 por cento ou menos, por ano.

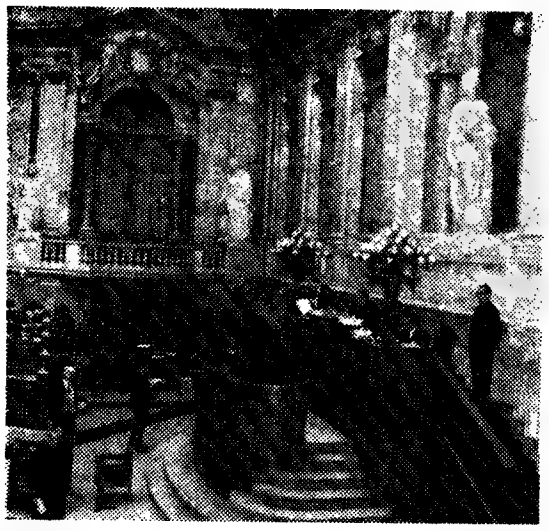
Cancro

Certo especialista soviético do cancro parece ter estabelecido, pela primeira vez, que a doença tem a sua origem num vírus. Se tal se confirmar, ter-se-á dado um grande passo em frente na luta contra a terrível enfermidade. O dr. Boris Lapin, do Instituto de Terapia e Patologia Experimental da Academia de Ciências da União Soviética, apresentou nos Estados Unidos uma comunicação, cujo autor é L. A. Yakoleva — do mesmo instituto, — em que se refere ter-se conseguido que macacos inoculados com material proveniente de leucemia humana contraiam a doença A leucemia, como se sabe, é uma forma de cancro que afecta o sangue. Se a leucemia se porpagasse aos macacos por inoculação, seria uma prova de que é produzida por um vírus, de onde se poderia depreender que todas as formas de cancro têm a mesma origem. Nos Estados Unidos, foi tentado muitas vezes esse género de inoculação, sem qualquer êxito. Os professores soviéticos utilizaram, nas suas experiências, simios babuinos fêmeas, em estado de gestação. Prudentemente, porém, abstêm-se de afirmar que a enfermidade provocada seja leucemia, mas apenas uma doença do mesmo tipo ou muito parecida. Na comunicação lê-se, a dada altura, que nos animais doentes foi encontrado vírus do tipo «C», que é um dos mais suspeitos de causar a leucemia humana.

O drama de Nixon

O Nixon «novo» e empreendedor da campanha eleitoral, e também dos primeiros dias de Governo, segundo tudo leva a crer, tornou-se partidário de uma política conservadora. A retórica acompanha-o («edifiquemos uma grande catedral do espírito...», «forjemos um mundo de portas abertas, corações abertos, mentes abertas...», e a realidade foge-lhe. No que diz respeito ao Vietnam, o presidente adoptou um tom muito discutível. Afirma: «Hanói não ajuda». Pede ao mundo nas Nações Unidas: «Ajudem-me os senhores». Na Casa Branca, volta a formular pedido idêntico: «Que o país me ajude». Nixon procura as chaves de uma solução e crê que as encontrará. Isto «em fins de 1970 ou meados de 1971». Quando alguém lhe perguntou: «Que influência têm as grandes manifestações de protesto?» — o presidente respondeu: «Nenhuma». Também noutros temas tem reaparecido o carácter conservador de Nixon. Isto está bem patente no que diz respeito ao Médio-Oriente, pois recebeu muito bem Golda Meien, embora se mostre oralmente comedido e classifique a política americana de «comedida». E o mesmo sucede em relação aos problemas raciais Em geral, as críticas a Nixon provêm dos círculos liberais do país. Orgãos moderados, como a «Newsweck» e o «New York Times», reprovam o facto de Nixon não ter dito nada de novo. A extrema-direita, no entanto, apoia-o. Para o «Daily News», por exemplo, «cada vez que o presidente dá uma conferência de Imprensa torna-se maior». É atribuida ao secretário de Estado, Rogers, a enorme pressão para retirar, com a maior velocidade possível, os soldados do Vietnam, mas sabe-se, porém, que os grupos de militares e de industriais de guerra pugnem para que não haja retirada até á «vitória final». O seu drama, aliás, assemelha-se muito ao do presidente Johnson

ASSIM VAMOS NÓS



Parlamento

O Parlamento vai reunir pela primeira vez no dia 25 do próximo mês de Novembro. Realizadas as eleições, sentar-se-ão na Assembleia Nacional os 130 deputados saídos da eleição de domingo passado. Os novos parlamentares, todos propostos pela U. N., têm à sua frente quatro anos de invulgar responsabilidade. A X Legislatura, com efeito, vai pôr à prova as esperanças manifestadas pelos responsáveis da U. N.

Capital estrangeiro

«A ideia falsa de que ao capital estrangeiro anda sempre irremediávelmente ligado o poder de domínio económico».

Irremediávelmente não andará. Mas a experiência mostra-nos que na grande maioria dos casos o capital é atraído onde o lucro se antevê maior e não aos pontos essenciais, da perspectiva de uma estratégia nacional de desenvolvimento. Além do que, a partir de certa altura, a repatriação dos capitais começa a ser um factor de descapitalização. Isto quanto aos investimentos privados Porque os empréstimos publicos do estrangeiro, se não acompanhados de condições politicas ou económicas, são pelo contrário desejáveis.

Argumento

«Os planos de instalação de unidades produtivas para que os países de «democracia popular» têm solicitado e obtido o concurso de grandes empresas instaladas no Ocidente Europeu.

Para um defensor incondicional das democracias populares será talvez difícil responder a este argumento. Mas para muitos socialistas trata-se de algo que se insere numa política de «bem-estar» representando uma influência do ocidental way of life *no sistema socialista, que o alargamento de uma democracia de massas poderia evitar.*

A luta nos E. U. contra a educação sexual

A extrema-direita americana pode definir-se pela sua obsessão do «complot» comunista. Alimentando-se dos terrores engendrados pela guerra fria consagra-se á denuncia da «infiltração comunista» naquilo que em tempos foi a «fortaleza América» O falecido senador Joseph McCarthy ia «desencantar» agentes da conspiração comunista ao departamento de Estado e até mesmo á Casa Branca... Desde há dois anos a esta parte que os seus herdeiros espirituais se encarniçam em denunciar um «complot comunista», que não ameaça os altos funcionários americanos, mas a juventude de hoje. A «capa» desta tarefa de subversão? Os cursos de educação sexual ministrados em cerca de dois terços dos estabelecimentos escolares americanos.

Duas organizações de extrema-direita estão á cabeça deste combate que alia anticomunismo e puritanismo: a John Bird Society, *do antigo confeiteiro Robert Welsh, e a* Cruzada Cristã, *dirigida pelo pastor Billy James Hargis. Um «lobby» de extrema-direita, instalado em Washington — o* American Education Lobby *— coordena a luta na capital federal.*

Embora sejam uma minoria—segundo uma sondagem Gallup, *71 por cento dos pais americanos são favoráveis á educação sexual — os inimigos da educação sexual já conseguiram fazer recuar o adversário em várias frentes. Infiltrando-se nos conselhos escolares (autoridades escolares locais) por intermédio de diferentes associações criadas para o efeito* — Movement to restore decency. Mothers organized for moral stability. Parents oppored to sex education *(movimento para restaurar a decência, organização de mães para a estabilidade moral, pais contrários á educação sexual) — conseguiram fazer proibir os cursos em várias cidades sobretudo em Minneapolis e em vários aglomerados da Califórnia, onde contam com o apoio activo do governador Ronald Reagan. O combate estende-se a Wahisgton, onde o Congresso Federal está a ser invadido com vários projectos de lei e ás assembeia legislativas de uns vinte Estados.*

A arma favorita destes novos cruzados parece ser a difamação Regularmente «revelam novos «escândalos», brejeiros, que, na maioria dos casos, envolvem professores e alunos Os inquéritos que logo se abrem têm acabado sempre por revelar a falsidade da denuncia. Mas isso não leva os «cruzados» a afrouxarem o ritmo da sua campanha... Para Robert Welsh e seus amigos, a educação sexual não passa de «um novo «complot» comunista, destinado a quebrar a fibra moral da juventude americana, na esperança de liquidarem a moralidade do pais inteiro». Só «uma campanha bem organizada, á escala nacional intensiva e resoluta» poderá pôr cobro a «esta monstruosidade subversiva» — J. A.

o PMTOODEeMOO

as coisas deste TEMPO vistas de outro MODO

a sua revista veja nas livrarias

O PENSAMENTO POLÍTICO PORTUGUÊS (1820-1920)

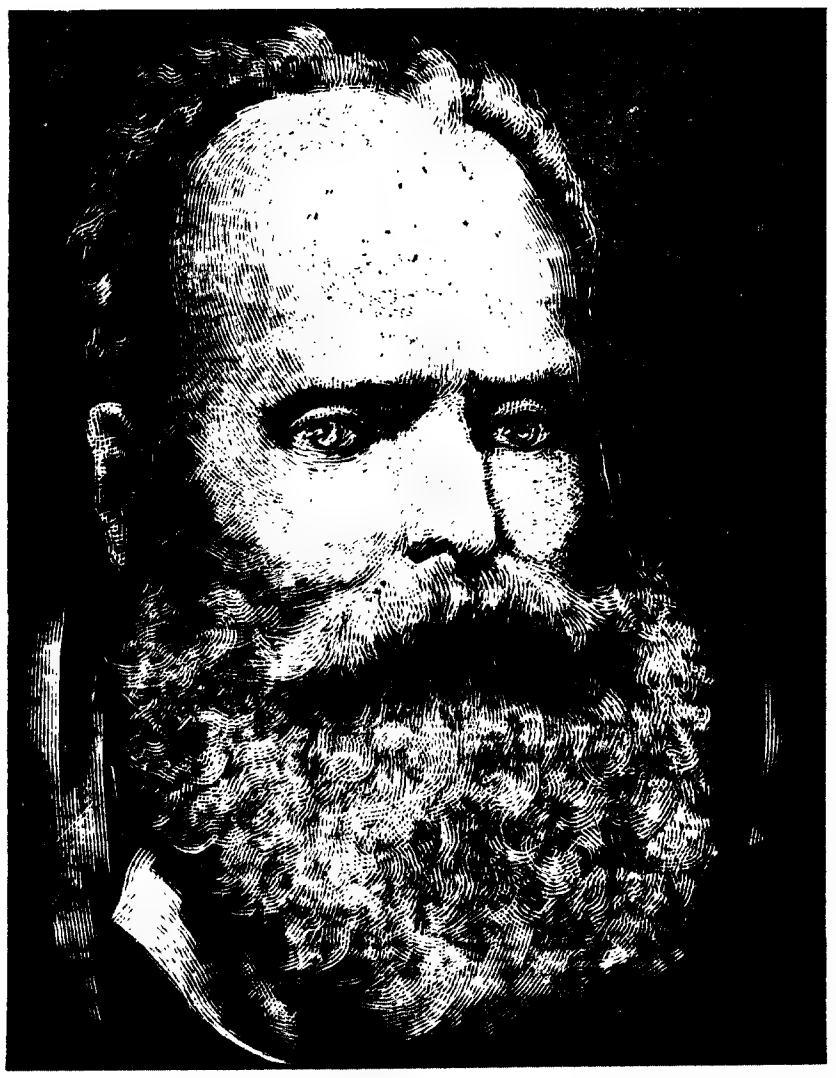
V—A aposta no futuro—Antero

JOEL SERRÃO

Para apreendermos o significado nacional dessa aspiração democratizante dos meados do século passado — ou seja qual a força e quais os limites da «ideia nova» — importa averiguar o modo ou os modos como o País reagiu a tais propósitos inovadores do teor da sua vida tradicional. A verdade, por comezinha que seja, é esta: os esforços da geração de 50 não lograram criar nem larga audiência nem se traduziram, na prática sociopolítica, por qualquer desvio da lógica interna da desenvolução do liberalismo português. A hipótese da República, nesse meado do século, era tão remota como a de uma experiência socialista ou sequer socializante. No contexto da vida nacional, o «utopismo» de tais desígnios não resulta de que esses ideólogos tenham sido forjadores de ricas e majestosas cidades do futuro, como as de Fourier ou de Karl Marx, mas de que, por mais prudentes tivessem sido os seus voos — e foram e continuariam a sê-lo —, estes eram imensamente ucrónicos ante as virtualidades oferecidas pela sociedade portuguesa coeva. Sem qualquer intervenção política nos rumos da governação, a não ser mediante as eleições de significado e carácter tão duvidoso e precário, sem operariado, sem povo ao nível da cidadania, o País real esvaía-se como uma fantasmagoria nos burocráticos meandros do País legal.

Bem se pode afirmar, pois, que de 1850 a 1870 não houve, entre nós, nem republicanismo nem socialismo como movimento político, e que, entretanto, eles se reduziram a uma vaga lembrança de um momento importante, mas irremediàvelmente superado pela força envolvente das coisas. E quando desponta a geração de 70, Antero de Quental, a sua figura cimeira, a tantos títulos funcionalmente tão paradigmática da sua época quanto o fora Herculano da que lhe coubera em sorte, ele bem conhecia os seus antecessores portugueses, aos quais prestou sempre homenagem; pensava, todavia, que o seu próprio tempo estava bem mais amadurecido para o renovo da sementeira do republicanismo, da democracia, do socialismo. E sem dúvida que estava, como o evidencia o sulco histórico que essa geração legou à posteridade, mas não a ponto do abismo entre as aspirações de uns tantos e poucos intelectuais e a capacidade de resposta ou de eco do País não ser mais ou menos homólogo do que se verificara vinte anos antes. Mal poderia, pois, Antero imaginar, na inocência e no fogo da mocidade, que no do seu democratismo socializante viria a poder dizer-se que fora também prematuro, como o fora o de Henrique Nogueira ou o de Lopes de Mendonça!

Tanto nas esperanças, como nos desalentos, como nessa sorte de fidelidade sem entusiasmo, mas embebida em rectidão moral, que, a partir de cerca de 1873, manteve relativamente ao ideário socialista, o itinerário de Antero não respeita só ao fio singular duma biografia singular porque é também o roteiro duma geração e de algo do que de mais genuíno o País foi capaz de produzir e de permitir, nesse ultimo quartel do século passado. Incapaz de levar por diante o **Programa dos Trabalhos para a Geração Nova**, título que, por si mesmo, implica já a consciência de que a tarefa fundamental era necessàriamente adiada para o futuro mais ou menos longínquo, Antero dilacerou-se entre forças antagónicas, as quais, se caracterizavam o seu psiquismo, melhor caracterizavam a i n d a o País, que amava e queria resgatar da inércia que parecia condená-lo a morte certa e próxima. Consciência desesperada e sempre á beira do desespero supremo, que fatalmente o empolgaria como empolgou, um dia, após o seu ultimo e fugaz alento de energia aquando da presidência da Liga Patriótica do Norte (1890), que distância das certezas inabaláveis de Herculano às dúvidas martirizantes de Antero! Mas nos hiatos dessa dilaceração, quando lograva pensar e articular verbalmente esse pensamento, ninguém era mais realista (em função das premissas e dos fins que aceitava) e ia mais fundo no diagnóstico das forças que se digladiavam no seu tempo português. O seu futuro, não o futuro imediato que parecia tê-lo negado e esquecido radicalmente, mas o futuro mais longínquo, que veio a ser o presente de nós outros,



pôde verificar a justeza da sua caracterização do republicanismo que designava de jacobino, assim como a actualidade de então, de hoje, e de sempre de lemas como este: «se o Socialismo tem de ser uma esplêndida realidade, só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades».

Ao considerarmos em bloco o projecto político da geração de 70, o qual apesar dos rumos individuais de Antero, Oliveira Martins, Eça de Queirós, é caracterizável naquilo que os unia, dir-se-ia que ele consistiu sobretudo num decidido voltar de costas ao passado — quer o mais longínquo, quer o da própria experiência liberal — para poder enfrentar a viabilidade dum porvir compatível com o tempo europeu e com a dignidade de consciências livremente aspirando ao bem não apenas individual mas ao de **todos** os seus concidadãos. Esse prospectivismo que, depois, seria atitude comum a um Sampaio Bruno, a um Raul Proença e a um António Sérgio, é o legado fundamental dessa geração. Entre as tenebrosas forças do passado histórico nacional — «gememos todos sob a fatalidade dos erros históricos», proclamaria Antero nas **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares** —, o qual tem constituído um entretecido de implicações que condenam o País à ordem sacrossanta da rotina, e a decisão de buscar imprimir-lhe um salto inovador em frente, para que o País garanta a tempo, a sua própria sobrevivência, entre o peso esmagador do passado e a angústia da hora que precede a manhã, esses homens não hesitaram. Apostaram com denodo no Portugal a vir, entremostrando-se dùbiamente na névoa da manhã entressonhada. Apostaram — e perderam, ao que parece.

Mas se, efectivamente, eles perderam, porque é que isso teria ocorrido?

Seria que nesse sonho de futuro, esses homens, afinal, tão realistas, sob tantos aspectos, na observação do seu próprio tempo, tenham cometido o erro de avaliar mal as forças que, originárias do passado, lavravam ainda e subrepticiamente engossavam nos seus próprios dias? O processo que intentaram ao passado histórico, o qual parecia dar-lhes carta de franquia na tarefa de afeiçoar o porvir, estaria porventura inquinado por algum vício lógico de difícil e astuciosa revelação?

A Terra emite sinais rádio

O RAE-A, primeiro satélite de radioastronomia da N. A. S. A. em órbita a 5900 quilómetros da Terra, verificou que esta, tal como o planeta Júpiter, emite esporàdicamente sinais de rádio de baixa frequência, fenómeno que constitui a i n d a um mistério para os cientistas.

Segundo o dr. Robert Stone, da *Goddard Space Flight Center*, um dos cientistas responsáveis pelo RAE-A, «na rádio frequência inferior a 10 MHz a Terra é muito semelhante a Júpiter».

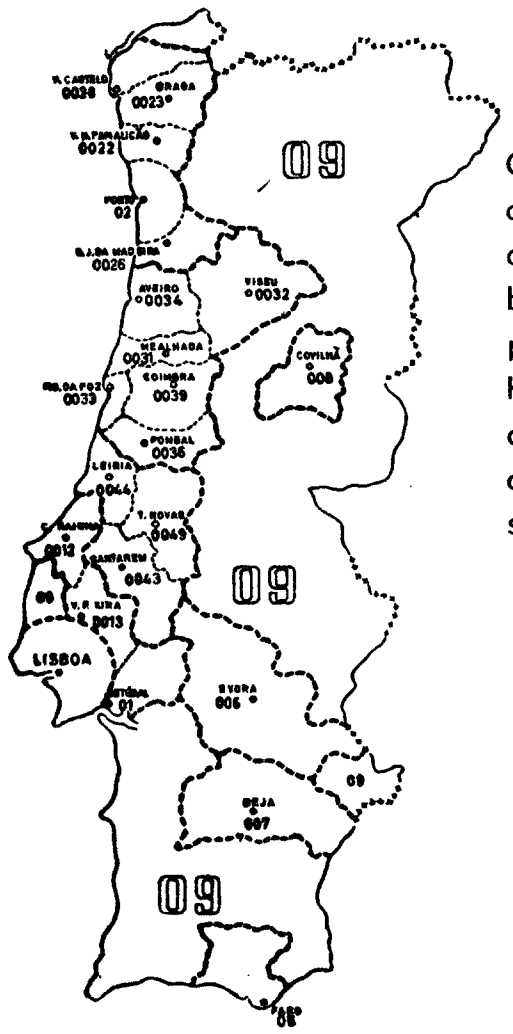
A política do ensino na Suécia

A O. C. D. E. publicou um relatório sobre a política do ensino na Suécia no qual se acentua: o alargamento do prazo para escolha de orientação dos seus estudos á população escolar e pouca rigidez nessa orientação; igualdade de acesso das diferentes camadas sociais ao ensino superior; esforços visando acelerar a expansão de um sistema escolar já de si muito evoluído e melhorar ainda a qualidade: aplicação de métodos de investigação científicos a questões de política da educação.

A leitura do relatório deixa, todavia, pensar que mesmo evoluindo a um ritmo tão rápido, o ensino na Suécia e pouco mais que suficiente para seguir a evolução das necessidades de uma sociedade moderna

ADMINISTRAÇÃO GERAL DOS C. T. T.

SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO



Comunica-se aos assinantes da zona de Lisboa, com acesso ao Serviço Interurbano Automático de que a partir do dia 31 às 24.00 horas são alterados os indicativos a marcar para obter chamadas destinadas aos seguintes grupos de redes:

LEIRIA de 044 para 0044

SANTARÉM de 043 para 0043

TORRES NOVAS de 049 para 0049

SENTE-SE INCLINADO PARA UMA ACTIVIDADE DE VENDAS?

Experimente colaborar em regime livre com importante EMPRESA do sector «SERVIÇOS».

PEDIMOS
- facilidade de contactos
- facilidade de argumentação
- vontade de vencer

OFERECEMOS
- uma actividade que o seu valor pessoal poderá transformar numa carreira
- uma remuneração proporcional aos resultados.

INDIQUE-NOS
- Nome, morada e telefone
- habilitaçõee
- Idade
- Profissão actual.

RESPOSTA a este jornal ao n.º 368

Todos os homens são das direitas?

tem a palavra o leitor

João Medina:

Na medida em que entendo ser o acto de escrever publicamente uma forma também de carta aberta convite ao diálogo (troca livre de ideias de um pensamento livre) e por me ter suscitado as mais fortes objecções o seu artigo na «Mesa Redonda» de 5 de Setembro («Todos os homens são das direitas»), apresso-me a escrever-lhe, pùblicamente também, para que qualquer possível utilidade dos nossos dois escritos se possa extrair à luz do dia e aos olhos de todos nós.

Lamento ter que me limitar ao breve resumo que se segue, mas a complexidade da questão, o espaço do jornal e sobretudo a absoluta falta de tempo, impedem-me de tentar melhor.

1. Em síntese, a sua tese desenvolve a de Vercors para quem o homem nasce naturalmente racista e guerreiro. Assim e em sequência, para si o homem nasce das direitas, conservador e reaccionário, assim como espontâneamente crê em mitos (por exemplo a superioridade de uma raça), assim como recorre preferentemente a pré-conceitos.

Isto, por inércia das ideias-feitas, que certas comunidades aceitam, pelo recurso a motivações irracionais, sem a acção superadora da ironia, da dúvida, da reflexão discursiva. A *passagem* para o esquerdismo, através de um «caminho antinatural», tarefa de uma «pedagogia superior», traria o indivíduo (1) da *matriz* realista e conservadora a outra fase não dada mas elaborada-a esquerda. E assim se compreende a sua conclusão: nasce-se na direita, mas chega-se à esquerda.

A terminar, ainda o vejo compreender que a direita se ufane de realista, sendo a esquerda qualificada de sonhadora, embora para si um sonhar falando de um realismo mais alto e mais difícil — o realismo do que há-de ser (e há que ser realista e pedir o impossível, diz você ter dito o anónimo pensador de Maio não é verdade?)

2. Eu trago óptica diversa e para mim os pequenos sacos de carne avermelhada que vemos por aí nascendo nada mais são que sacos gritantes e pequenos de carne avermelhada (possibilidades de virem a ser *gente*, entende-me?). O homem não nasce guerreiro nem racista, nem reaccionário tão-pouco. O homem nasce (geralmente) e tudo o resto que se diga são meras realidades distorcidas. Não somos naturalmente bons nem naturalmente também lobos de nomens-outros. Somos, sim, mas apenas aquilo que as nossas funções na sociedade (os interesses que nela constituímos ou que por nós foram já constituídos) exigem que sejamos. Arriscando ou protegendo, assim conservadores ou contestadores *estamos sendo*.

Importante portanto afirmar-se que não há connosco qualquer *matriz* hereditária enquanto natural) a executar pela prática do quotidiano. Essa *matriz* a existir é antes verdadeiramente formada por esquemas registados de um dever ser que a *consciência de classe* exige transformar-se em ter de ser.

Reaccionarismo ou contestação (esquerdismo ou direitismo, vá lá) são meros reflexos de outros comprometimentos bem mais duráveis ao nível das relações económicas.

3. A *passagem*, na medida em que atitudes destas, (resultantes como fiz sentir de um esquema superior de inserção em relações económico-produtivas) nunca poderão ser separadas de uma *ética de classe*, a passagem, dizia de uma fase de irracional conservadorismo para uma outra bem mais evoluída *e natural* de esquerdismo-contestatório terá que ser sempre produto de uma forte consciencialização, modo de chamar cada qual ao cumprimento dos seus *deveres* enquanto consciente, donde activo, participante dessa classe (o que é bem diverso do triunfo da reflexão discursiva, como vê. Porque consciencialização, que nada tem a ver com pedagogia superior, pressupõe uma outra actuação, a níveis e com processos bem mais drásticos.)

A distinção que propôs entre a dialética íntima do indivíduo e o processo histórico, está já por si viciada, porque este engloba sempre aquela e nunca a reacção específica e individual se pode desligar da síntese histórica (do processo histórico em desenvolvimento económico, social, histórico em resultado), isto, mesmo quando sendo verdadeiramente *reacção* atente contra o desenvolvimento daquele processo.

A distinção que propôs está viciada e proponho outra que integrando os sujeitos (2) e as suas reacções em sectores separados, *classes* em que cada qual pelas relações de economia produtiva se tem que forçosamente integrar, permite ver melhor o porquê do conservadorismo de uns e do esquerdismo-contestatório de outros (3). Isto, porque nem *todos nós somos* das direitas, sublinho-se.

4. A passagem nunca poderá ser conseguida, conforme pretende por uma pedagogia superior, a reflexão discursiva a ironia e a dúvida. Quer, porque os meios pelos quais se conseguiria essa acção ao nível das massas (informação institucional escolar ou divulgadora, jornais, livros, rádio, TV cinema, etc.) se encontram controlados pelos que, dada a sua inserção nos já atrás referidos esquemas (sectores ou classes), têm necessidade de defesa do *status quo* favorável à sua subsistência (enquanto elementos bem situados nos tais esquemas), como também porque a viabilidade de tais processos é fortemente discutível. Porque com 40% de nós analfabetos, quanto tempo pensa você João Medina poder ficar ainda à espera?

5. Fecho assim, deixando intactos alguns tópicos (o «antinaturalismo da esquerda» por exemplo). De qualquer modo, já resulta do que atrás expus a óptica diversa que traria a tais questões.

A dicotomia Homem / Natureza, prefiro (melhor, reputo como única válida) a tripartição homem /homem /natureza (sendo bem diferentes cada um dos homens-sujeitos apontados). Um será o conservador e o outro o esquerdista contestador. Um terá o seu *realismo*, um realismo burguês, enfim; o outro trará um *sonho, falará* de um realismo mais alto e mais difícil, concordo. Mas nunca o realismo do que há-de vir a ser. Porque a esquerda, a sonhar, é sempre com o realismo daquilo que devia já ser.

E há que ser realista e pedir (que se acabe com) o impossível, como talvez quisesse dizer o tal *anónimo* pensador de Maio...

Amadora, também em Setembro de 1969

JOSÉ A. BARREIROS

---

(1) ... O indivíduo e a sociedade na medida em que você mesmo generaliza esta sua análise a toda a sociedade

(2) *Sujeitos* económicamente agindo num complexo em histórico desenvolvimento.

(3) Isto porque os *sectores* (perdoe-se o eufemismo) se estruturam de modo hierarquizado, sendo o poder político-jurídico e o complexo económico organizado um dos seus pólos (o superior, evidentemente). Decididamente assim a opção esquerda-direita, á luz desta hierarquia (e não á luz de uma evolução racional por caminho anti-natural, como propôs), só se pode consubstanciar a hierarquia, a sua evidência e a sua legitimidade.

Onde a criança se torna cidadão...

INQUÉRITO DE MARIA ANTÓNIA PALLA

Escreveu António Sérgio: «A boa vida de cidadão não levará a consegui-la nenhum processo de *instrução*, menos ainda o do discurso, mas o de habituar a criança à acção *cívica*, ao exercício dos futuros direitos de cidadania e de autogoverno.» A família e a escola surgem à criança como os dois veículos primeiros de integração social. Como deverão e poderão agir uma e outra, entre elas e em relação ao educando, de modo a ajudá-lo a viver em sociedade? Como deverão, família e escola, actuar de forma a realizar a educação cívica da criança?

Estas as perguntas que fizemos a um pai, a um médico e a três educadores. Deste inquérito sumário publicou-se uma parte no n.º 15 deste suplemento (26 de Setembro). E conclui-se hoje.

OS ALUNOS PRECISAM DE DESCOBRIR A SOLIDARIEDADE

Professora do ensino secundário oficial e particular, a dr.ª Maria da Luz Galvão, apesar de jovem, tem já uma larga prática em liceus e colégios do Continente e do Ultramar. Convivendo com alunos de diversas idades, o seu depoimento responde aos problemas que se põem em todas as fases do ensino secundário:

— *Entendendo a escola no sentido tradicional, não me parece que ela possa, efectivamente, contribuir para uma formação cívica da criança. Esta limita-se a uma obediência passiva, pouco ou nada se fazendo no sentido de desenvolver o seu espírito crítico,de levá-la a afirmar-se, favorecendo a ajuda mútua. E é um facto que os estudantes, estando em contacto efectivo com a vida, desejam conhecer, mas querem igualmente amadurecer. Procuram encontrar por si, desejam descobrir.*

Relativamente ao primeiro aspecto (a obediência passiva) verificamos ainda hoje em muitos casos, a inexorável autoridade dos mestres. O professor ordena e o aluno obedece ou deve obedecer. E se assim não acontece há sempre a possibilidade de recurso aos castigos, sanções exteriores, agindo de fora para dentro, aplicados com o intuito de «formar» a personalidade da criança.

Quanto ao segundo aspecto focado (inexistência de espírito crítico), como poderia uma tal estrutura aceitá-lo e desenvolvê-lo? A tradição faz reinar uma ordem imutável na Escola Os mestres são autoridades absolutas e as reivindicações expressas pelos alunos são, em geral, mal acolhidas.

Referindo-se, em seguida, ao problema cooperação, a dr.ª Maria da Luz Galvão definiu assim a atitude da escola tradicional:

A solidariedade, se praticada, implica espírito de sacrifício. A fragmentação escolar, conduzindo ao individualismo, favorece e cultiva o egoismo. Colocados assim à margem da escola, o espírito de iniciativa, o espírito crítico e o espírito de solidariedade, as crianças cultivam-nos no seu círculo íntimo, quando se encontram juntas, longe da vista das autoridades escolares. E, então, são implacáveis. Não sendo essas qualidades orientadas e esclarecidas por um espírito já formado, o dos professores ou dos pais, manifestam-se incoerentemente e perniciosamente. Prejudicam o desenvolvimento natural da criança em lugar de lhe serem úteis. A criança entregue a si própria critica tudo e condena o que não entende

ESCOLA, MESTRA DA VIDA

Na opinião da dr.ª Maria da Luz Galvão, torna-se, pois, urgente, modificar a escola, dando-lhe novas directrizes, orientando-a para um ensino baseado no espírito crítico, na iniciativa colectiva e numa verdadeira solidariedade. Qual será então a função da Escola? O que representa ela? Quais as possibilidades e limites da sua acção?

— *No estado actual da civilização, a função da escola será a de «preparar as crianças para entrar na vida». E então, sim, terá papel primordial na educação cívica. Isso, porém, implica uma autenticidade no ensino, de forma a permitir ao aluno estar sempre em contacto real com os problemas que dizem respeito à sua existência, exigindo do professor que seja verdadeiramente ele próprio, plenamente consciente das atitudes que adopta. Este, com efeito, deve mostrar-se uma pessoa e não a incarnação abstracta de uma exigência escolar ou uma via através da qual os conhecimentos são transmitidos de geração em geração. As suas ligações com os alunos devem ser tais que as suas ideias pessoais possam estar à livre disposição de todos, sem que lhes sejam impostas ou exerçam sobre eles uma influência restritiva. A sua função consiste em desenvolver uma relação pessoal com os alunos e um clima na classe tal que as tendências naturais de cada um atinja plena maturidade*

Um ensino autêntico visa a fazer desabrochar o ser humano sob todos os seus aspectos, no respeito inicial da liberdade indivdual. Deve fornecer as melhores condições para o desenvolvimento do carácter, das atitudes sociais e de cooperação. Trata-se, pois, aqui, de mais uma incitação a introduzir na escola uma estrutura democrática que permitirá aos jovens associarem-se de uma maneira mais efectiva à própria vida da escolaridade, deixando de ser considerados como inferiores ou subordinados cujo principal papel é obedecer.

ESTUDAR PARA QUÊ?

A dr.ª Maria da Luz Galvão, chama-nos em seguida a atenção para a importância que a estruturação do ensino, em si mesmo, tem para a efectivação de uma autêntica educação cívica:

— *Um elemento importante na vida da escola é o interesse como motivação dos estudos. Efectivamente, não é raro encontrar crianças que fazem estudos sem saber exactamente porquê. Suportam-nos como uma violência familiar ou social. É preciso, pois, que a escola se apresente à criança de uma maneira mais significativa. É preciso que ela multiplique os meios de descobrir e de formar os interesses das crianças É preciso que ela vá de encontro à sua função fundamental de preparação para a vida, como já disse. A ideia, aliás, não é nova, vem já da Pedagogia ateniense, em que era esse o ideal de educação*

Aceitando este ideal de função da escola, um problema se põe: o da democratização do ensino O prolongamento da actividade escolar, seja ele voluntário ou obrigatório, constitui já uma tendência de democratização. Mas esta tendência espontânea não constitui, por si só, uma verdadeira democratização.

De maneira geral, as formas tradicionais de organização do ensino caracterizam-se por estruturas «verticais». Desde a entrada na escola, ou, pelo menos, desde os primeiros anos de escola, as crianças dividem-se em dois ramos distintos: ensino técnico e liceal A maior parte das vezes estas fileiras verticais recrutam os seus alunos nos diferentes sectores da sociedade Um dos objectivos essenciais da democratização do ensino é pôr em contacto crianças saídas das diversas camadas sociais. o que é impossível num sistema de estruturas «verticais» paralelas. O problema

Maria da Luz Galvão: «No estado actual da civilização, a função da escola será a de preparar as crianças para entrar na vida»

essencial da democratização do ensino consiste, pois, na substituição das estruturas verticais por outras. «horizontais», o que significa que todas as crianças deverão frequentar estabelecimentos não diferenciados, constituindo-se um ciclo de observação e de orientação suficientemente longo para que seja uma etapa na escolaridade. Neste ciclo, as crianças deverão ser postas em contacto com uma extensa gama de actividades e matérias compatíveis com a sua idade e de natureza a fazer aparecer as aptidões positivas de cada uma, orientando o aluno para o tipo de acção que melhor lhe convenha, sem negligenciar as necessidades da sociedade. Esta experiência está a ser actualmente tentada entre nós com a criação do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, se bem que não represente ainda o abandono total das «estruturas verticais» Na verdade, a manuten-

(Continua na página 8)

escape

A MAIOR COLECÇÃO DO PAÍS EM

JANTES LEVES

DUNLOP - COSMIC - MINILITE - BENZONI
MAMBA - ALSO - CROMODORA - FERGAT
DE 5"-5 1/2"-6"

PARA:

B. M. C. (850 - 1000 - 1100 - 1300 - COOPER)
ESCORT - IMP - TOYOTA COROLA
SUNBEAM - TIGER - OPEL - B. M. W.
CORTINA - LOTUS / CORTINA
FIAT (850 - 124 e 125 - RENAULT 8/10
VAUXHALL (VIVA - SL 90 - G. T. - VENTORA)

escape

RUA CASTILHO, 72-A—LISBOA

SERVIÇOS MÉDICOS
DA PREVIDÊNCIA

Comunica-se aos benificiários da Previdência, residentes no Distrito de Lisboa, que a partir de 1 de Novembro p. f., todos os assuntos relacionados com a assistência médica deverão ser tratados na Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos
—Avenida dos Estados Unidos da América, 39-39 A.

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA
E ABONO DE FAMÍLIA

AS CIDADES E O TEMPO

Três pontos de vista sobre problemas da Fig

ENTREVISTAS DE ADELINO TAVARES DA SILVA

Qual o problema mais importante da Figueira da Foz, neste momento? Eis uma pergunta que, de certo modo, pode tornar inconfidencial uma cidade virada para três realidades: Turismo, Indústria e Pesca.

Uma pergunta para três respostas. O eng. Muñoz de Oliveira, antigo presidente da Câmara Municipal e actual presidente da comissão concelhia da U. N., situa a sua resposta no interesse e importância das obras do porto e barra; o advogado dr. Melo Biscaia, com banca na cidade, filia a sua resposta-crítica na ausência do aproveitamento (aliás, já anunciado) do Vale do Mondego; o candidato a advogado dr. Manuel Mariano encontra na mentalidade deformada (pelas condições de vida e de conciliação com os meios de deficiente instalação turística) e entravada por peias sociais tradicionais e débeis posições económicas do figueirense o cerne do problema.

Qual é, pois, neste momento, o problema mais importante da Figueira da Foz?

«O PORTO, UM PROBLEMA COM UMA HISTÓRIA DE MAIS DE DUZENTOS ANOS» — afirmação do eng.º Muñoz de Oliveira

A Figueira da Foz, modesto casario no século XII, povoação piscatória no século XV, vila florescente em 1771, cidade esperançosa em 1882, deve a sua formação e desenvolvimento ao assoreamento do rio Mondego a montante da foz, fenómeno que, por progressivamente obstar à utilização do rio como via navegável, fez deslocar todo o interesse de uma navegação cujas origens assentam na participação da região de Coimbra nos primórdios de expansão ultramarina, para a zona da embocadura do rio, menos sujeita, dentro de certos limites, a rápidos assoreamentos que a mão imprevidente do homem facilitou ou não soube combater

Foi sempre o problema do porto, da sua necessidade de expansão, das condições em que lhe foi possível ou não, responder às solicitações económicas de uma vasta região, o problema fundamental da Figueira da Foz. E na medida em que a Figueira pode, e deve, constituir um pólo de interesse do desenvolvimento da região do Mondego, a posição do seu porto terá que ser, necessàriamente, um problema em constante evolução, dado que não são estáticas as causas que originam as solicitações para que o porto é requerido, porque têm a sua origem no dinamismo económico do seu «hinterland», que todos, naturalmente, desejamos animado de um progresso que continuará a exigir do porto novas infra-estruturas e melhores equipamentos.

Poderá pois dizer-se que o porto, e as suas possibilidades de acesso e abrigo à navegação, e de manuseamento de mercadorias e de apoio à frota pesqueira, além de constituir o principal problema da Figueira, pelas suas implicações socioeconómicas num real, e permanente, e consolidado desenvolvimento da região e consequente bem-estar das suas gentes, será ainda um problema, permanente, tão permanente quanto se pretenda que seja o desenvolvimento da região nos seus mais diversos sectores.

Este problema, é fácil supô-lo, tem passado, através de uma longa história de mais de duzentos anos, por diversos escalões, servindo, frequentemente, quer como promessa quer como reclamação, de agitar de bandeira política de infalível efeito quando apenas se pretende o efémero entusiasmo das multidões, ou pelo contrário sendo alvo de estudos e realizações que só a falta de recursos técnicos e cientificos da época, limitaram.

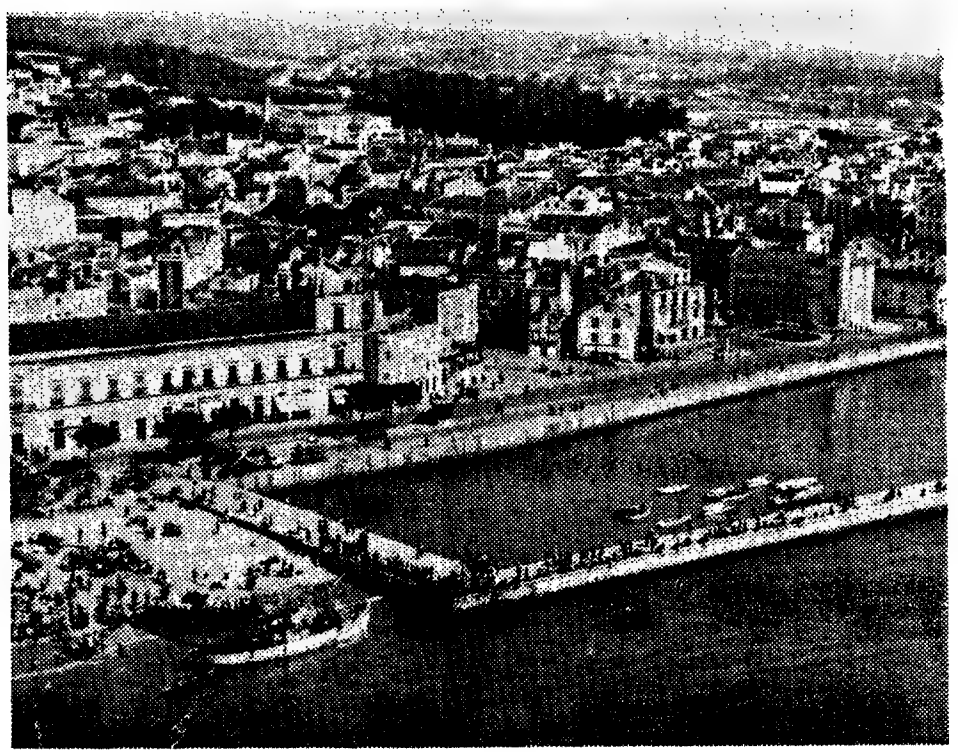
Actualmente, após executada a mais vasta e complexa campanha de estudos, de quantos foram feitos sobre o estuário do Mondego, estando em regime de permanente observação no Laboratório Nacional de Engenharia Civil o modelo reduzido do porto e construida a primeira fase das Obras de Grande Melhoramento, os Molhes Exteriores, assistiu-se a um incremento tão notável do movimento do porto, nos sectores da pesca costeira e do tráfego comercial, que ao porto, pela carência de obras interiores e de equipamento, ainda em fase de projecto e financiamento, não foi possivel corresponder às solicitações interessadissimas, não só de zonas que tradicionalmente eram consideradas pertencentes ao seu «hinterland», como ainda de outras regiões, que nem nas mais optimistas suposições tinham sido rotuladas como podendo estar ligadas, como estão de facto, à Figueira da Foz por uma premente necessidade de utilização do seu porto.

O problema do porto da Figueira da Foz, na sua feição actual é pois um problema de desequilibrio entre a realização de um programa, previsto para condições normais de expansão Rápida e volumosa, de diversos sectores da iniciativa privada.

Assistiu-se, no curto prazo de dois anos, ao acréscimo de um tráfego comercial que se situava na modestissima média de 3000/T ano, para 60 000 Toneladas em 1968, movimentadas por 105 navios nacionais, holandeses, dinamarqueses, alemães, espanhóis, etc., tendo-se no ano corrente, e até ao mês de Setembro, atingido as 65 000 Toneladas e sendo de 120 o número de navios comerciais que durante 9 meses demandaram o porto da Figueira.

Na pesca costeira, e apesar da crise que este sector sofre em todo o País, e porque as condições de acesso e abrigo do porto foram consideràvelmente melhoradas com as construções dos molhes exteriores, verificou-se também um não menos espectacular desenvolvimento, que se traduz, claramente, pelo facto de se ter passado de 47 000 contos/ano de valor médio pescado no período de 1962 a 1965, para 90 000 contos/ano de média no período de 1966 a 1968.

Não foram, nem de longe, atingidos os valores limites de que o «hinterland» do porto da Figueira da Foz é capaz através das suas estruturas de produção da sua capacidade de consumo e da sua organização comercial, mas estão sim atingidos os limites de capacidade do porto, a que faltam, além de obras de regularização interior que facilitem o equilíbrio hidráulico do estuário, a construção de cais acostáveis, o apetrechamento adequado e a construção de edifícios de apoio á frota pesqueira e a uma facil, higiénica e rentável comercialização do pescado. Pela experiência indiscutivel, dos três anos que se sucederam á conclusão da 1.ª fase das Obras de Grande Melhoramento se conclui que o problema do porto da Figueira da Foz não carece de favor politico, nem suporta a especulação de quem deseje utilizá-lo como estandarte de contestação, mas apenas exige uma rápida reprogramação das diversas fases de construção anteriormente previstas Definida a justa posição da politica portuária do Governo, no equilíbrio entre uma orientação que visaria apenas a concentração do movimento portuário em dois grandes portos ou, no outro extremo, na dispersão de obras que não chegariam a constituir um todo económicamente aproveitável, a Figueira da Foz tem neste momento apenas que aguardar que a continuidade das obras necessárias se faça com a aceleração imposta pelo ensaio, este á escala natural, a que o porto foi submetido quanto às potencialidades económicas nele interessadas. Neste aspecto apenas haverá que esperar, por parte do Governo, a continuidade de uma orientação já definida, e dos respectivos Serviços do Estado a intensificação dos processos necessários à realização de um esquema portuário para a Figueira da Foz, que possa responder eficientemente a uma importante região económica que se encontra, desde já, apta a fazer movimentar pela Figueira mais de meio milhão de toneladas de mercadorias por ano. E não vemos razões para que essa continuidade de orientação se não verifique ou não haja lugar para o aceleramento dos processos técnicos e administrativos requeridos pelas obras que se impõem. Mas na problemática do porto da Figueira da Foz, um outro sector fica em aberto e esse é o de transmitir às populações do seu «hinterland» que o problema do porto da Figueira não é apenas um problema desta cidade ou do seu concelho, mas antes se encontra intimamente ligado ao conjunto das populações que façam parte de um Planeamento Regional do Mondego, devendo essas populações intervir no seu desenvolvimento e até na sua administração, através de um Organismo Regional que efectivamente



Eng.º Muñoz de Oliveira

funcione à escala para o que o Estado preparará as infra-estruturas do porto. Esta administração, na sua actual orgânica, limita-se a uma representação concelhia e não cabe ao Governo impôr por simples medida legislativa uma representação mais lata, que se tomaria como planificação autoritária, sem que se tenha verificado a adesão das massas humanas, num acordo, compreensão e colaboração de que dependerá fundamentalmente a valorização regional. A existência de um Organismo verdadeiramente regional que possua valores humanos e valores materiais à escala de um autêntico polo de crescimento, depende da mentalização de amplos sectores de indivíduos e essa mentalização, consciente, esclarecida e objectiva, ninguém melhor poderá iniciá-la, em verdadeira campanha, do que aqueles que venham a deter em suas mãos a representação das populações do distrito de Coimbra. Será uma campanha, com jus a chegar á mais alta tribuna nacional, que não terá o gosto fácil da demagogia e da contestação, mas que trará para as populações a concretização de legítimas aspirações e para os seus promotores a satisfação profunda do sério cumprimento de um mandato.

«LIGADO AO PROBLEMA DO PORTO ESTÁ O PROBLEMA DA REGULARIZAÇÃO DO VALE DO MONDEGO» — declaração do dr. Melo Biscaia

Sinto um certo embaraço para responder, já que, perante a pergunta, logo me lembro de vários problemas importantes — e não apenas de um —, todos eles a merecerem a nossa citação e a nossa atenção

Lembro a crise da agricultura, a crise da pesca, o problema do turismo e o da industrialização (apesar da recente instalação de algumas fábricas, o concelho da Figueira está muito longe de possuir a indústria para que dispõe de excelentes condições).

E lembro também, claro, de uma forma especial, o problema do porto que, incompreensivelmente, continua sem a solução adequada, tendo as obras, que já se fizeram e em que se investiram muitos milhares de contos (cerca de 100 000), entrado num perlodo de lamentável interregno.

O porto da Figueira, apesar da sensivel melhoria de condicões, não é ainda nada do que pode e deve vir a ser e, pelo que se tem visto, o Governo não tem tratado o problema com o cuidado exigido por algo que constitui relevante elemento da economia nacional.

Basta dizer que foi reduzíssima a dotação atribuida ao porto da Figueira no III Plano de Fomento e que ele não mereceu senão a classificação de... porto de pesca.

ueira da Foz

No entanto, o movimento do nosso porto, com todo o seu condicionalismo imposto pelo estado da barra e pela falta de apetrechamento e equipamento, subiu de 19 000 toneladas, em 1967, para 62 000 toneladas, em 1968, prevendo-se, para 1969, o mínimo de 70 000 toneladas!

O actual presidente da Câmara na sua intervenção na Assembbleia Nacional, em Março passado, chamou a atenção do Governo para o problema do porto, mas a sua voz não foi ouvida até agora, e tudo vai ficando na mesma, á espera de melhores dias.

O problema do porto da Figueira, como outros do nosso concelho e região, são, afinal, problemas da Nação, com peso na economia nacional, que não podem ficar dependentes de influência e simpatias pessoais, políticas e outras!

Mas, vamos ao que agora importa: — ligado ao problema do porto está o problema, de capital importância, da regularização do Vale do Mondego.

Da resolução desse magno problema adviriam logo as seguintes consequências altamente benéficas: — a regularização do regadio e o aumento das áreas cultiváveis; a possibilidade de reconversão das culturas tradicionais e mais pobres e a necessária industrialização das espécies cultiváveis; o dessassoreamento da barra e portanto, a melhoria das condições do porto; o aproveitamento da água para a indústria (neste momento, uma importante unidade industrial do concelho tem uma fase ulterior de grande expansão dependente da possibilidade de poder contar com o aproveitamento e regularização hidráulica do Mondego).

Ora, o prof. eng.º Henrique de Barros, na conferência de Imprensa realizada na Figueira no passado dia 11, afirmou que há muito estão feitos os estudos para a regularização do Vale do Mondego, dizendo que, hoje, o problema não tem segredos.

Porque se tem esperado então para pôr em prática esses estudos? Haverá quem não reconheça vantagem na regularização do Vale do Mondego? Porque não se lhe dá a prioridade que se impõe?

Da resolução deste problema depende, em grande parte o progresso de uma região à qual se têm negado as possibilidades de um efectivo e necessário desenvolvimento.

Mais, e para terminar: as obras do aproveitamento do Mondego significam a sobrevivência de tal região.

NOTA — Já depois de redigida esta resposta, foram tornadas públicas certas medidas, aprovadas no último Conselho de Ministros, relativas á crise da pesca e ao problema do aproveitamento do Vale do Mondego.

Ainda bem! Oxalá não demore a sua execução.

«O HOMEM DA FIGUEIRA DA FOZ VIVE ESPARTILHADO NUM COLETE-DE-FORÇAS ECONÓMICO-SOCIAIS» — indica o dr. Manuel Mariano

De entre todos os problemas que se fazem sentir na Figueira da Foz — e tantos são quantos os grandes problemas nacionais que aqui, como em toda a parte, se repercutem no sangue da população da cidade, — um surge a meus olhos como fundamental e que suponho estar na base de todas as limitações e condicionalismos do homem da Figueira.

Dos primeiros entendo não dever falar, porque, neste momento da vida nacional, muitas e mais autorizadas vozes se têm erguido para criticar o que está feito e para apontar soluções para o que nunca foi abordado ou para o que o tenha sido mas não da maneira mais frutuosa. Estulto seria eu, portanto, se, com a minha voz menos amadurecida, viesse neste momento pretender focar problemas ingentes da Nação. E, se o fizesse, cairia mesmo para além do âmbito da pergunta, que é objecto do meu depoimento.

Posso, em síntese, dizer que, a meus olhos, o problema essencial da Figueira da Foz, neste momento, é um problema de libertação do homem figueirense das peias sociais e económicas que localmente se observam, e que o levam inevitàvelmente a aceitar umas regras de vida que de maneira nenhuma se coadunam com o desenvolvimento indispensável e urgente da vida local. Podemos dizer que, localmente, o homem da Figueira — e quando digo «homem da Figueira» quero referir-me á grande massa populacional que não tem mais nada para viver do que o produto do seu trabalho — vive espartilhado num colete de forças que quase o não deixa respirar livremente.

Terra de há muito voltada para o Turismo, que tem sido e que alguns dizem que tem de ser o norte por que se deve orientar a vida local, é ele aqui praticado a um nível que se pode

Dr. Manuel Mariano

classificar de artesanal. E, se exceptuarmos um surto industrial de ordem técnica verificado nos últimos anos — embora pessoalmente o repute de utilidade duvidosa para a terra na medida em que, contendendo frontalmente com a sua exploração turística que, desde sempre apregoada e prometida a nível capaz por entidades locais e nacionais, nunca foi realizada e porque duvido sèriamente que os frutos dessa industrialização contribuam, a curto e longo prazo, para o progresso do concelho e até do País —, surto esse baseado na exploração de um porto de mar que, por razões de ordem técnica que escapam ao meu conhecimento, não cumpre de perto nem de longe com o que dele se esperava e com o que justificava o capital nele investido — não nos podemos alhear de que a Figueira, e os que por ela pensavam, estereotipou sempre a sua vida com os olhos postos no Turismo.

Como até hoje não foram criadas as infra-estruturas necessárias e essenciais que permitam a exploração industrial do que poderia ser, de facto, uma válida fonte de rendimento do homem da Figueira — e aqui cabe dizer que o nosso parque hoteleiro está, há muitos anos, em estado de completa estagnação e, consequentemente, ultrapassadíssimo, o que, a par da falta de investimentos decididos e decisivos no equipamento de uma tão complexa indústria que vive fundamentalmente das possibilidades de lazer do homem que pode ser turista e que quer comodidades e divertimentos ao nível a que está habituado — acontece que cada vez a Figueira se afasta mais de um ritmo de progressão. É notório, a meus olhos, o progressivo desvio da Figueira de um turismo de qualidade que sem dúvida será o de maior interesse local e o capaz de contribuir para o desenvolvimento regional em termos de opção. Continuamos a não ter mais, tendo mesmo em conta os paliativos surgidos já no decorrer deste ano, do que «óptimas e privilegiadas condições naturais».

Surge daqui, inelutàvelmente, um estado de crise local que se manifesta em todas as formas de vida e contém em si um autêntico círculo vicioso: a Figueira não progride porque o turista que a pode ajudar no seu desenvolvimento não vem, e este não vem à Figueira porque esta não progride de forma a poder satisfazer as suas necessidades habituais.

Cidade voltada ao turismo, tem que se contentar com o receber o chamado turismo de quantidade, com e do qual vive a grande maioria da sua população. E é ver, nos meses estivais — porque o turismo na Figueira, em 1969, ainda só se pratica no Verão! — a grande percentagem dos habitantes locais a demitirem-se do uso das suas próprias casas em favor dos que vêm até nós e a irem viver para as chamadas «defesas», muitas das vezes tugúrios de uma ou duas divisões em que tem de habitar, durante dois ou três meses, uma família inteira. E o acento tónico da gravidade do problema é que essas pessoas têm mesmo de alugar as suas casas para equilibrarem, a maioria delas como condição «sine qua non», o seu orçamento anual. Daqui me parece derivar a consequência de o homem da Figueira ser impelido para uma subserviência que, de estival inicialmente, tende para se propagar a todos os períodos do ano e em todas as manifestações da vida privada e pública local

Ao lado desta grande maioria da população, habituada e já mentalizada neste «statu quo», situa-se — e por que não dizê-lo? — uma classe social diferente e com meios económicos suficientes para promover o desenvolvimento da cidade, se o quisesse. A título justificativo desta minha afirmação cabe aqui referir que, ainda há muito pouco tempo, a dependência local da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência era uma das que, na província, possuía maior montante de depósitos — e não se pode justificar esse facto com uma multiplicidade de pequenos aforros.

Mas, paradoxalmente, verifica-se uma preocupação ingente, da parte dos que, estando numa posição económica cimeira, não querem perder «direitos adquiridos», dirigida no sentido de evitar o desenvolvimento e progresso locais exactamente para que as posições ao momento definidas não sejam alteradas. E, com o comodismo inerente à auto-satisfação pessoal de uma relativa realização económica, nada fazem e, o que é pior, tudo fazem para nada deixar fazer.

Desta situação sócio-económica resulta todo um «modus vivendi» de tipo muito definido, a que se deve ainda adicionar a característica de, impelida pelos hábitos observados à população flutuante estival e por um atavismo próprio de todo o homem da beira-mar, toda a gente — ou pelo menos uma grande parte —, se sentir impelida á prática de uma vida fictícia que não tem correspondência no substrato económico de cada um.

E assim se criou um estado de dependência quase total do homem da Figueira em relação a uma élite de pretensa finança, do que tem de resultar, em todas as implicações da vida comunal, uma dependência quase absoluta do primeiro á segunda, tarefa fácil de realizar na medida em que aquele se encontra já mentalizado, pelas razões atrás indicadas, para suportar um estado de subserviência e de segundo plano.

Despersonalizado desta forma, o homem da Figueira enfeudou-se e, se não tiver força anímica para quebrar o «circulus inextrincabilis» que se criou e no qual vive na paz de um doce — e também agradável, de certo modo — nada fazer, criando possibilidades próprias de sobrevivência independente, estará condenado, e com ele a cidade, á estagnação real — embora não total em termos absolutos — que se verifica e que se procura mascarar com realizações que não podem enganar quem, com verdadeira preocupação, sobre elas se detenha.

Do jogo de conveniências que, inexoràvelmente, se tem de verificar neste condicionalismo, mais e mais se afunda o homem figueirense, mais e mais se mentaliza — ou é mentalizado — para aceitar as regras erradas que lhe estão a ser impostas e mais e mais, como é óbvio, se compromete e se torna dependente de um grupo que o dirige e o impele a seu belo prazer.

Este, a meu ver, o problema fundamental da Figueira actual — que não do seu concelho em geral, porque neste não há apenas um mas uma variedade multímoda que nem sequer pode ser encarada na sua totalidade num inquérito desta natureza.

E assim acabo como comecei: o mais ingente problema da Figueira-cidade actual é o da libertação do homem figueirense das peias sociais e económicas que localmente se observam.

Onde a criança se torna cidadão...

(Continuação da página 5)

ção de duas directivas, Ciclo Preparatório, por um lado, 6.ª Classe, por outro, impede a resolução do problema fundamental: unificação do ensino no período de escolaridade obrigatória e prolongamento desta. A par do que atrás referi estas parecem-me as condições indispensáveis para que a Escola contribua, efectivamente, para a formação cívica da criança.

MEIOS PARA PODER PENSAR

A democratização do ensino aparece assim como uma condição básica da educação cívica da criança, na medida em que a extensão e unificação dos meios de ensino melhor a preparam para participar numa vida em sociedade.

A este propósito, o dr. Eugénio Cardigos, pedagogo e psicólogo, inspector de orientação escolar do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, fez algumas observações esclarecedoras:

— *Dizem que as pressões económicas são a causa principal das crianças das classes menos favorecidas não chegarem, na sua grande maioria, aos graus superiores de ensino. Ora eu julgo que não menos importante é o facto de essas crianças possuirem um vocabulário tão reduzido que a sua capacidade de conceptualização é também muito reduzida. Quando se pensa, portanto, no binómio escola-família, tendo em conta a educação cívica da criança, há que pensar, em primeiro lugar, no que a escola tem de dar em substituição ou compensação do que a família não pode dar, de modo a permitir à criança retirar as vantagens de uma autêntica democratização do ensino. Eu creio sinceramente que sem uma alteração das estruturas socio-económicas não haverá alteração das estruturas culturais. Porquê? Porque não basta tornar grátis as propinas e fornecer livros: é preciso dar, antes de mais, às crianças menos favorecidas um vocabulário para poderem pensar, a fim de poderem estudar e exprimir-se. A escola pré-primária obrigatória compensaria, sem dúvida, as deficiências culturais da família. Mas não chega. Uma criança subalimentada não dá rendimento. Por outro lado, em certas zonas da província, as crianças têm de fazer muitos quilómetros até chegarem à escola. Por melhor que seja um professor não conseguirá jamais fazer trabalhar uma classe enregelada. A escola teria de compensar através de cantinas, remédios e subsídios alimentares as deficiências do meio familiar, de molde a pôr estas crianças em igualdade de circunstâncias com outras mais evoluídas. Só conhecendo os problemas da criança, as circunstâncias em que ela vive, a escola pode ajudá-la a aproveitar do ensino preparando-a para a vida.*

O IMPORTANTE É VIVER CIVICAMENTE

Nesta concepção, a escola perde o sentido de um meio rígido e abstracto onde a criança vem buscar uma soma mais ou menos vasta de conhecimentos, de significado por vezes inteiramente teórico. Numa escola activa, viva, o aluno poderá determinar-se em relação aos seus interesses e às vias possíveis que a sociedade lhe oferece. Como?

— *Através da orientação escolar* — explica o dr. Eugénio Cardigos — *O aluno pode e deveria sempre escolher o lugar que lhe é próprio na sociedade. Um indivíduo desajustado está sempre em crise, consigo próprio e com o meio ambiente. Uma boa orientação escolar e profissional continuas (um indivíduo pode evoluir até aos quarenta anos) evitaria muitas frustrações. Um indivíduo deve realizar-se como cidadão e profissional: não são coisas desligadas. Ora isso faz-se pela consciencialização dos seus interesses, que não se definem, em bloco, num dado momento, mas se alteram consoante as novas condições de vida, embora haja uma linha constante de evolução.*

Ensinar educação cívica não me parece válido. O que interessa é viver civicamente, a começar pela escola. Isso é possível desde que se organize um tipo de convívio escolar em que se respeitem as personalidades dos indivíduos e em que estes aprendam quais os seus direitos e os seus deveres.

DEMOCRÁTICO NÃO SIGNIFICA CAÓTICO

consideramos que neste breve inquérito importava ouvir um médico psiquiatra: daremos, pois, a palavra ao dr. João Azevedo e Silva, psicoterapeuta de formação psicalítica, que, do ponto de vista da sua especialidade, fez algumas considerações sobre como a escola e a família podem participar na educação cívica da criança:

— *Quando nos pronunciamos pùblicamente, as críticas são sempre numerosas, o que está certo, mas nem sempre bem intencionado. Por isso, antes de mais, quero esclarecer que sou um médico, psiquiatra, de formação ortodoxa primeiramente e depois psicodinâmica (grupo-analítica e psicanalítica). Como tal, tenho lidado sobretudo com adultos e jovens e raramente com crianças. Não sou, portanto, um pedagogo, nem um psicológo, mas um profissional médico vivendo do seu trabalho, pai de uma família numerosa, integrado numa sociedade, e é nesta base que me atrevo a pronunciar-me sobre o assunto que me propõem.*

Pessoalmente, no que se refere ao papel da família na educação cívica da criança, interpreto o problema nestes termos: o vèículo mais importante para a educação cívica da criança pela família — e penso mais especificamente nos pais — é o da sua própria conduta, comportamento, interesses, motivações. A família exerce uma influência não tanto por aquilo que os pais possam dizer aos filhos, às vezes tomando o carácter de prelecções fastidiosas, mas sim pelo seu próprio modo de viver, posto ao dispor dos filhos para que estes os observem, os tomem como ponto de referência, num núcleo sobre o qual se constroem e se modelam numa primeira etapa, diferenciando-se deles, e ultrapassando-os mesmo, numa fase seguinte.

Dentro desta concepção é fácil deduzir-se que os pais devem, eles mesmos, ter consciência cívica e que a família deverá organizar-se democràticamente. E aqui torna-se necessário um aparte: democrático não significa caótico, nem sequer tumultuoso. Neste aspecto, a minha experiência profissional é categórica: quantas mais oportunidades os membros de um grupo têm de se definir, mais coeso se torna o grupo, aparentemente agitado pela riqueza das ideias expressas, sem dúvida, mas muito mais forte e unido, capaz de chegar a um fim. Os grupos onde a possibilidade de expressão se encontra limitada tendem a desagregar-se.

O dr. Azevedo e Silva ressalva que para o bom êxito deste grupo familiar importa que haja entre os seus componentes um mínimo de interesses comuns. Quando, porém, este grupo organizado democràticamente falha à criança, como poderá esta fazer a sua educação cívica?

— *Claro que uma criança poderá vir a ser um adulto consciente como cidadão sem ter sido educado por uma família dos moldes da que proponho. Mas aí regista-se um outro fenómeno: ele terá recebido uma educação fora da família e as suas atitudes futuras serão fatalmente marcadas por um forte cunho de reacção ao ambiente familiar, facto que será sempre mais deplorável do que útil. Penso, portanto — e peço desculpa de ser tão categórico, mas não sê-lo seria não ser sincero —, que a família desempenha um papel muito importante na educação cívica da criança, mas só poderá exercê-la com a necessária amplitude se ela própria tiver uma estrutura cívica válida, isto é: democrática*

UMA ESCOLA NOVA

No que se refere à escola, a importância desta, na opinião do dr Azevedo e Silva, não é menor:

— *Em primeiro lugar, e para não me alongar, direi que o papel de modelo que atribui à família é desempenhado também pelo conjunto dinâmico escola-família, num plano mais amplo e complexo. Portanto, embora pareça repetitivo terei de dizer que a escola, como a família, só proporciona as bases para a educação cívica da criança se for uma escola organizada democràticamente. Isto põe um problema importantíssimo para todos os portugueses: as nossas escolas (primárias, médias, superiores) não necessitarão tanto de correcções de programas, de introdução desta ou daquela disciplina, de abertura para novas correntes de pensamento, de reorganização de sistemas de horários ou exames diferentes, mas de uma modificação radical de toda a concepção do ensino e da aprendizagem. O prof. Delfim Santos costumava falar em «escola nova», na qual o professor era alguém de mais sabedor em determinados capítulos que se punha à disposição dos estudantes que partiam à descoberta. É isto, sensivelmente, e de forma muito esquemática, o que eu designo aqui pelo termo da escola democrática.*

Quais as possibilidades e dificuldades de realizar uma escola deste tipo — não no âmbito restrito de um ou outro ensaio esporádico, mas no âmbito nacional — é uma pergunta a um tempo difícil e fácil de responder. Fácil porque se a nossa sociedade estivesse de facto interessada nesta escola nada mais tinha a fazer do que pô-la em movimento, não obstante todos os riscos existentes. As dificuldades ir-se-iam revelando e para elas se encontraria a solução através da prática concreta. Resumindo, agora, o meu pensamento direi: a família e a escola são dois veículos importantíssimos na educação cívica da criança, os quais só poderão desenvolver plenamente a sua acção educativa, de forma directa — e não por reacção da criança aos autoritarismos que encontra — se tiverem uma estrutura democrática, dentro de uma sociedade democrática.

Tudo o que seja dito em contrário ou imponha restrições amputadoras são especulações de cunho alienatório que se esboroam totalmente quando observados pelos olhos de um adulto que, em criança, encontrou alguns modelos democráticos em que se apoiar.

Assistência Clínica aos Beneficiários da Previdência Social do Distrito de Lisboa

TRANSFERÊNCIA DE SERVIÇOS

Para conhecimento de todos os interessados se comunica que, a partir de 1 de Novembro, a prestação de Assistência Clínica que competia à Federação de Caixas de Previdência e Abono de Família (anteriormente «Serviços Médico-Sociais»), passa a estar a cargo da **CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E DOS ORGANISMOS CORPORATIVOS**, com sede na Avenida dos Estados Unidos da América, n.° 39.

Nestes termos esclarece-se que:

a) Os serviços que até agora funcionavam na Calçada Marquês de Abrantes, n.° 68 e na Avenida Manuel da Maia n.ºs 48-58 (Serviços da Zona Sul), ficarão instalados, a partir daquela data, na sede da Caixa;

b) O SERVIÇO PERMANENTE que era pedido pelo telefone 66 28 19 (inscrito na lista telefónica em Serviços Médico-Sociais, serviço nocturno, domingos e feriados) deverá ser solicitado pelo telefone **71 60 81**;

c) Esta transferência de serviços não implicará por agora qualquer alteração na localização e funcionamento dos Postos Clínicos.

A DIRECÇÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E DOS ORGANISMOS CORPORATIVOS

Inquerito

Problemas e perspectivas do Cooperativismo em Portugal

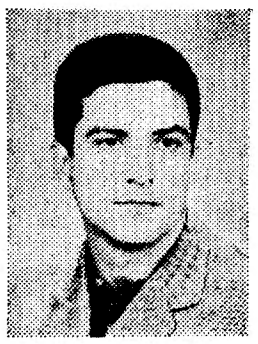
1 — Quais as possibilidades da solução cooperativa da vida económica de um país?

2 — Que pensa do movimento cooperativo em Portugal e das suas possibilidades e perspectivas no momento actual?

3 — Quais os principais problemas do Cooperativismo português e suas aspirações para uma maior eficácia de acção?

Mário Brochado Coelho

(Sócio Fundador da «Confronto», Cooperativa de Promoção Cultural e seu actual presidente da Assembleia Geral. Assistente jurídico da União das Adegas Cooperativas da Região dos Vinhos Verdes)



«...o cooperativismo, feliz ou infelizmente, tem-se limitado a uma solução de recurso. Solução de recurso todavia que em termos concretos corresponde à única solução nacional e possível num dado momento»

1 — Muito embora não seja insensível à realidade histórica do movimento cooperativista do século passado, não só pelo que representou de luta contra as leis draconianas da concorrência capitalista, como pela amplitude do seu recheio ideológico, estou certo que o Cooperativismo não é uma solução genérica exclusiva a propugnar para a vida económica de qualquer país. Poderá, porém, ser uma solução feliz e extremamente pedagógica para a resolução de certos problemas concretos das economias nacionais, sem se alargar ao âmbito do global e do sistema económico vigente. O Cooperativismo tem tido existência sociológica como instrumento de trabalho para certas camadas populacionais ou certos governos tentarem resolver, à falta de uma solução global, certos aspectos mais gravosos da vida económica do País.

Assim, bastará recorrer à história ou à sociologia política para se ver que, apesar do entusiasmo de certos doutrinadores, o Cooperativismo, feliz ou infelizmente, tem-se limitado a uma solução de recurso. Solução de recursos todavia que em termos concretos corresponde à única solução nacional e possível num dado momento. Solução de recurso, todavia, que trás aos seus participantes — ou devia trazer — um manancial rico de experiências colectivas e democráticas. Não nego que os ideológicos do Cooperativismo lhe desenharam limites extremamente ambiciosos e límpidos na boa vontade de ver dominada a fúria do individualismo que serve de pedra basilar para o sistema capitalista, não nego igualmente os bons resulados que, aqui e ali, neste e naquele ramo de actividade, a fórmula cooperativa teve, tem e terá, nego apenas que em algum momento tal solução tenha sido ou venha a poder ser a solução global para a economia de um país.

Isto porque, para se definir Cooperativismo, ou nos agarramos às formulações mais ou menos históricas e mais ou menos utópicas ou nos dedicamos à procura do seu sentido real, através da análise das experiências cooperativas em todos os países e ramos de actividade. Seguir aquele primeiro caminho será penetrar nas nuvens procurando — ainda nos dias de hoje — encerrar num dado conceito o significado que ultrapassa a sua capacidade. Os sistemas económicos têm uma lógica imperativa global (a sua estrutura) que urge defender ou pôr em causa na sua totalidade para que não limitemos a fundar micro-economias sem signficado relevante para além da criação de uma certa boa consciência para alguns. As mutações económicas, para serem verdadeiramente relevantes, têm de dispor da força suficiente para romper com a totalidade do sistema em causa, quebrando a sua lógica própria e permitindo a instalação de uma nova sociedade, de uma nova coerência.

Mas, se seguirmos o segundo dos caminhos apontados, mergulhando na realidade dos largos anos de experiências cooperativas em todos os quadrantes, veremos que não é una a sua definição, de tal modo as realidades locais e nacionais a informam e deformam. Mesmo que defendendo sempre os princípios de Rochdale, é inegável que as realidades criadas à sombra da bandeira do cooperativismo são exremamente diversas. Ficamos assim sem saber bem onde começa e onde acaba com precisão o ideal cooperativo como realidade vivida. Esta mostra-nos porém que apesar de tudo isso se trata de uma solução óptima, em certas circunstâncias, para a resolução de certos problemas económicos de um número maior ou menor de consumidores ou produtores. No entanto, mesmo dentro deste plano e em razão dele próprio tal solução encontra-se sempre mergulhada no mar do sistema em que se debate e que a domina. Com todas as suas incidências (incluindo as de ordem política) é o sistema que dirige, que permite, que restringe ou que autoriza.

Em resumo: da ideologia cooperativista (Latu Sensu) é de recolher como exemplo pertinentissimo toda a sua mensagem de autogestão a generalizar, talvez, muito para além dos limites da solução cooperativa e a integrar como filosofia indispensável para a defesa da democracia total no âmbito das formulações políticas da experiência cooperativista (Latu Sensu igualmente) há a recolher todo o seu potencial como instrumento útil de política económica para certos sectores de actividade, certas camadas de população e certos momentos de crise. Se se quiser, todavia pôr em questão o sistema económico vigente numa dada sociedade creio que a melhor solução a propugnar como alternativa concreta não será a cooperativista «Tout Court».

2 — Mas terá acontecido o mesmo entre nós? Ou será que em Portugal existe um movimento cooperativo como alternativa para a questão económica actual? Estou em crer que não fugimos à regra geral integrando-nos nas características acima apontadas, com algumas agravantes

O fenómeno cooperativo entre nós deve o seu nascimento a uma iniciativa legislativa do governo de 1867. Tal iniciativa ficou-se a dever única e exclusivamente a uma política de prudência preventiva do regime contra a rebeldia crescente da classe operária, a braços com a sua deplorável situação económico-social. No relatório da lei de 2 de Julho de 1867, além de se pretender compensar as classes laboriosas da liberdade de constituição concedida às sociedades anónimas diz-se abertamente que a solução cooperativa é a apropriada aos olhos do executivo de então, para evitar «as greves e as coalisões sediciosas dos operários». Foi assim que, em vez da regulamentação jurídica das cooperativas ter surgido pela força da iniciativa das classes mais pobres, em luta contra o sistema capitalista (e desse modo sendo moldada pela experiência específica de tal luta) a vemos surgir de um certo humanismo interesseiro, calculista e paternalista do poder executivo (e por isso apenas atendendo aos interesses deste e à matriz francesa utilizada pelo legislador). Só quatro anos depois foi fundada a primeira cooperativa, a «Aliança Popular» e na altura da entrada em vigor do Código Comercial de 1888 o seu número não ia além de algumas poucas dezenas

Daí para cá, a diversidade de pensamento dos diversos executivos face às cooperativas fez variar a sua sorte enxertando aqui e ali elementos estranhos à sua natureza ou até mesmo combatendo mais ou menos directamente as suas regalias estabelecidas por diplomas anteriores. A iniciativa de alguns levou todavia à criação de um elevado número de cooperativas (420 em 1962) distribuídas pelos sectores do consumo, da agricultura, da habitação, etc. .. O seu peso na economia Nacional é crescente (sobretudo graças às cooperativas agrícolas) mas nunca poderá, como disse vir a resolver os problemas de fundo que atingem aquela. Trata-se de tentativas para sanar situações de crise parcelares, enquanto não se refunde por completo o sistema económico em causa. Daí que não seja de admirar ser o próprio Estado hoje em dia, a incentivar um certo tipo de cooperativas. Resta, assim para além das intenções iniciais, um instrumento de trabalho com inegável eficiência técnica para solucionar situações críticas. Para sua regulamentação existe uma legislação amalgamada e proteiforme que distorcendo a pureza do ideal cooperativo, tem no entanto permitido que vinguem múltiplas experiências de cooperação. Daí que o futuro do movimento cooperativo em Portugal se inscreva por completo no quadro exposto na pergunta anterior.

3 — Mas olhando para o futuro do País com realismo e não negando a evidência do dia a dia que todos partilhamos, há que avaliar o papel que pode ser desempenhado pelas cooperativas portuguesas no sentido de contribuirem para a criação de um verdadeiro movimento cooperativista nacional como elemento importante de um outro mais vasto e da democracia integral. Para que tal suceda é indispensável em meu entender

A) Que seja cuidada a preparação dos militantes cooperativos e mentalizada a massa dos cooperadores (até hoje infelizmente reduzidas a uma visão simplicista do fenómeno da cooperação) de modo a que a autogestão seja, mais do que um princípio aceite, uma realidade vivida de modo consciente.

B) Que os cooperadores procedam ao estudo da legislação apropriada à realidade que se pretende defender, de modo a ser revista a legislação cooperativa vigente, dando-lhe coerência, força e dignidade na defesa da sua especificidade e impedindo o seu desvirtuamento e condicionamento.

C) Constituição de uma cooperativa de crédito que torne as demais cooperativas independentes da pressão exercida pela banca particular, no referente à concessão de crédito.

J. Dias Agudo

(Director da colecção «Biblioteca de Cultura Cooperativa». Autor de diversos folhetos sobre temas cooperativos, entre os quais «Cooperativas de Consumo» e «Doutrinadores de Cooperativismo». Colaborador do «Diário de Lisboa» e do «Boletim Cooperativista»)

«Tudo, tudo tem tirado o melhor partido das virtudes intrínsecas da cooperação. E se os homens quisessem não seria amanhã, seria hoje mesmo que eles encarregariam as cooperativas de resolver todos os seus problemas»

1. A prática demonstrou que essas possibilidades são muito grandes, como pode verificar-se pelo que se passa em muitos países do mundo nesta matéria. A Suécia, a Finlandia, a Inglaterra e muitos outros países podem fornecer elementos comprovativos de que a Agricultura, a Industria, o Crédito e o Seguro estão sendo trabalhados activa e eficientemente pela instituição coperativa. Percentagens muito elevadas de cooperadores se dedicam hoje ás actividades agrícolas da produção, transformação e comercialização dos produtos da terra, do consumo ou distribuição dos mesmos, do fabrico em sistema de artesanato ou fábrica de maior fôlego, do que a inteligência do homem pode produzir para satisfação das necessidades humanas. É um nunca acabar de apelos que se fazem á Cooperação a pedir-lhe que resolva problemas que não encontram solução por outras vias. E isto tanto se dá dentro da economia capitalista como da socialista, em que a Coopera-

(Continua na página seguinte)

Problemas do Cooperativismo em Portugal

(Continuação da página anterior)

tiva está encravada. A expressão não é exagerada. A cooperativa nasceu e vive dentro dos muros da cidadela da economia do lucro e, embora se lhe tenha oposto por uma ética diferente, serve-se também do capital para exercer os seus objectivos de criar uma sociedade mais justa, pelo exercício de funções individuais e colectivas em que não haja competição ou exploração de qualquer natureza, o que sempre conduz ao ódio e á luta e, em volume maior ás guerras malignas e catastróficas.

Também a cooperativa vive no seio do socialismo, embora lá não tenha nascido. Observe-se contudo que o viver de ambas não é igual. Enquanto a economia liberal a olha com desconfiança e até com animosidade por supô-la competidora e, portanto, adversária sobretudo no sector do consumo a economia socialista não faz sobre ela qualquer pressão. Serve-se dela, mas dentro deste *servir* dá-lhe plena liberdade de movimentos, condicionada apenas ao seu papel de executora, também, dos planos quinquenais. Cremos que mais nada. Nem admissões de sócios, nem saídas são perturbadas pela legislação oficial, nem o funcionamento das cooperativas obedece a normas que não sejam as que caracterizam o modelo clássico. Nas votações das assembleias gerais todo o sócio tem um voto e só um, o que está conforme ao sistema democrático.

Convém agora saber, ainda que resumidamente, qual a evolução que tem tido o movimento, evolução que responderá com clareza á pergunta formulada em primeiro lugar neste inquérito.

A partir da segunda metade do século XIX, ano de 1844, que é quando a cooperativa verdadeiramente nasceu, com o advento do industrialismo, e até os primeiros anos deste século XX em que estamos, a Cooperação, aparte alguns exemplos como o inglês e o dos países nórdicos que eram já bastante vivos não dava esperança de que viria a atingir um dia grande projecção. Mas pasada a primeira grande guerra em que tanta destruição foi feita, como é sabido, a cooperativa foi chamada a desempenhar um grande papel no trabalho da reconstrução, o que elevou evidentemente o seu numero, em todos os sectores da actividade económica das nações. Daí até 1939 ela deu provas seguras da excelência dos seus processos de agir e, pasada a nova vaga de destruições, ocasionada pela guerra de 1939-46 em que foi preciso refazer tudo o que a metralha destruiu em tão grande escala, a necessidade da cooperativa evidenciou-se de uma forma tão clara e premente, que — pode dizer-se — ela cobriu o mundo no curto espaço de pouco mais de 20 anos. A terra reclamou-a para produzir mais e em melhores condições; a habitação foi buscá-la para reparar e erguer alojamentos e edifícios; a distribuição lançou mão dela para fornecer o género e o produto por meios mais justos e equitativos de modo que a ninguém faltasse o necessário á vida sem os encargos insuportáveis do intermediarismo parasitário.

E foi assim que o agricultor e o construtor, o distribuidor e o consumidor o professor, o médico e o farmacêutico, o pintor, o homem de teatro e o do táxi, o mergulhador e o barqueiro o pescador e tantos outros fundaram as suas cooperativas que atingem hoje um numero superior a 611 500 com mais de 230 milhões de sócios segundo uma estatística acabada de publicar pela *Aliança Cooperativa Internacional* onde se agruparam até hoje 70 países na ideia fixa de desenvolverem no mundo o sentimento fraternal da ajuda mutua. Destacam-se neste panorama cooperativo, pela robustez da sua organização, a Finlandia, a Suecia e a Noruega, a Suiça, a Dinamarca, a Inglaterra, a Islandia, Israel, a Alemanha, a Bélgica, a Holanda, o Japão e os chamados países do Leste (Russia, Checoslováquia, Hungria, Polónia e outros); e afirmam-se já como unidades fortes e altamente prometedores muitos dos países novos que atingiram a sua independência há uns vinte anos ou menos: a Zambia, a Tanzania, o Ghana, o Uganda, a Argélia, a Birmania, Ceilão, a India, a Coreia, o Vietnam, o Irão, a Tailandia, o Paquistão e tantos outros por esse mundo fora.

Tudo, tudo tem tirado o melhor partido das virtudes intrinsecas da Cooperação. E se os homens quiserem (refiro-me aos homens que governam) não seria amanhã, seria hoje mesmo, que eles encarregariam as cooperativas de resolver todos os seus problemas.

Não há exagero: *todos os seus problemas*, incluindo os do Estado e os das autarquias locais, como as camaras municipais as juntas, etc.

Formar-se-ia então um *Conselho Cooperativo* constituido por representantes da *Federação das Cooperativas* nacionais ou associação de todas as *Uniões* regionais, Conselho que orientaria todas as actividades do país. Esta orientação por um *Conselho Cooperativo* seria simples e fácil, não susceptivel de criar atritos nem ódios, o que faria dele uma solução verdadeiramente nacional e humana para os problemas da comunidade.

2. Como vimos Portugal não figura no quadro que traçámos acima sobre países robustos e países fortes em matéria de Cooperação. Nem podia figurar — Portugal é um país fraco, cooperativamente falando. Possuimos nucleos cooperativos que estão talvez, a ganhar tereno por uma espécie de sangue novo que lhe está sendo injectado, mas a distancia que o separa, mesmo de um país médio em Cooperação como é a Espanha por exemplo, é considerável.

Mas não nos precipitemos e falemos um pouco de história

O Movimento Cooperativo português nasceu, pode dizer-se, da euforia associativista que caracterizou o século XIX na Europa. Assim como se fundou a associação mutualista que visava defender o sócio da gravidade de situações que sobrevêm muitas vezes na idade madura ou na velhice, assim nasceu a cooperativa para acautelar os intereses do mesmo na idade em que se trabalha ou produz ainda. Por falta, porém, de uma base de cultura — cultura sobretudo da história do Cooperativismo e da Cooperação como doutrina económica e social — e ainda de circunstancias extrinsecas de carácter economico e politico, o Movimento Cooperativo português começou por encontrar dificuldades sérias que perturbaram o seu desenvolvimento, sobretudo o de certos sectores. Referimo-nos ao sector do consumo, onde a concentração de empresas se tornou necessária, a exemplo do que ia e vai fazendo o sistema capitalista, mas que se não tem feito por a isso se opor o espirito rotineiro do nosso cooperador. Ele prefere, geralmente, vegetar, dentro dos processos e dos meios que lhe legaram os seus antecessores a associar-se em blocos cooperativos de maior poder económico para melhor poder resistir ás investidas do meio concorrencial que o cerca.

É verdade que se ouvem e se notam já certos efeitos de uma propaganda renovadora efectuada por uma plelade de espíritos esclarecidos. Mas a reacção provocada é ainda débil, e nós temos muitas duvidas sobre o seu êxito se não for posta em prática, sem demora, uma acção-forte de cultura cooperativa e de organização empresarial efectuada sobre os sócios da cooperativa pelas entidades que estão á frente da União Cooperativa em todos os seus departamentos ou serviços.

Note-se que este marasmo foi um tanto sacudido no sector da produção pela intervenção do Estado. Vendo que não resolvia os seus problemas, filhos de uma transformação profunda, imposeta pelos novos processos da técnica e pelas ideias que sopravam de certos sectores da Economia, o Estado legislou e promoveu a fundação de cooperativas agricolas concedendo-lhes substancial auxilio por intermédio das Juntas de Colonização Interna, do Azeite e do Vinho, motivo por que hoje temos um bom rendimento em centenas de instituições votadas á terra ou á transformação dos seus produtos. Não vai contudo sem dizer-se que muitas destas cooperativas estão ou vão estar em crise. Fundadas por uma pessoa — e pode dizer-se que só uma — que nelas tem sido tudo desde o secretário, ao tesoureiro e ao gerente, não se vislumbra agora quem há-de suceder-lhe, uma vez que ninguém é eterno e ninguém se preparou para a tarefa. O próprio Estado, que financiou as instituições, nunca encarou convenientemente o problema da sucessão das gerências. Descurou-o simplesmente.

Mas vamos continuar. O numero das cooperativas de produção agrícola orça por umas 450 entre adegas, lagares de azeite, lacticínios, canhamo, etc. Não é muito, mas é superior ao das cooperativas de consumo que não vai além de 150, incluindo a distribuição e a habitação. (Comparem-se agora estes numeros com o das cooperativas espanholas que já em 1901 era 9801).

Algumas das cooperativas de consumo situadas ao sul do Tejo (Almada, Seixal, etc.) e, ao norte, na zona do Porto, estão relativamente prósperas, mas este sector ressente-se largamente ainda dos efeitos de uma quantidade mais que ultrapassada. Era tempo de se formarem as tais unidades fortes económicamente por concentração da fusão das cooperativas fracas, débeis mesmo, que as há e vizinhas, mas não é do nosso conhecimento que alguma se tenha já realizado.

Todavia, há casos que são bem urgentes.

3. Do que precede pode concluir-se que, no actual momento, o problema que mais prementemente se põe ás cooperativas, é ainda, e sempre, o da formação de bons cooperadores, incluindo nesta designação os dirigentes. Podemos falar noutros que existem — o da concentração e até fusão de empresas cooperativas já referido, o crédito, visto que a cooperativa precisa de dinheiro para fundo de maneio, a atracção da mulher pelos seus programas de acção, pois se provou, com o tempo que a mulher é um elemento importantissimo para o progresso e valorização do Movimento Cooperativo. Mas nada disto resultará sem uma mentalidade própria cooperativa por parte do sócio, sem o conhecimento de que a Cooperação informa de uma ética que vai da honestidade de processos e costumes á moralidade de uma vida levada com dignidade e aprumo, que há-de fazer dela um exemplo fecundo de civilização no combate á exploração do homem pelo homem, na defesa da justiça e no respeito dos direitos de toda a gente. Se assim há-de ser a cooperativa — e deve ser — que sentido tem a admissão de um sócio que nem sequer sabe o que ela é, e que no exercício que dentro dela faz das suas funções, opta tantas vezes pelo critério cá de fora, tão alheio ás conveniências e aos fins da Cooperativa?

Que sentido tem um dirigente cooperativo que não sabe que a sua cooperativa não é, na parte dos fornecimentos, por e, se ela for de consumo, uma loja como as outras em que se busca do lucro para um só, enquanto que aqui o rendimento tem que ser para todos, proporcionalmente distribuido ao seu consumo? Que papel é o de um e de outro em presença de problemas que surgem mas que transcendem a sua falta de formação cooperativa e a consciência das suas responsabilidades, mórmente num tempo em que as transformações se impõem amiude e não menos ainda a necessidade de prestar-lhes atenção e realização condignas?

Muito e muito há que fazer neste campo da cultura do cooperador, e por isso nos parece que o problema numero um é este que é o que pode imprimir ás cooperativas o rumo que elas têm urgência de tomar. Evidentemente que ao lado deste há outros como sejam, por exemplo, a organização e a gerência de uma empresa moderna, com toda a nova técnica de compras e vendas, mas o primeiro é um problema a longo prazo, que não se resolve em meia duzia de dias, enquanto que o segundo é, por sua natureza de mais fácil e rápida solução, uma vez que se resolva encará-lo.

Entendemos que para uma acção cultural conveniente, cumpre promover com a possivel brevidade:

a) A fundação de uma Escola Cooperativa (que o Estado poderia e deveria subsidiar) também encarregada da organização de cursos por correspondência a facultar aos interessados residentes em localidades afastadas;

b) A constituição de uma brigada móvel, de cooperadores já evoluidos, que auxiliassem paralelamente esta acção escolar junto das cooperativas em sessões préviamente marcadas; e

c) A constituição de *guildas* femininas junto das cooperativas, orientadas convenientemente por elementos idóneos, que tratem de assuntos relacionados com a Cooperação e com Economia Doméstica, com a cultura da mulher e educação dos filhos, com a Arte e a Literatura, etc., etc.

Feito isto, terão as cooperativas dado então o primeiro grande passo em frente.

No próximo número deste suplemento iniciaremos um inquérito

ao acaso da rua

sobre problemas do cooperativismo

Pedro Monjardino e o parto sem dor em Portugal

(Continuação da pagina 1)

nheci, com a consciência amargurada de ter falhado onde mais gostaria de ter sucedido. Essa amargura era tão funda que não lhe permitiu nunca aperceber-se de duas coisas: a primeira, que a incoerência lógica de qualquer compromisso resultava de uma fatalidade histórica e não de uma insuficiência pessoal: a segunda, que sobre essas incoerências lógicas de base a sua vida era moralmente exemplar. Em tudo quanto me recordo dele sempre o vi fazendo o que considerava certo e justo e a sobreposição de critérios apenas complicava as escolhas nunca servindo de pretexto para as evitar ou adiar.

Dos valores tradicionais da sociedade portuguesa e do meio em que nascera dentro dela este filho de uma família aristocrática açoriana, burguêsmente enriquecida, recebera uma boa parte. Não era, é certo, católico, mas o seu ateísmo acompanhado de anticlericalismo não é um traço menos tradicional em muitos homens da sua geração Casou de resto na Igreja por sua mulher ser à época católica — e as senhoras da sua família de origem eram e continuaram a ser católicas. Pertencia naturalmente às camadas superiores da população portuguesa e participava das responsabilidades paternalistas inerentes a essas camadas. À sua volta gravitavam, dependendo dos seus favores e da sua capacidade de obter favores, pessoal doméstico, parentes, amigos variados. Havia restaurantes em que o bife era cozinhado com especial cuidado para o dr. Monjardino, carpinteiros que se esmeravam mais nas estantes que para ele faziam, grávidas pobres da província que vinham, com carta de recomendação de antigo condiscípulo ou de correligionário político, ser vistas de graça no seu consultório da Rua do Carmo. A família, particularmente a família próxima por ele constituída, era central na sua vida; era em grande parte por ela que tão intensamente trabalhava, em função dela planeava férias e viagens, para ela construia casas elas próprias simbólicas da unidade e da força da família. De tudo isto, de ser *pater familie* e patrono de amigos em dificuldades, ele gostava, tirando real prazer das responsabilidades e do prestígio inerentes. A sua presença física, o seu gosto indisfarçado pelas coisas boas da vida, quer as que o dinheiro compra quer as que o dinheiro não compra, eram sensuais e sadios e ajudavam a infundir a força e a segurança protectora que muitos experimentavam ao conviver com ele.

E todavia, esta sociedade em que ele fora criado e para que fora treinado, onde tão bem e com tanto êxito se movia, estava longe da sociedade ideal que ele gostaria de ver à sua volta. Essa sociedade ideal — mais justa, mais livre e mais igualitária — que existia na sua mente determinou a sua posição política. Num sentido restrito essa posição caracterizou-se por uma constante oposição ao Etado Novo.

Num sentido lato, contendo mais implicações éticas, punha necessáriamente em causa muitos dos aspectos da vida portuguesa, reforçados pelo presente regime político mas não criados por este, de que ele por outro lado beneficiava. Neste sentido lato as contradições entre, por um lado, o interesse próprio, e, por outro,

PEDRO MONJARDINO — o introdutor em Portugal do parto sem dor

os interesses gerais da comunidade eram evidentes. Como conciliar o gosto pela autoridade e posição central de *pater familia* com o gosto de ver nos restantes membros da família seres igualmente livres e independentes? Como conciliar os atributos que fazem uma parte importante do prestígio do homem português tradicional com os deveres de marido numa ética que não dá ao homem, nestas matérias, uma posição priveligiada? Como conciliar os benefícios tradicionais e de prestígio que decorrem de uma actividade profissional privada bem sucedida com uma organização da sociedade em que, por impostos progressivos ou rendimentos mais baixos, o rendimento real dos mais ricos seja muito inferior aos que se podem obter agora nas profissões liberais portuguesas? Como conciliar a emancipação das classes trabalhadoras com a existência de um serviço doméstico elaborado, dedicado e barato? Para pôr tudo numa frase, como conciliar privilégio e justiça?

A resposta é simples: não há conciliação possível E aquelas que vivem nos benefícios de um dos lados mas lutam pela obtenção do outro sabem isso. Em política, a sua forma particular de esquerdismo ou, como se diz em Portugal, de oposição, não tem a sustentá-la, como têm outras formas de esquerdismo reivindicações próprias. Nem sequer, no caso de Pedro Monjardino, ambições políticas pessoais. A actividade política era nele resultado de um imperativo ético e social e não de uma vocação A sua posição de esquerda era a posição patrícia dos que nasceram e vivem bem mas cuja sensibilidade responde ao sofrimento de outros, menos afortunados. O seu motor não era a ambição mas a generosidade

Muita gente mais ou menos próspera, em Portugal, sabe que está a viver os últimos anos dos seus privilégios e procura, de várias maneiras, defendê-los. Pedro Monjardino, embora muitos desses privilégios fossem caros a uma parte de si próprio, procurava combatê-los No campo estritamente político esse combate não era fácil mas as dificuldades eram, sobretudo, exteriores. Noutros campos, em que os valores estão arreigados mais profundamente, o combate era mais duro e era com o próprio Nas relações matrimoniais, nas relações de família, na teia de favores pessoais dispensados e solicitados, na organização da vida profissional, nos critérios segundo os quais dispender um rendimento pessoal considerável, a sua consciência ética assumida constantemente se degladiava com os valores éticos que herdara. Dadas as circunstâncias da sua vida as escolhas resultaram quase sempre em compromissos difíceis e, para ele, pouco satisfatórios. Mas através dos erros que julgou ter cometido e que porventura cometeu, as suas decisões, foram sempre informadas por dois princípios — um princípio aristocrático de integridade pessoal e um princípio democrático de justiça. Fossem quais fossem as outras hesitações estes princípios permaneceram na sua vida, firmes como duas traves mestras

O dilema ético em que Pedro Monjardino viveu é talvez comum a muita gente da sua geração e do seu meio. O que não é tão comum é a seriedade intensa com que ele o viveu e a maneira como o viveu quase exclusivamente consigo próprio, assumindo sòzinho a agonia das suas dúvidas e a responsabilidade dos seus erros, e guardando para o exterior a aparência de segurança tranquila e bonomia forte em que tanta gente encontrou auxílio e conforto. Na sua solidão interior e na sua integridade pode dizer-se dele que foi, como o herói de Unamuno, *nada menos que todo um hombre.*

Oxford, Setembro, 1969.

JOSÉ CUTILEIRO

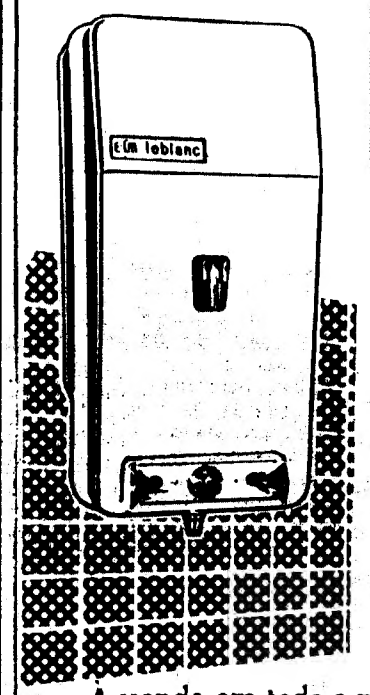
ÁGUA QUENTE BARATA!

Para o banho, para a cozinha, para duches, para lavagens, etc., a toda a hora, em qualquer local e em qualquer quantidade, eis o que lhe proporciona o famoso ESQUENTADOR francês

E.L.M.

Apresenta

o NOVO modelo de 6 litros multigás



funciona com qualquer tipo de gás, serve para águas com ou sem pressão e é dotado de

SEGURANÇA TOTAL AUTOMÁTICA

que evita todo o perigo de intoxicação e de explosão

À venda em todo o país nas casas da especialidade

Representantes exclusivos.

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

SECÇÃO ELECTRODOMÉSTICA

RUA DOS DOURADORES, 43 — TELEF. 36163 — LISBOA

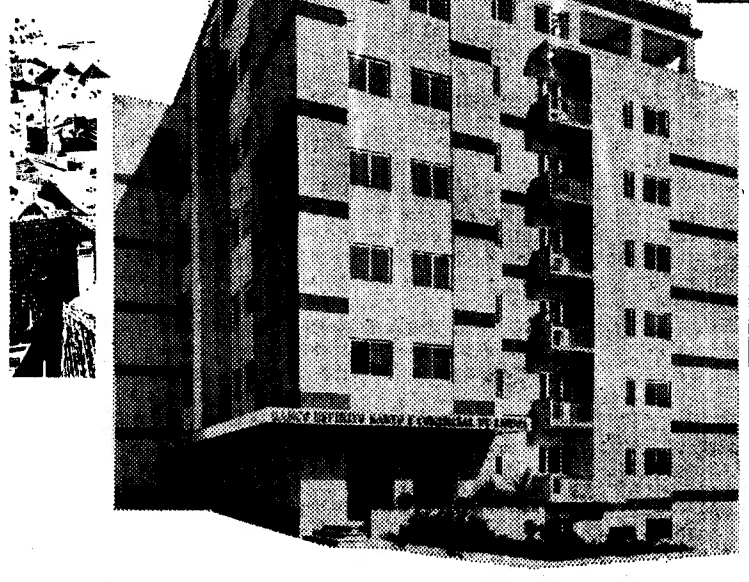
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

uma paisagem sobre o futuro

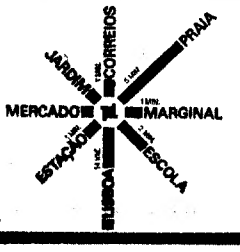
EDIFÍCIO PANORAMA

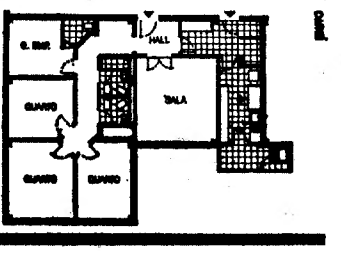
Um panorama para o futuro do seu capital



EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO





EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construida pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

O petróleo da América Latina

I — Um jogo de dominó

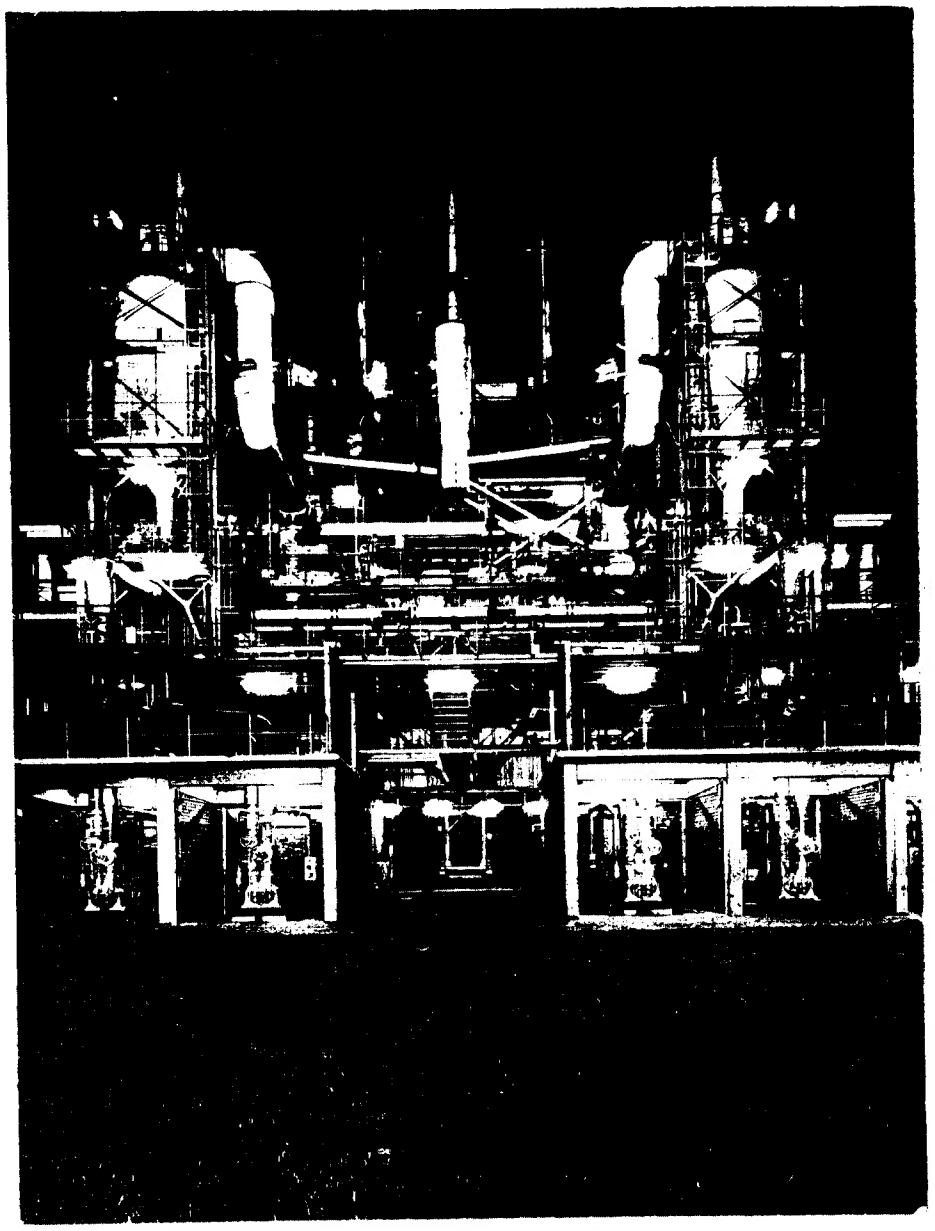
MARCEL NIEDERGANG

«Não tencionamos discutir o direito legítimo do Peru de nacionalizar uma companhia que opera no seu território, de acordo com o direito internacional. Mas, em conformidade com as leis internacionais, o Peru deverá pagar uma soma justa pelos bens expropriados. É este segundo aspecto que nos interessa. E receamos que o caso da I.P.C. venha a ter repercussões análogas ás do jogo de dominó...» Esta inquietação, expressa em Março passado, pelo presidente Richard Nixon, no momento mais escaldante da crise entre Washington e Lima não era infundada. O Governo do Equador acabava de fazer saber á «Texaco Gulf Oil Company» que deveria abandonar dois terços das concessões anteriormente obtidas e negociar um novo acordo. A 27 de Setembro de 1969, logo a seguir ao golpe de Estado que derrubou o Governo Salinas, o general Ovando Candia, ex-comandante-chefe das Forças Armadas bolivianas, anunciava, por sua vez, que a Gulf Oil Company (que explora os jazigos orientais da Bolivia) seria posta na obrigação de negociar novos acordos mais favoráveis ao Governo de La Paz

A 17 de Outubro, o novo regime boliviano decretava a apreensão e nacionalização dos bens da Gulf Oil Company. Ao mesmo tempo anunciava a formação de uma comissão encarregada de avaliar o montante das indemnizações devidas á companhia. A emoção e a surpresa provocadas por esta decisão foram muito vivas em Washington. A hipótese de uma aplicação da emenda Hickenlooper (suspensão do auxílio americano), posta já no caso do Peru desde a apreensão dos bens da I.P.C., não se exclui em La Paz. Em todo o caso, o que se sabe claramente é que o Governo boliviano irá ter que defrontar, nas próximas semanas, as pressões, directas ou indirectas, do Governo de Washington e dos representantes dos grupos americanos com interesses na Bolivia.

O contágio é muito real. O jogo de dominó, temido por Nixon, começou. Significa isto que o exemplo dado pelos militares peruanos, em Outubro de 1968 e depois em Fevereiro de 1969 já foi imitado e que outros Governos latino-americanos podem sentir a tentação de pôr em causa as vantagens concedidas no passado, ás companhias petrolíferas.

A preocupação de evitar, na medida do possível, este contágio permitia compreender a razão por que a reacção de Washington á expropriação dos bens da I. P. C. no Peru foi, a um tempo, viva e prudente. O presidente Nixon declarou imediatamente que «os E. U. A. aplicariam sanções económicas se o Governo não concedesse compensações justas». Mas um ano depois da ocupação espectacular da refinaria de Talaria pelas Forças Armadas peruanas, a emenda Hickenlooper ainda não foi formalmente aplicada (ainda que a economia peruana esteja paralisada por consideráveis restrições de crédito decretadas pelos organismos de financiamento americanos).



Foi primeiro a vontade de «salvar a casa» que animou os emissários oficiais ou oficiosos dos E. U. A. Em Abril passado, um enviado especial do presidente Nixon a Lima propôs o seguinte ajuste aos dirigentes peruanos: Vocês aceitam publicamente indemnizar a I. P. C. por uma soma simbólica de dois milhões de dólares (cerca de 56 mil contos) e nós em troca aceitaremos voltar a prestar o volume normal de auxílio americano ao Peru. O Governo do general Velasco Alvarado recusou este ajuste.

As negociações entre Lima e Washington continuam, ainda que os dirigentes peruanos preferiram falar de «trocas de pontos de vista», entendendo que a questão está regulada e que a I. P. C. ainda dispõe de recursos legais, se assim o desejar. Para Washington trata-se, pois, sobretudo de fazer admitir ao Governo peruano que ele cometeu um «erro». A defesa dos interesses da filial da *Standard Oil of New Jersey* é secundária.

É certo que estes interesses representam apenas 5 % da totalidade dos investimentos americanos no país. A controvérsia que opõe Lima a Washington a propósito dos direitos de pesca nas águas territoriais é, na realidade, mais significativa, embora menos espectacular. Os poderosos armadores da costa californiana dos E. U. A. entendem que não devem renunciar ao princípio da liberdade de pesca no litoral do Pacífico Sul, muito rico em peixe, graças á corrente de Humboldt. O único limite que reconhecem é o limite internacional fixado para as águas territoriais: 12 milhas. O Governo do Peru, bem como os do Equador e do Chile fixaram este limite a 200 milhas. Mas há numerosos capitais americanos investidos na industria peruana de pesca, que ocupa um bom lugar nas actividades económicas da nação. A industria nacional peruana está, pois, ameaçada pela concorrência norte-americana e japonesa e por importantes investimentos americanos, os quais favorecem localmente a concentração em detrimento das empresas nacionais.

A querela sobre os direitos de pesca não opõe apenas o Governo peruano aos E. U. A. Pode ser considerada como um conflito entre os interesses dos armadores da Califórnia e os interesses investidos na industria da pesca do Peru. Para os dirigentes latino-americanos, este tipo de conflito é importante, pois ilustra os novos métodos de penetração do capitalismo norte-americano a sul do Rio Grande. Para o Governo dos E. U. A., submetido ás pressões paralelas ou contraditórias, das «grandes sociemultiplas», trata-se também de evitar que o contágio chegue aos outros sectores onde os interesses americanos são consideráveis.

● Minas e indústrias de transformação

De facto, o conflito provocado pela expropriação, depois pela apreensão de todos os bens da I. P. C., no Peru, remonta ao ano de 1924 e os juristas peruanos não tiveram dificuldades em provar que as actividades da filial de Standard Oil não estavam em conformidade com a Constituição peruana. Corresponde esse conflito a uma época durante a qual o crescimento das industrias tradicionais implicava a luta pelo «contrôle» das fontes das matérias-primas. A crescente deterioração dos termos da troca, denunciada pelos países do Terceiro Mundo, nas conferências internacionais sobre o comércio, ilustra bem a situação actual. O desenvolvimento das indústrias novas não repousa ùnicamente nas disponibilidades em matérias-primas, mas também na infra-estrutura científica e na presença de uma mão-de-obra altamente qualificada. Para os países em vias de desenvolvimento da América Latina e de outros pontos da Terra, não se trata apenas de arrancar o «contrôle» das fontes de matérias-primas, mas também de tentar participar, nas melhores condições possíveis, no progresso tecnológico e científico.

Mas há ainda que ver que o «contágio da expropriação» não joga só de país para país. O jogo de dominó pode, igualmente, aplicar-se no interior de um país tocado pela febre nacionalista. Esforçando-se por obter ganho de causa no caso da I. P. C., os E. U. A. preocupam-se em colmatar uma brecha que ameaça cada vez mais fazer ruir todo o edifício das relações interamericanas. Tanto mais que o petróleo manteve o seu valor de símbolo em razão do seu papel histórico.

Basta lembrar o choque provocado no México e nos E. U. A., em 1938, pela nacionalização dos campos petrolíferos, decretada pelo presidente Lazaro Cardenas. A sociedade nacional PEMEX (Petróleos Mexicanos), criada no mesmo ano, ainda hoje simboliza para os mexicanos a independência nacional, e tem conseguido, de há 20 anos para cá, promover uma política energética original.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Willy Brandt e as duas Alemanhas

(Continuação da pág. 1)

deixar de vislumbrar lucidez e progresso na nova política de Bonn. A derrota eleitoral de Adolf von Tadden e do N. P. D. constituiram um índice da recusa do povo e especialmente da juventude da Alemanha Ocidental em tomar o barco da aventura que não o levaria demasiado longe. Como se sabe a derrota do partido neonazi foi flagrante: não conseguiu mesmo os necessários cinco por cento de votos para ter representação no Parlamento (Bundestag)

O passo de gigante dado por Willy Brandt não o levará ainda à meta. Resta mesmo um longo e espinhoso caminho a percorrer. Por muito que custe ao novo chanceler a hora da verdade só pode soar quando aceitar o reconhecimento incondicional da República Democrática Alemã, isto é, com todos os direitos e prerrogativas inerentes à existência de um Estado soberano. Quando em Berlim-Leste se diz «ou a Embaixada em Bonn ou nada» não se está a fazer espírito. Nem porventura se exterioriza a posição dura do chamado «leninista» Ulbricht. A reunificação da Alemanha passa por essa via, por mais árdua e dolorosa que ela seja.

JOÃO GOMES

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 31 DE OUTUBRO DE 1969 — N.º 17